

PB registra queda de 82% na evasão escolar, segundo Inep

Mesmo com a pandemia, apenas 2,7% dos estudantes da rede estadual abandonaram a escola no ano passado. [Página 15](#)

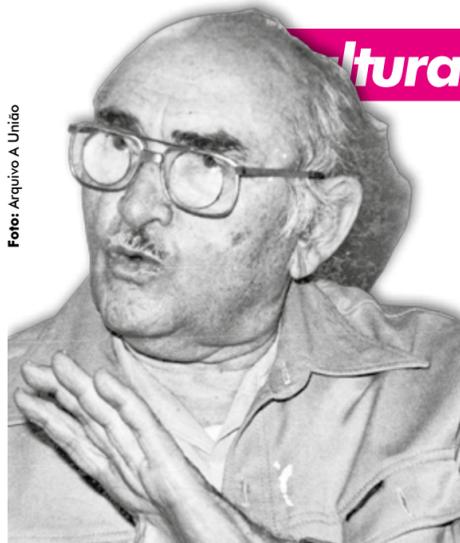


Serviços ameaçados Para Gervásio Maia, PEC 32 abre as portas para a colonização do poder público. [Página 4](#)

Revista

Recursos Hídricos: os planos para modernizar o setor

Presidente da Cagepa, Marcus Vinicius detalha o projeto de reestruturação, que já está em andamento. [Página 3](#)



José Siqueira Documentário conta a história do maestro paraibano que foi "apagado da história". [Página 9](#)

Paraíba

Pandemia estimula a busca pelo conforto espiritual

Como a fé tem ajudado paraibanos a passarem pelos anseios e angústias causados pela pandemia. [Páginas 5 e 6](#)

Colunas

// O avanço da tecnologia nos proporcionou importantes benefícios. No entanto, da mesma forma como gerou facilidades, vem acarretando perigosamente alguns malefícios. // [Página 2](#)

Rui Leitão

// Atualmente, assistimos a veloz consolidação de duas grandes tendências que geram elevados diferenciais competitivos: energias renováveis e da logística para movimentar os negócios. // [Página 17](#)

Chico Nunes



Foto: Marcus Antonius

Rio Jaguaribe, em JP, passará por revitalização

Principal afluente da capital paraibana receberá intervenção, com o desassoreamento até a urbanização das comunidades que ficam no entorno do rio. [Página 20](#)

Foto: Teresa Duarte



Para fugir da crise Atingidos pela recessão provocada pela pandemia, engenheiros de cana procuram se reinventar para não perder receita. [Página 7](#)



Foto: Marcus Antonius

Almana

A resistência do papel Parte integrante da paisagem urbana das cidades, as bancas de jornal lutam para se manterem vivas em tempos digitais. [Página 25](#)

Esportes

Há 45 anos, o Botafogo chegava à elite do futebol

Em 1976, o Belo estreava na Série A, um feito que perdurou até 1986, após sete participações na principal competição do país. [Página 21](#)



Foto: Lucas Figueiredo/CBF

Copa América Depois de brigas na Justiça e protestos, competição tem início neste domingo com dois jogos, um deles entre Brasil e Venezuela. [Página 22](#)

O MELHOR TIPO DE SANGUE É O SEU!

Campanha de incentivo à doação de sangue

DOE SANGUE,
DOE VIDA!
DOE SANGUE,
DOE VIDA!
DOE SANGUE,
DOE VIDA!
DOE SANGUE,
DOE VIDA!
DOE SANGUE,
DOE VIDA!

Editorial

Viver a praça

São dignas de elogios e merecedoras de apoio as pessoas que cuidam bem das praças dos bairros onde moram. Cobram providências do poder público, mas não esperam que as coisas caiam do céu ou dependam exclusivamente da vontade da prefeitura municipal. Então, limpam o local e cuidam da jardinagem, por exemplo, usufruindo melhor dos largos.

Há quem as critique por achar que é obrigação privativa da municipalidade manter as praças limpas, arborizadas e com belos canteiros de flores, além de equipadas com bancos e aparelhos para a prática de exercícios físicos. Geralmente são pessoas que não frequentam as praças, principalmente quando elas estão sob a gestão de seus adversários políticos.

Cuidar bem das praças é salutar. É uma maneira de se relacionar melhor com a cidade; de exercitar plenamente a cidadania e evitar que a ocupação daquele espaço transcorsa de modo desvirtuado, a exemplo da invasão de propriedade pública para instalação de estabelecimentos comerciais ilegais, na maioria das vezes, para a venda de bebidas alcoólicas.

Sem dúvida, a qualidade de vida daria um salto qualitativo muito grande, caso a maioria das pessoas passasse a tratar a cidade onde mora com a mesma atenção que dedica às suas casas ou apartamentos. Sendo assim, evitariam jogar lixo nas praças, ruas, rios e mares, não abririam esgotos clandestinos, não construiriam em locais proibidos, e por aí vai.

Ter uma responsabilidade prática para com a cidade é viver de um jeito menos alienado, haja vista que vivenciar, de fato, o lugar onde se mora implica na interação com a vida política e social, e também com o meio ambiente local. Cidade e natureza não deveriam ser conflitantes, mas polos integrados de uma ação humana progressista, e não destrutiva.

A praça como palco de sociabilidade, e não de comportamentos antipáticos, como as bebedeiras que agridem o sossego e a saúde pública com suas trilhas sonoras estridentes e o saldo final de entulhos de plástico e de vidro. A praça como palco de diversão para as crianças, de descontração para os jovens e adultos e de relaxamento para os idosos.

Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

Como vivíamos antes do celular?

Com certeza nossos netos e muitos dos nossos filhos não saberão responder a essa pergunta. Para eles, é inimaginável entender como poderíamos ficar sem essa comunicação em tempo real que a internet nos proporciona através dos aparelhos celulares. Devem concluir que estávamos num atraso grande, sem a possibilidade de acompanharmos as notícias na hora em que elas aconteciam, passando dias ou meses para receber uma comunicação de quem estava distante, tendo dificuldades em tirar dúvidas já que não havia o Google.

No meu tempo, a única forma de se comunicar com outra pessoa com rapidez era através do telefone fixo e, mais tarde, pelo "orelhão", telefones públicos colocados ao dispor da população. Para saber o número do telefone de um amigo era preciso consultar o catálogo que as empresas de telefonia imprimiam a cada ano ou guardá-los na memória.

/// Não tínhamos como curtir, salvar ou copiar imagens ou arquivos que nos interessavam. Éramos obrigados a conservá-los em pastas físicas ///

Os celulares substituíram as máquinas fotográficas. A revelação de fotos que hoje é instantânea nos aparelhos móveis, demorava em torno de cinco a oito dias. Os filmes que usávamos estavam limitados a trinta e seis fotos. Imagine o custo que essa operação exigia.

Não tínhamos como curtir, salvar ou copiar imagens ou arquivos que nos interessavam. Éramos obrigados a conservá-los em pastas físicas, correndo o risco de serem deteriorados com o passar do tempo. Quando desejávamos consultar sobre os serviços que necessitávamos utilizar (táxi, hotéis, restaurantes, clínicas médicas, etc.) era necessário folhear as listas telefônicas fornecidas pelas empresas de telefonia.

Os trabalhos que envolviam a necessi-

dade de pesquisa nos obrigavam a buscar respostas para nossas dúvidas em enciclopédias impressas, como a Delta Larrouse, Britânica, Barsa, etc. ou nos deslocarmos até uma biblioteca. Estudar se tornava, portanto, uma tarefa mais trabalhosa.

Acompanhar o que acontecia pelo mundo, só pelos noticiários de rádio e TV, ou pela mídia impressa. Isso, vale dizer, não eram informações em tempo real.

Complexa era a atividade de gravar músicas que gostaríamos de ouvir a qualquer instante. As canções eram selecionadas e gravadas uma a uma em fita cassete.

Anos mais tarde já poderíamos fazer isso usando um programa de computador e transferindo as músicas escolhidas para um CD.

Essas são apenas algumas das dificuldades que tínhamos antes do advento do telefone móvel. O avanço da tecnologia nos proporcionou importantes benefícios. No entanto, vantagens para a nossa vida, vem acarretando perigosamente alguns malefícios, em razão do que se convencionou chamar "monofobia: síndrome da dependência do celular ou da internet.

Necessitamos vencer a compulsão para a hiperconectividade, sob pena de transformar aquilo que pode funcionar como diversão ou algo útil no nosso dia a dia, em um promotor de angústias e ansiedades. Se as gerações contemporâneas se vangloriam das vantagens que o celular nos tem oferecido, as que viveram no passado sem ele, se gabam de não terem vivenciado os perigos de saúde a que ele nos impõe. A modernidade, pois, ao trazer serventias interessantes, produz, também, nocividade, perniciosidade, ao nosso viver.

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Cemitério da Jurema

Pouca coisa se sabe sobre seus muitos mortos. Eles são pobres até de notícias, indigentes de epitáfios. A campa mais singela. A cruz, tatuada na pele de carvão a ferro em brasa, foi sepultada. O leilão da morte fica alhures, em Alhandra, nos domínios do Conde, à sombra da flor dos ventos que pende em Gurugi, ribeirando Gramame quando o rio banha-se no mar e devolve à mãe África no soluço dos afogados. Há outra opção: o naufrágio na fornalha, quando a pele não serve mais para o açoite e o pescoço para a canga com eles. O rebanho de mortos dorme apascentados pela única liberdade Lei Áurea do silêncio. O Cemitério de Jurema, banzo, acolheu o acalanto da senzala.

Na passagem do anjo exterminador, o Cemitério da Jurema ganhou mais outra mortalha de alforria. Era Páscoa, e Severina, morte e vida, transpôs o mar vermelho de sangue rumo à terra prometida. A senzala do Egito ficara para trás. E Aruanda além Canaã, esperava seus eleitos.

Quem matou Severina atropelada com a multidão e tiroteada entre os feridos? A biga do faraó ou o tanque da SS, cifrão do capital? Ou a camioneta do proprietário da gleba? Ou o carro alegórico da propriedade, enredo da ideologia?

O homem que matou Severina é tão pobre que também se chama Severino. Tão pobre que pensa que é rico. Tão pobre que uma pequena gleba é propriedade. Mas é proprietário.

O inconsciente não tem léguas, desconhece distância e tempo. A gleba de Severino no subterrâneo de sua mente, tem a mesma representação das quebradas da fazenda, do horizonte da usina. Via, na fome dos outros, ameaça para seu jejum quebrado.

Severino é tão pobre que poderia ser mandado. Mas tão rico que pode ter iniciativa - a mais privada, a de matar. E matar em defesa do que supõe ser propriedade. Um mês antes, havia previsto morte ao cura da aldeia se novas invasões houvesse nas terras do Conde. Ele pensa que a terra do Conde é

dele, mas é do Conde. Severino antecipou o necrólogo do cura, procurou o jornal e disse que o cura iria morrer se as léguas do Conde fossem invadidas pelos sem-terra.

A imprensa registrou a ameaça. O cura procurou a Severino desmentiu, advogado ao lado, a notícia da véspera. Agora, confirmou. Catou o cura entre a multidão, pisando os corpos com os pneus. Catou o cura a tiros, recarregou a arma, descarregou o ódio fugou levando na caçamba a representação da propriedade. Isso aconteceu no pátio da Justiça, frente ao Fórum, o magistrado pedindo clemência.

Meses antes, foi a vez do sobrinho de severino matar outro sem-terra, Zé. O criminoso sempre volta ao local do crime e voltará semana passada. A multidão foi ao juiz, Severino também foi e deu carona à morte atalhando a multidão com o carro alegórico da propriedade. E a xará Severina foi para o quilombo da Jurema, a senzala dos alforriados, alhures Alhandra, onde a flor dos ventos tomba definitiva.

Severino avisou que ia matar, mas nenhuma providência foi tomada. As autoridades preferiram pagar o preço da desídia para ver. Quando o juiz gritou pela polícia, Severino já havia ferido mais de vinte e matado Severina na praia da Justiça. E o sítio da Jurema ganhou mais um leirão.

Se dividirem os latifúndios em mini-léguas para os sem-terras, a propriedade alegórica se multiplicará em milhões de Severinos, crente que são donos das terras do Conde. Só o Cemitério da Jurema continuará como a Cooperativa dos Mortos Organizados, clandestinos do veleiro da senzala. Eles desembarcavam e eram ancorados no último cais, no cais definitivo.

Seus ossos amuralham o mar que reclama as terras de massapê. Mas os cooperados da Jurema, os que vestiram em vida a mortalha de escravidão, não confundem alforria com escritura. Para eles, a terra não é do Conde nem de ninguém, é uma só, inconsútil e profunda como a pele da noite

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelha
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

Plano vai modernizar uso de recursos hídricos na Paraíba

Edital para contratação de empresas que darão início às obras para reestruturação do setor estão em fase de elaboração

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

O Plano de Segurança Hídrica da Paraíba está em andamento junto ao Banco Mundial fazendo os ajustes e avaliações referentes à parte burocrática de lançamento dos editais para a contratação das empresas que darão início às obras envolvidas. O projeto é uma iniciativa do Governo do Estado através da Secretaria de Infraestrutura, dos Recursos Hídricos e do Meio Ambiente (Seirhma) em parceria com a Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (Cagepa), a Agência Executiva de Gestão das Águas da Paraíba (Aesa-PB) e outros órgãos.

O plano vai beneficiar toda a população da Paraíba, especialmente, regiões como o Cariri e o Curimataú, pois o Sistema Adutor Transparaíba levará água de qualidade para as localidades. O sistema é a maior ação prevista dentro do projeto em sua totalidade. Estima-se que a Adutora

Transparaíba alcance 223 mil pessoas em mais de 25 municípios entre o Agreste e a região do Borborema. Os investimentos do Plano de Segurança Hídrica irão possibilitar também uma reestruturação da Cagepa e da Aesa-PB, além da ampliação da capacidade do tratamento da companhia em João Pessoa com o reordenamento do sistema de saneamento.

De acordo com o presidente da Cagepa, Marcus Vinicius Neves, os projetos "envolvem basicamente as ações de melhoria da estrutura hídrica do estado". Entre as principais obras estão a Adutora Transparaíba ramal Cariri, que está inserida nos investimentos junto ao Banco Mundial, em torno de 80 milhões de dólares, e o ramal Curimataú, que entrará como contrapartida do Estado da Paraíba, usando recursos próprios do governo estadual e da companhia, remontando um valor de cerca de 150 milhões de reais.

Já no reordenamento do sistema de saneamento na capital e Região Metropolitana, Marcus Vinicius destacou algumas das ações: "Nós vamos reorganizar o saneamento, ampliando a capacidade de tratamento e transporte desses efluentes. Por exemplo, você coleta o esgoto na porta do cidadão, mas ele precisa ser transportado primeiro pela tubulação de rede existente, mas também depois para as elevatórias, para os coletores, e esses coletores, haja vista o crescimento da cidade, estão exaurindo sua vida útil no sentido de quantidade e transporte... Então, a nova usina 2 e a reforma da usina 1, que entra também como contrapartida com recursos da Cagepa, e a ampliação da estação de tratamento vão garantir a qualidade do esgoto coletado e tratado, sendo disposto no meio ambiente de forma correta".

Para essa parte do PSH, o investimento é de mais de 30 milhões de dólares.



Foto: Orילו Antonio

Marcus Vinicius, presidente da Cagepa, ressalta que PSH vai beneficiar todos os paraibanos de maneira direta ou indireta

+ Reformulação da Cagepa reduzirá custos, impactando na tarifa

A própria Cagepa passará por melhorias através das ações previstas no PSH. "Temos também outras situações que envolvem a questão da construção e da implementação do Plano de Recuperação de Perdas da Companhia, que prevê setorização, automação, ou seja, ganho de eficiência daquilo que já está implantado, melhorando. Você está retirando menos água do meio ambiente, trata menos água, diminui custo, amplia sua capacidade de investimento e assim faz mais ainda com o que nós já temos", afirmou o presidente da companhia.

Segundo Marcus Vinicius, esse tipo de transformação impacta diretamente na tarifa que chega ao cidadão. "Quando a gente reduz perda, é utilizar

inteligência, a boa prática de engenharia e, obviamente, toda tecnologia envolvida para que possamos diminuir custo operacional, melhorar a rede e fazer com que essa água chegue com qualidade e melhor para toda a população da grande João Pessoa, que onde nós temos esse processo hoje envolvido", destacou ele.

A estrutura organizacional da Cagepa também será remodelada. "A questão de modernizar nossa empresa, trazendo-a para as melhores práticas de gestão de pessoas, gestão administrativa, plano de cargos e de salários, ou seja, o processo de meritocracia que estamos implementando agora passa a fazer parte dessa estrutura funcional da empresa, uma nova estrutura

funcional para fazer face às demandas do saneamento", completou o presidente da Cagepa.

Edital

Todas as ações destacadas pelo presidente da Companhia de Águas e Esgotos do estado fazem parte do Plano de Segurança Hídrica junto ao Banco Mundial e estão à espera da autorização final da entidade financeira para o lançamento dos editais de seleção das empresas que estarão envolvidas nas obras. A metodologia utilizada pelo Banco Mundial para processos seletivos é diferente da utilizada pela Cagepa, por exemplo, conforme explicou Marcus Vinicius.

"Eles têm uma metodologia diferente e como é recurso inter-

nacional, nós temos que utilizar essa metodologia de seleção deles. Então, existe um processo de lista curta, de lista longa, um processo muito criterioso, inclusive, muito minucioso", argumentou ele.

Virgiane Melo, secretária executiva da Seirhma e coordenadora do Plano de Segurança Hídrica junto ao Banco Mundial, detalhou outros benefícios do projeto. "Espera-se que toda a população do estado, cerca de quatro milhões de pessoas, recebam benefícios diretos e indiretos das atividades de assistência técnica e fortalecimento institucional apoiadas pelo projeto para melhorar a gestão integrada dos recursos hídricos no estado. Mais especificamente, todos os 1,25

milhões de habitantes do RMJP serão impactados pelos benefícios gerados pelas melhorias nos sistemas de abastecimento de água e esgoto", explicou ela.

Conforme destacou a Seirhma, o objetivo do Plano de Segurança Hídrica é melhorar o acesso e a segurança hídrica a partir de aprimoramentos na gestão dos recursos hídricos do estado, aumentando assim a oferta de água potável nas áreas do semiárido paraibano. Além disso, o PSH visa otimizar os sistemas de abastecimento de água e esgotamento sanitário na Grande João Pessoa.

Mais informações sobre os editais podem ser obtidas por meio do telefone +55 (83) 3133-1275 ou por meio do e-mail: cel@seirhma.pb.gov.br.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

REFORMA ADMINISTRATIVA: DEPUTADO PROPÕE AUDIÊNCIA PARA DEBATER PEC, QUE CONSIDERA "ROLO COMPRESSOR"

Crítico da Proposta de Emenda à Constituição 32, que trata da Reforma Administrativa, o deputado federal Gervásio Maia (foto) protocolou requerimento para a realização de audiência pública no âmbito da comissão especial da Câmara dos Deputados que analisa a PEC. Titular do colegiado, o parlamentar do PSB afirma que o Governo Federal quer aprovar a proposta de afogadilho, sem esmiuçar o conteúdo e os efeitos negativos que as mudanças deverão infringir ao funcionalismo. "Em plena pandemia, o governo Bolsonaro quer passar o rolo compressor em cima do serviço público. Poderíamos estar debatendo a Reforma Tributária e outras pautas voltadas para minimizar os danos causados pela pandemia, mas isso não interessa ao governo", criticou. A PEC 32, que o deputado considera um desastre para o serviço público e para os servidores, foi aprovada, no mês passado, na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania. Já estão confirmadas a presença na audiência pública do presidente do Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais do Trabalho, Bob Everson Carvalho Machado; do presidente nacional dos Procuradores do Trabalho, José Antônio Vieira de Freitas Filho, e do presidente da Associação Nacional dos Advogados Públicos Federais, Lademir Gomes da Rocha. "Um tema dessa magnitude não pode ser tratado sem ouvir os servidores públicos", argumenta o deputado. Entre as críticas feitas ao projeto está a restrição à prerrogativa de estabilidade no emprego.

NÃO IRÁ COMPARECER

A Casa Civil já avisou: o presidente Bolsonaro não irá à abertura da Copa América, hoje, em Brasília, onde ocorrerá o jogo entre Brasil e Venezuela. Uma pergunta se impõe: não foi o presidente que bancou a realização do evento no Brasil, mesmo com o recrudescimento da pandemia? Porém, não será surpresa se ele 'desistir da desistência'.

NA ÓTICA DA PESQUISA

Há um dado que talvez justifique o porquê de o presidente ter tomado a decisão de não ir à Copa América. É que a pesquisa Exame/Idea, divulgada sexta-feira, apontou que 61% dos brasileiros acham que a competição não deveria ser realizada no Brasil, contra 34% que se posicionaram favoráveis - 18% não souberam responder.

"TRAIU A AMIZADE"

O deputado Julian Lemos (PSL) está cada vez mais alinhado ao projeto de reeleição do governador João Azevêdo (Cidadania). Mas o mesmo não se pode dizer dele em relação a Bolsonaro, pelo qual trabalhou em 2018. Numa emissora de rádio de Campina Grande, afirmou que "Jair foi muito injusto comigo, e traiu a minha amizade".

"PODE VIR, SIM"

Esta semana, durante solenidade de inauguração da nova sede do Batalhão Ambiental da Polícia Militar, em que o deputado Julian Lemos esteve presente - o parlamentar destinou R\$ 33 milhões em emendas para a área de segurança na Paraíba - o governador afirmou que "a parceria de 22 [com o PSL] pode vir, sim".

SENADOR DA CPI SUGERE A QUEIROGA PEDIR DEMISSÃO

"Para um médico, que conhece a doença, se o Queiroga fizer essa portaria, será muito melhor ele pedir demissão". Do senador Otto Alencar (PSD-BA), membro da CPI da Covid, após afirmar que o ministro paraibano foi 'desautorizado' pelo presidente, quando este sugeriu a ideia de desobrigar a população a usar máscaras no país.

DEBATE NA PARAÍBA

O debate sobre a proposta de Reforma Administrativa também será tratado na Paraíba. O deputado Gervásio Maia informa que, na próxima segunda-feira, às 19h, participará de um debate remoto com os servidores públicos da Paraíba, por intermédio do instagram do Fórum dos Servidores.

Gervasio Maia, deputado federal



André Resende
andreolimpio89@gmail.com

Sem poupar críticas ao Governo Federal e alertando sobre o aumento da votação de matérias complexas ao chamado “toque de caixa”, o deputado federal da bancada paraibana e de oposição ao presidente da República, Gervasio Maia (PSB), tem sido um dos congressistas mais combativos à Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 32 apresentada por Jair Bolsonaro em setembro de 2020. Entre outros reflexos, a PEC afeta diretamente o funcionalismo público, modificando dispositivos que garantem direitos básicos, como a estabilidade e obrigatoriedade de contratação por meio de concursos.

A proposta foi aprovada na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania da Câmara, onde foram julgadas a constitucionalidade e a admissibilidade. O pró-



Foto: Divulgação/Câmara dos Deputados

“Estamos vendo a verdadeira passagem da boiada... Em plena pandemia, o governo Bolsonaro quer passar o rolo compressor em cima do serviço público”

“A PEC não afeta só os servidores públicos, ela desmonta a máquina pública e confere superpoderes ao presidente da República”

“A PEC 32 abre as portas para colonização do poder público”

Integrante da comissão que analisa proposta de reforma administrativa, parlamentar critica debates ‘a toque de caixa’

ximo passo é a apreciação na Comissão Especial, que foi formada apenas para discussão da PEC. Gervasio Maia é parte da comissão e, recentemente, protocolou o pedido de audiência para que as várias categorias do serviço público sejam convocadas a debater a medida

que prevê modificar a Constituição Federal.

“Não tem o menor cabimento a votação de uma PEC como a 32 no meio de uma pandemia em que as entidades sequer podem participar de um movimento democrático, saudável. Não podemos tratar de um tema

“As pessoas começaram a enxergar que o presidente não fez o que deveria como chefe da nação em relação à crise sanitária, sobretudo, na compra de vacinas”

dessa magnitude sem ouvir os servidores públicos”, reclama o deputado federal. Para o parlamentar, a PEC 32 é somente mais um “boi na boiada” que o Executivo Federal, juntamente com a sua base no Congresso, abre caminho para passar.

Em entrevista exclusiva

ao Jornal A União, Gervasio Maia avaliou a tramitação da PEC 32, criticou a forma como o Congresso tem trabalhado em relação a matérias complexas e importantes para o Brasil e criticou a gestão do presidente Jair Bolsonaro diante da crise sanitária causada pelo coronavírus.

A entrevista

Analizando detalhadamente, quais são as principais alterações propostas pela emenda apresentada pelo presidente Jair Bolsonaro?

Ela afeta a estabilidade dos servidores públicos da ativa, sobretudo afeta os processos de contratação dos servidores. Pelo texto da PEC, concursos públicos estarão em risco, porque abre brecha para que os próprios concursados sofram uma seleção, cuja lisura e segurança não são garantidas em nenhum ponto. Mas é preciso ampliar o debate, a PEC 32 não afeta só os servidores públicos, ela desmonta a máquina pública e confere superpoderes ao presidente da República. As mudanças propostas são terríveis, isso é aquela história, é a transformação das funções de confiança, essas funções de confiança e assessoramento em atribuições estratégicas e técnicas, sem a necessidade de prévio concurso público. A PEC abre as portas para a colonização do poder público pelo partido que está ocupando o governo. Um dos critérios basilares da administração pública, como o da impessoalidade, é frontalmente atacado. A proposta entrega a pessoas estranhas, que não são da carreira, cargos que são estratégicos, e pior, colocam em risco os servidores que precisam atuar com independência do chefe do Executivo, fazendo com que todos sejam subordinados a partir da perda da estabilidade. Quando você começa a fazer uma avaliação ponto a ponto dessa proposta, não há

nada que justifique a ideia de ‘deforma’.

Como essa PEC atua, para além do prejuízo aos servidores públicos, no que o senhor chama de desmonte da máquina pública?

Desmantela e desmonta, a ‘deforma’ não termina com a votação da PEC. O texto da PEC prevê um direcionamento das competências que são do Congresso Federal, um deslocamento de competências do Legislativo para competências privativas do presidente da República, ou seja, matérias de reorganização da estrutura administrativa podem passar a ser definidas por decretos do chefe do Executivo. A proposta também retira do Poder Legislativo seu caráter de fiscalização e, pior, atribui ‘superpoderes’ ao presidente, porque tirar essa competência da casa do povo, da casa das leis, tirar poder de um colegiado e entregar na mão de uma única pessoa fere de morte a separação dos poderes, que é um princípio da nossa Constituição Federal. Não precisa de muito esforço para você enxergar nitidamente que a PEC 32 fere cláusula pétreia da nossa Constituição.

O senhor chegou a afirmar que a PEC 32 é um desastre. Porém, os olhos dos brasileiros estão voltados para a CPI da Pandemia no Senado. Como trazer a população para o debate e evitar que passe a “boiada”?

As estratégias deles [governistas] é exatamente essa, procuram chamar atenção

todo dia para a CPI da Covid no Senado e, ao mesmo tempo, com os olhares do povo direcionados à CPI, eles empurram a toque de caixa várias matérias complexas, não é só a PEC 32. Há poucos dias trouxeram de volta o Projeto de Lei 490/2007, veja só, de 2007, para mexer nas regras de demarcação das terras indígenas. Tivemos a votação da venda da Eletrobras, a venda dos Correios, então você vê inúmeras matérias oportunas e que são também matérias complexas, que exigem um debate profundo, presencial até. Mas eles se aproveitam disso, do fato de você não ter como celebrar audiências públicas; as limitações impostas pela pandemia são muito grandes. Por exemplo, não tem o menor cabimento a votação de uma PEC como a 32 no meio de uma pandemia em que as entidades sequer podem participar de um movimento democrático, saudável. A votação da privatização da Eletrobras foi absurda, porque é uma empresa que está no meio das três mais lucrativas do país e o pior por meio de Medida Provisória que usou como justificativa a urgência e a relevância. Qual a urgência? Entregar a empresa ao capital privado? Estamos vendo a verdadeira passagem da boiada. O plenário aprovou outro dia inúmeras licenças ambientais. Isso em um cenário em que o Brasil não está muito bem na fita no exterior por causa da falta de cuidados com a Amazônia, com queimadas e exportação ilegal de madeira. Tudo isso que estou citando está acontecendo

ao mesmo tempo, na mesma hora. A PEC 32 não se justifica, é inconstitucional, fere servidores atuais, fere os servidores que vão chegar mais na frente, fere os servidores da segurança pública, da saúde e da educação. Por tudo isso, a gente vai se esforçar muito para que ela seja derrotada.

A PEC 32 foi aprovada recentemente pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania. Quais são os próximos passos da tramitação da proposta de emenda?

Ela foi aprovada na CCJ dentro dos parâmetros de constitucionalidade e admissibilidade. Inclusive, apresentamos um voto em separado, porque não podíamos alterar trechos do texto na CCJ da Câmara. Mas, na Comissão Especial da PEC, que é a próxima etapa de tramitação, comissão da qual eu sou integrante, poderemos propor alterações em seu texto. Inclusive, já solicitei a realização de uma audiência pública, não podemos tratar de um tema dessa magnitude sem ouvir os servidores públicos. A audiência serve justamente para que a gente possa receber as propostas das categorias dos servidores, e buscar alterar o texto. A ideia é desmontar tudo que for ruim, e aí não ficar nada, para, posteriormente, derrotar a PEC no plenário. Não vai ser uma votação fácil para o governo; para que a PEC passe é preciso a aprovação de três quintos do plenário em dois turnos. Ainda não temos data para a audiência pública, protocolei o pedido de audiência na quinta-feira

(10). O tempo de duração da comissão especial é de 40 sessões, estamos trabalhando muito mais virtualmente do que presencialmente, já que o Brasil se arrasta na vacinação, o que se torna mais um obstáculo.

Um levantamento feito pelo Departamento Inter-sindical de Assessoria Parlamentar indicou uma tendência entre os deputados de aprovação dessa PEC com ressalvas. Como reverter essa previsão?

Eu vejo que a mobilização dos servidores tem acontecido, tem gerado reflexo no voto dos colegas, por isso que é muito importante trazer as categorias para o debate. Objetivamente falando, na última votação na CCJ, verificamos seis votos contrários a mais do que esperávamos, votos de partidos da base do governo. Eu vejo uma movimentação, um desconforto de muitos deputados na base do governo de votar essa matéria, eu percebo isso. A mobilização dos servidores, dos concurretes, dos estudantes que pretendem participar de concurso público, eu acho que essa mobilização vai ser fundamental para definir muito coisa em relação ao voto.

As pesquisas apontam que o presidente tem perdido popularidade e aprovação dos brasileiros mas, no Congresso, especificamente na Câmara, o chefe do Executivo segue fortalecido. Como o senhor analisa essa conjuntura estando na oposição ao presidente?

Eu acredito que essa situação de desaprovção vai se ampliar, porque as pessoas vão começar a perceber com mais clareza que o governo não tem projeto. Se você fizer uma análise disso com calma e pensar: qual o projeto do governo para o Nordeste ou para a Paraíba? Qual o grande projeto? Não existe! Em obras estruturantes não tem. Nada de novo na educação, nada de novo na saúde, a não ser a falta de vacinas, porque ele se negou a comprar. O Brasil terminou sendo apontado por todos os países do mundo como aquela gestão que fez tudo errado em relação às medidas da pandemia. As pessoas começaram a enxergar que o presidente não fez o que deveria ter feito como chefe da nação em relação à crise sanitária, sobretudo, na compra de vacinas. As pessoas começam a perceber que o esforço do governo não está direcionado no sentido de estabelecer investimentos importantes, no sentido de construir alternativas ao momento de crise, de construir um país menos desigual. Temas como a reforma tributária seriam um caminho muito importante para isso. Em plena pandemia, o governo Bolsonaro quer passar o rolo compressor em cima do serviço público. Poderíamos estar debatendo a reforma tributária e muitas outras pautas voltadas para minimizar os danos causados pela pandemia, mas essas não interessam ao governo. Eu imagino que essa movimentação no Congresso mostra que o governo não tem projeto de nação.



Foto: Teresa Duarte

“Confie e creia”: a força da fé no enfrentamento da covid-19

Pandemia fez crescer os relatos de busca pelo conforto espiritual, que tem ajudado pacientes a enfrentar a doença

Ana Flávia Nóbrega
anflavia@epc.pb.gov.br

“Quando os médicos me levaram para a UTI, no caminho eu pensava comigo mesmo que ia sair dali com vida. Estava com medo, muito medo, mas forte por saber que a minha fé me faria voltar para a minha família. Deus é maior e assim foi”. Com enfisema pulmonar avançado, doença que degrada a capacidade de funcionamento do pulmão, Edézio Nóbrega, 55 anos, vigilante e comerciante autônomo, foi contaminado pela covid-19 poucos dias antes de sua faixa etária estar apta para receber a primeira dose do imunizante contra a doença.

Entre todas as possibilidades existentes de circunstâncias do cotidiano, a contaminação pelo novo coronavírus era a mais temida entre o vigilante e sua família. Vivendo com a capacidade pulmonar já reduzida, o diagnóstico da doença que afeta principalmente o trato respiratório poderia significar sua morte.

“Desde que descobri que estava com covid-19 eu nunca perdi a fé em Deus. Quando entrei no hospital, eu falava que não iria ser intubado, que não ia ser um caso grave e não iria morrer porque quem tem fé consegue tudo. Todo o tempo no hospital eu ficava pensando em Deus e rezando. Fui para a UTI e não fui intubado, vi muita gente morrer ali, sem ar, coisa muito rápida, pessoas novas e velhas, e eu estava ali, consciente e vendo tudo, sem precisar passar por aquilo. É muito difícil a gente ver essas coisas e continuar firme...”, completou Edézio Nóbrega.

Além do enfisema pulmonar, a covid-19 ocasionou fibrose pulmonar, que são cicatrizes na parede do pul-

mão, e ainda um quadro de pneumonia. Respondendo bem ao tratamento com máscaras de oxigênio de alto fluxo e sem necessidade de auxílio de respiração invasiva, as melhores expectativas dos médicos seria de que o paciente sairia do Hospital de Clínicas de Campina Grande, onde fez o tratamento, com vida, mas precisaria do auxílio de oxigênio para o restante da vida. Mantendo a fé no milagre da recuperação, o paciente saiu do hospital público sem precisar usar o auxílio.

“Na UTI eu passava de 8 a 10 horas com essa

máscara (Ventilação Não Invasiva de Alto Fluxo). Falei para a médica que já estava acostumado com a máscara, até consegui dormir com ela, e que queria beber água um pouco. Falei que depois de beber água eu poderia voltar para o uso. Bebi água e rezei pedindo a Deus para não voltar a usar. Quando a equipe médica veio e eu falei que poderia voltar para a máscara, eles pediram para aguardar um pouco e disseram “o senhor não vai mais precisar usar, amanhã o senhor vai sair da UTI. E eu agradei todo o tempo depois disso e continuo agradecendo até hoje”, afirmou o vigilante.

A presença da fé na vida de Edézio Nóbrega se faz fora de templos religiosos. Católico por formação, o espaço dedicado para o exercício da fé era escasso entre a rotina de trabalho, de sol a sol, e cuidados com a família. Mesmo assim, para enfrentar o vírus que age de formas variadas em cada organismo e é, mesmo com o avanço da ciência, um inimigo desconhecido, a fé foi o seu instrumento para manter-se firme diante da adversidade.

+ Espiritualidade, saúde e qualidade de vida

Para o psicólogo, Mestre em Gerontologia e Padre Paulo Cordeiro, o movimento de buscar a fé nestes momentos de enfrentamento à covid-19 tem sido uma constante e é, cada vez mais, crescente. O pesquisador observou, em suas pesquisas sobre a espiritualidade como indicativo de qualidade de vida de pessoas idosas, que o exercício da fé age com efeito fortificante para a saúde, principalmente da saúde mental, tão afetada em tempos de pandemia.

“O exercício da espiritualidade e da fé tem sido pesquisado há muitos anos. Em 1946, a Organização Mundial da Saúde definiu a espiritualidade como a quarta definição de saúde e qualidade de vida. Trazendo benefícios para o organismo, para imunidade... Nesses tempos em que nos sentimos inseguros, vejo a necessidade ainda mais da oração. A fé, como diz São Paulo, é acreditarmos e nos lançarmos àquilo que está até invisível aos nossos olhos, mas que nós sentimos, de alguma forma. Isso independente de religião, a fé e a espiritualidade não está atrelada a uma só religião e está ligada, ao mesmo tempo, a todas. A religião é uma ponte entre os homens e a fé. Eu tenho percebido um crescimento da procura por esses espaços de fé e a proximidade com religiões nesse período. Com todo o cuidado, as pessoas estão procurando com maior frequência”, declarou o Padre Paulo Cordeiro.

A insegurança e o medo da fragilidade humana diante da pandemia é um fator importante que leva os indivíduos em busca da fé, principalmente lidando com casos de covid-19 entre familiares, amigos ou pessoas próximas do convívio social. Sem religião específica, essa busca se apre-

senta para além dos espaços físicos dos templos. E, durante o isolamento social imposto pelo momento, tem se tornado uma busca solitária em presença física, mas abundante em estado de espiritualidade.

Benefício

Em 1946, a OMS definiu a espiritualidade como a quarta definição de saúde e qualidade de vida.

Pacientes se aproximam do lado espiritual para ganhar forças, encarar o tratamento, superar os desafios das formas mais graves da doença e obter a cura da covid-19

Foto: Marcus Antonius

Pandemia gera a necessidade de buscar equilíbrio espiritual

Religiosos de várias matizes dizem que as dificuldades geradas pela covid-19 fazem com que as pessoas fortaleçam a fé

Ana Flávia Nóbrega
anaflaviana@epc.pb.gov.br

Doença solitária por primazia, o novo coronavírus impõe, de forma automática o medo do que virá, do que pode causar e, também, do que se pode deixar para trás. Com dois filhos pequenos, Jane Gomes, de 28 anos, se viu sozinha quando recebeu o diagnóstico da covid-19 logo após seus sogros testarem positivo. A designer de sobancelhas e esteticista facial contou que o medo por deixar os filhos e a família fez com que o apego à fé a curasse.

“A fé que me curou. Na semana em que meu sogro teve sintomas, estivemos com ele. Depois que ele fez o teste, eu e minha sogra adoecemos. Eu tive muita febre e na mesma hora que percebi, eu tinha a certeza de que era covid-19. Me lembro como se fosse hoje, eu estava deitada na cama, tremendo de febre, com o sol ardendo lá fora, com uma dor de cabeça sem conseguir levantar. Me desesperei muito naquele momento, me apeguei a Nossa Senhora Aparecida, de quem sou devota, rezei e pedi ‘se for covid-19 que seja leve porque eu tenho dois filhos para criar’. E em seguida o meu marido me deu um comprimido para febre e um chá... dormi. Quando acordei, já acordei sem febre, com disposição... não perdi o apetite e passei os 14 dias em casa sem febre, tosse, praticamente assintomática. Fui visitada pela equipe médica do município e, mesmo sofrendo com bronquite, eles não me passaram nem água com açúcar. Foi a minha fé, foi Nossa Senhora que me curou”, informou.

Nem o marido e nem os filhos de Jane se contaminaram, mesmo após o contato com os familiares, visto por Jane como mais um milagre na sua família através da fé. Para outras pessoas que estão enfrentando as angústias causadas pela covid-19, Jane Gomes se emociona ao relatar a gratidão que sente agora, depois que o pesadelo chegou ao fim.

“É muito importante que a gente se apegue a Deus nesses momentos porque acho que as pessoas não sobrevivem se não se abraçarem a isso. Além do vírus, tem o medo de contaminar seus familiares, de morrer e deixar eles, de se curar, mas ficar com sequelas graves. É só Deus porque quando rezei chorando e pedi com muita fé, eu senti que foi ela que colocou a mão e abrandou os meus sin-

tomos e me fez passar, só tenho gratidão porque é muito difícil”, falou de forma emocionada.

Sentimento de gratidão

Gyordano Montenegro Brasilino, clérigo da Igreja Anglicana no Brasil, observa que o apego a fé e o agradecimento pela graça alcançada são movimentos naturais na existência humana. “Naturalmente, quando a gente vê, tanto durante o processo de recuperação, o que tem acontecido é que as pessoas fortalecem a fé e quando não tem, até procuram ter. E no retorno, na recuperação, existe o sentimento de gratidão. Isso é algo que nos alegra enquanto comunidade e temos percebido como as pessoas são, cada dia mais, gratas pela vitória”, afirmou.

Mãe Renilda Bezerra de Albuquerque, líder de religião de matriz africana, vem tentan-

ta gente me procura falando que tem tanta fé no Orixá que não precisa usar máscara. E o nosso papel de líder religioso é o de conscientizar essas pessoas, orientar de que mesmo com toda essa fé, a ciência é importante para nós. Sempre falo que se os deuses deram sabedoria para os homens para criarem uma vacina contra essa doença, então precisamos ter fé e acreditar na vacina, por exemplo. A fé não pode superar a ciência, então clamamos por todos os cuidados. A procura é muito maior, meu telefone não para de tocar”, afirmou Mãe Renilda.

Contrária à aglomerações em meio a pandemia, a Mãe Renilda Bezerra de Albuquerque, uma das mais populares e importantes mãe de santo da Paraíba, tenta buscar a vivência coletiva em meio digital.

“Nós de matrizes africanas estamos como uma tendência maior de buscar conselhos, caminhos, perguntam se tem algum chá... e acho importante falar que não há chá, o remédio é comida no prato, vacina no braço e máscara no rosto. É o nosso lema e lema do nosso terreiro. Não tem como explicar ao Orixá que ele não pode abraçar um filho de santo, então optamos por paralisar as atividades do nosso terreiro... É um momento que pede essa conscientização e esse é o nosso papel enquanto orientadores religiosos... É o momento de fechar e não de flexibilizar e abrir porque a fé deve ser exercida, acima de tudo, com segurança”, finalizou a mãe de santo.

Do latim fides, que significa, na tradução mais emergente, fidelidade, a fé é o ato de confiança absoluta que cada indivíduo deposita no que opta por acreditar. O movimento de buscar apoio na espiritualidade é tido como natural e esperado pois se trata de uma forma de afago, conforto, esperança, confiança e a possibilidade de encontrar a paz necessária em meio aos medos e incertezas que cercam os indivíduos.

A espiritualidade e a fé ajudam a superar limites e dificuldades, proporcionam aprendizados e crescimento. A fé independe de templo, de religião e, muitas vezes, pode ser exercida de forma solitária. O importante, acima de tudo, é a busca humanitária pela esperança, pois, é só a partir dela que as sociedades podem encontrar uma saída para cenários catastróficos, como o da pandemia.



Edézio Nóbrega, 55 anos, chegou a ser internado na UTI com covid-19, mas diz que a fé lhe deu forças para vencer a doença

Proteção

Religiosos de várias crenças frisam que, para enfrentar a covid-19, é preciso ter fé e acreditar no que diz a ciência.

do conscientizar a população através, principalmente, de orientações on-line. A mãe de santo relatou que a crescente busca pela fé é ocasionada pelo medo da morte.

“A busca da fé está muito maior agora porque nós, seres humanos, não nos acostumamos com uma cidadã chamada morte. Ainda é lastimável, dói muito. Mas a fé nos move, remove as montanhas e faz com que a gente possa crer que não vai acontecer com a gente, possibilitando que as pessoas não desenvolvam quadros de depressão após a evolução do quadro de tristeza. Enquanto sacerdote de religião africana, a gente diz ‘tenha fé, que a fé vai fazer com que você suporte estar distante’, declarou.

Mãe Renilda Bezerra de Albuquerque adverte aos filhos de santo, pessoas de religiões de origem afro e toda a sociedade para a importância que a ciência deve exercer, aliada ou não a fé. “Às vezes essa fé é tão grande que as pessoas não acreditam que possa acontecer com elas. De forma tal que mui-

Momentos de solidão e solidariedade

Sendo uma doença com alto potencial de transmissibilidade, a covid-19 é solitária. Desde o aparecimento dos primeiros sintomas até a certeza da recuperação, o paciente é colocado em um regime de isolamento. Aliado a isso, a incerteza sobre o comportamento da doença agravam o psicológico do contaminado, dos familiares e de pessoas próximas. Como uma opção para vivenciar e sobreviver neste momento, a fé surge como aliada para colocar fim na solidão.

As expressões de fé são maneiras pelas quais as pessoas buscam instabilidade e o sentimento de coletividade, deixando para trás o isolamento imposto pela doença.

Segundo o mestre em Gerontologia e padre Paulo Cordeiro, o isolamento é arrebatador e uma das maiores preocupações, principalmente em se tratando de pessoas idosas, impossibilitadas de receberem visitas como uma forma de precaução. Isto porque, de acordo com o religioso, o movimento gera solidão, ansiedade e outros transtornos psicológicos. Para evitar o avanço da exaustão mental, Paulo Cordeiro recomenda a conexão com outras pessoas, vivendo a solidariedade, mesmo que por meio digital.

“Diante de todas as dificuldades por conta da covid-19, o que nos fortalece é a solidariedade, a fé, saber que nesse momento todos nós estamos sofrendo.

É difícil encontrar uma pessoa que não perdeu alguém querido. Mas ao mesmo tempo brota, no nosso coração, a esperança, como por exemplo a oportunidade dos pesquisadores em encontrarem uma vacina, lamentamos muito por quem se foi antes da oportunidade da vacina. Que cada um de nós não se isole, estamos em distanciamento, mas busquem se comunicar, vamos ter paciência, não relaxar e não culpar Deus”, disse o pesquisador.

Tempos difíceis

Clérigo da Igreja Anglicana no Brasil, Gyordano Montenegro Brasilino, percebe o momento político e social brasileiro como mais um dos agravantes que geram a solidão e seus impactos e também recomenda a vida em comunidade como saída. “Nesse tempo de pandemia, assim como em outros momentos da história, as pessoas buscaram a fé como um sustentáculo para as suas vidas, buscando esperança. E quando conversamos com as pessoas hoje, o que nós percebemos é como as pessoas têm se tornado reféns da ansiedade e buscam na fé uma estabilidade... Apesar do distanciamento e dos cuidados para se proteger, tem sido uma coisa muito importante. Saber que outras pessoas estão orando e intercedendo pela sua condição de vida, nos fortalece também”, contou o clérigo.

Foto: Acervo pessoal



Clérigo Gyordano: “As pessoas buscam a fé como sustentáculos de sua vida”

Foto: Acervo pessoal



Padre Paulo: “Diante da covid-19... o que nos fortalece é a solidariedade, a fé”

Foto: Evandro Pereira



Mãe Renilda: “É um momento que pede essa conscientização, e esse é o nosso papel”



Engenhos se adaptam para superar a crise sanitária

Pandemia fez despencar número de visitantes, fonte importante de renda, exigindo novas medidas para manter os negócios

Carol Cassoli
Especial para A União

Há mais de um ano tendo seu fluxo alterado pela pandemia, engenhos paraibanos viram o número de visitas decrescer vertiginosamente e, hoje, se encontram diante do desafio de elaborar estratégias para suprir a falta do público. Em meio à ausência de visitantes, os responsáveis pelos engenhos lidam com a queda nas vendas tradicionais e superaram a crise com o lançamento de novos produtos.

Segundo o Centro Brasileiro de Referência da Cachaça (CBRC), a cachaça é o terceiro destilado mais consumido no mundo e, mesmo com a consolidação do mercado de importações e o fiel público nacional, os engenhos amargaram tempos difíceis com a crise que a pandemia de covid-19 gerou em todos os setores. Durante os períodos mais caóticos, a visitação foi suspensa, comprometendo o faturamento; afinal, os engenhos compõem atrativos turísticos não apenas pela qualidade de suas bebidas, mas pelo conteúdo oferecido nestes ambientes (que também cativam o público por sua beleza e outros produtos vindos da cana-de-açúcar, como a rapadura).

De acordo com o representante da Academia Paraibana de Cachaça, Manoel Abrantes, alguns engenhos foram abertos à visitação pública durante a pandemia. É o caso dos engenhos Triunfo e Turmalina da Serra, em Areia, e Volúpia, em Alagoa Grande.

Manoel explica que, com a pan-

demia, conforme a bandeira existente, há mais controle de pessoas nas visitas, bem como a adoção de medidas sanitárias essenciais. Na vigência da bandeira vermelha os engenhos ficam totalmente fechados à visitação e durante as bandeiras amarela e laranja há a redução do acesso não só por causa dos decretos estadual e municipais, mas também pela diminuição do fluxo de turistas.

A responsável pelo Engenho Triunfo, Maria Júlia Baracho, ex-

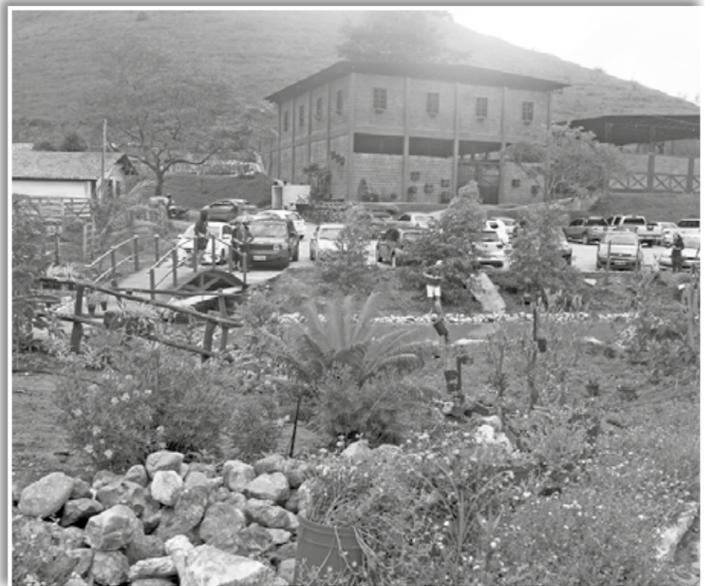
“Os engenhos estão adotando todos os cuidados possíveis para preservar os visitantes e seus colaboradores, com medidas sanitárias citadas, controle de entrada e de número de visitantes etc.”

plica que no início da pandemia o Sebrae-PB capacitou o trade turístico de Areia para receber visitas com segurança e isso foi essencial para que o engenho pudesse dar continuidade às atividades desenvolvidas com o público e faturasse, de agosto a dezembro de 2020, mais que o total arrecadado em 2019 inteiro: “Com a restrição do público e a necessidade de valorizar nosso espaço, passamos a cobrar R\$15 na entrada e nos responsabili-

zamos pelo cumprimento de todos os protocolos sanitários.”

Hoje, com o prolongamento da doença no Brasil, o retorno dessas atividades turísticas é brando e, atualmente, está suspenso. Manoel destaca que a manutenção da saúde é prioridade: “Os engenhos estão adotando todos os cuidados possíveis para preservar os visitantes e seus colaboradores, com medidas sanitárias citadas, controle de entrada e de número de visitantes etc.”

Maria Júlia explica que, atualmente, os engenhos de Areia estão fechados para o público, devido aos decretos que buscam conter a propagação do novo coronavírus. “Isso é uma coisa que dói muito para a gente, porque, aqui nós nos agregamos ao turismo consciente e Areia tem tudo para um turismo responsável e sustentável”, frisa. A responsável pelo Engenho Triunfo explica que, na cidade, pratica-se um turismo aberto, voltado à família, ao trabalho e aos valores essenciais da humanidade, o que faz com que grande parte da população sinta falta da movimentação desenvolvida na área. “Muitas pessoas dizem para as agências turísticas que não querem vir para Areia enquanto os engenhos estiverem fechados, porque o principal ponto da cidade não é mais o Centro Histórico, mas sim os engenhos por conta de seus espaços, da natureza e por conta da representatividade também.”



Engenhos como o Triunfo, em Areia, registraram períodos sem visitação desde o início da pandemia



Além da cachaça e outros produtos, os engenhos atraem muitos visitantes devido à estrutura que oferecem

+ PB está entre os cinco maiores produtores

A bebida - aguardente resultado da fermentação do caldo de cana-de-açúcar - é patrimônio histórico e cultural brasileiro e mundialmente reconhecida como produto exclusivo do Brasil. Por isso, a cachaça é responsável por representar a diversidade brasileira e, ao mesmo tempo, unir produtores espalhados pelo país.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Cachaça (Ibrac), ao todo, existem 40 mil produtores e a bebida é responsável pela geração de 600 mil contratações (diretas e indiretas). Neste contexto, a região Nordeste é responsável por 13,01% da fabricação de cachaça de todo o país e a Paraíba se destaca por estar entre os cinco estados potência da fabricação de cachaça de alambique, dividindo espaço com São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco e Ceará.

Os engenhos produzem em torno de 1,4 bilhão de litros de cachaça por ano e, desta quantia, 8,5 milhões de litros vão para fora do país, agradando o paladar dos estrangeiros que provam o gostinho da tradicional bebida brasileira.

“Em face da pandemia do covid-19 houve uma queda de 23,8% na venda da cachaça, devido à redução da atividade dos bares e restaurantes. Por isso, grande parte dos engenhos ficou com uma fração da produção em estoque, embora continuasse produzindo durante o período”, relata Manoel Abrantes. Ele explica

que, mesmo nos momentos mais complexos da pandemia, os engenhos resistiram e seguiram produzindo para não ter baixas no número de funcionários.

Para driblar a situação, os engenhos estão lançando novos tipos de cachaças, com envelhecimento em madeiras nobres e novas embalagens, como fizeram as cachaças Vitória e Ipueira, ambas de Areia, e Volúpia, de Alagoa Grande (que em 2020 foi finalista do prêmio da Associação Brasileira de Embalagens e ficou com a medalha de bronze como a terceira garrafa de cachaça mais bonita do Brasil).

Considerando que os brasileiros consomem, em média, onze litros e meio de cachaça todos os anos, Manoel Abrantes demonstra a originalidade e inovação dos engenhos paraibanos na busca da qualidade das bebidas oferecidas ao público: “Não obstante a pandemia, novos produtos ingressaram no mercado, como as cachaças Elite e Princesa do Brejo, produzidas no município de Areia, e a Princesa do Vale, em Sapé, com grande investimento na estrutura e marketing”.

O representante da Academia Paraibana de Cachaça enfatiza, também, que a Cachaça Triunfo - em homenagem ao reconhecimento de Areia como a capital da cachaça - lançou o kit Madeiras Tropicais (que é composto por cachaças envelhecidas em barris de umburana, castanheira, jequitibá, bálsamo e jaqueira).



Por causa da queda de 23% nas vendas, parte dos engenhos precisou reduzir a produção



Cuité é referência pelo forte comércio e turismo religioso

Localizado no Agreste, município possui o maior teatro a céu aberto paraibano e ganhou um campus da UFCG

José Alves
zavieira2@gmail.com

Mais conhecida como a "Capital do Curimataú e Seridó", a cidade de Cuité, situada no Agreste da Paraíba, se destaca por sua diversidade cultural. Afinal, é lá que se realiza no maior teatro a céu aberto existente na Paraíba, o espetáculo da Paixão de Cristo, evento que conta com apoio do Governo do Estado, através da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur). Desde o ano passado, o espetáculo não é apresentado em razão da pandemia do coronavírus. Mas apesar da crise provocada pela covid-19, o município continua crescendo economicamente com um comércio ativo e atrativo por causa de sua privilegiada localização, já que se limita com diversas cidades do Rio Grande do Norte.

A cada ano, o comércio

de Cuité se fortalece porque a cidade está sempre ganhando novos habitantes e investimentos, impulsionados pela indústria da construção civil.

Recentemente, um empresário local construiu o primeiro supermercado atacadista de Cuité. O empreendimento, além de atrair pessoas de outros municípios em busca de emprego, ganhou consumidores de toda a região do Curimataú e Seridó paraibano, e também de parte do Agreste potiguar. O comércio local se concentra no centro da cidade com grande número de lojas varejistas de vários segmentos, além de bares e restaurantes.

A cidade também conta com uma avicultura de postura que produz 90 mil unidades de ovos por dia, totalizando uma produção de mais de 2,5 milhões de ovos

por mês. A feira que acontece nas segundas-feiras no mercado público, numa área de 13 mil metros quadrados, é uma das mais disputadas da região. Lá são comercializados diversos produtos que variam de gêneros alimentícios a objetos de utilidade doméstica das mais variadas funções, além de vendas de animais e utensílios rurais.

Um fator que ajudou no desenvolvimento econômico da cidade, de acordo com a professora Jussara Freitas, foi a implantação de um campus da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Segundo a professora, após inauguração do campus da UFCG, o comércio tomou novos rumos e a indústria da construção civil se expandiu. A cidade dispõe de dois condomínios horizontais e vários loteamentos que estão gerando diversos empregos.



Espetáculo da Paixão de Cristo

Outro ponto forte da economia do município é o turismo religioso, mais precisamente no período da Semana Santa. É lá que você consegue vivenciar de pertinho, através do espetáculo da Paixão de Cristo, todo o calvário de Jesus Cristo até a crucificação, morte e ressurreição. No teatro a céu aberto, o público tem a oportunidade de acompanhar de perto os 15 passos de Jesus na via dolorosa, desde a condenação até a sua morte.

Esse espetáculo ao ar livre vem sendo realizado no município desde 1992. Porém, o projeto ficou suspenso por oito anos e só foi retomado no ano de 2014 com uma nova roupagem, mas sem fugir do contexto bíblico. Por causa da pandemia, o espetáculo não é apresentado desde o ano passado. Mas logo que toda a população brasileira seja vacinada, será retomado.

A Paixão de Cristo de Cuité atrai um público gigantesco da Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte, e envolve na produção e encenação uma boa parcela da população local. De tanto chamar a atenção do público, o espetáculo, há anos, se tornou a principal atração turística da cidade, durante três dias no período da Semana Santa.

O evento acontece sob a coordenação da Companhia Cuiteense de Teatro,

e nos últimos anos vinha reunindo cerca de 300 atores e figurantes e um público de mais de 5 mil pessoas numa área conhecida como Horto Olho D'água da Bica.

População

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de Cuité para o ano de 2020 estava estimada em 20.334 habitantes. O município tem uma área territorial de 741,840 km², e está a 235 quilômetros de distância de João Pessoa. Se limita com as cidades de Cacimba de Dentro, Damião, Barra de Santa Rosa, Sossego, Nova Floresta, Picuí, Baraúna.

As principais festas da cidade são as seguintes: Festa da Padroeira "Nossa Senhora das Mercês" - 24 de Setembro; Festa do São João e São Pedro com o tradicional São João da Serra; o Festival Universitário de Inverno (FUI) e o habitual carnaval de rua "Cuité 40 Graus".

Na educação, o município se destaca por ter uma Escola Estadual Cidadã Integral Técnica, um campus da UFCG-CES Universidade Federal de Campina Grande e o Centro de Educação e Saúde que começou suas atividades em 2006, além da Faculdade Centro Universitário Leonardo da Vinci - Polo Cuité.

Origem do nome é indígena

O nome Cuité tem origem no uso que os índios que habitavam a região faziam do fruto do coitezeiro, utilizado por eles na confecção de cuias, gamelas e cochos. No dialeto indígena, Cuy significava vasilha e Eté, grande, real, ilustre. Até o final do século XVII, o Curimataú paraibano era habitado por tribos indígenas, pertencentes à grande nação tarairiús, que desde os primórdios da colonização, se opuseram ao domínio luso e à conquista de suas terras.

No entanto, o povoamento da Serra de Cuité teve início com a expulsão dos nativos da localidade e com a chegada de viajantes procedentes da Zona da Mata de Pernambuco em busca de terras propícias à lavoura e à criação de gado. Contudo, o padre Luiz atribui a origem de Cuité ao comerciante Caetano Dantas Correia, que em 31 de outubro de 1784, edi-

ficou uma capela em homenagem a Nossa Senhora das Mercês e passou a promover festas na localidade.

Contam alguns historiadores que o ano de 1801 foi importante para a região porque foi criada a freguesia de Nossa Senhora das Mercês da Serra do Cuité. Em seguida, no ano de 1827, foi criado o distrito, que em dezembro de 1936 foi elevado à categoria de município, com a denominação de Serra de Cuité.

No ano seguinte, em 1937, se deu a emancipação política de Serra de Cuité. Fruto de um movimento popular, onde se destacaram diversos moradores. Entre eles, Pedro Viana da Costa, que foi escolhido para ser o primeiro prefeito do município, oficialmente instalado no dia 25 de janeiro. E no ano seguinte, por força de lei estadual, o município teve seu nome simplificado para Cuité.

Referências religiosas estão espalhadas pela cidade de Cuité, além dos famosos cenários utilizados na encenação da Paixão de Cristo





Foto: Divulgação

“Toada para José Siqueira” joga luz sobre o maestro

Foto: Divulgação



Cena do longa-metragem com a Orquestra José Siqueira do Prima sendo regida pelo Rainere Travassos em uma paisagem de Catolé do Rocha, no interior do Estado

Documentário codirigido pelo sobrinho-neto do regente conta como o ilustre paraibano foi ‘apagado’ da história

Lúcio Vilar
Especial para A União

Qual o papel do cinema de não ficção? Em sendo correta a hipótese de que cabe ao documentário o papel de operar nas quatro linhas do campo e, por isso mesmo – sujeito ao acaso, elucidações, redescobertas e/ou ressignificações de personagens,

culturas, eventos históricos etc. –, os diretores Rodrigo T. Marques e Eduardo Consonni são expressão de um projeto cinematográfico bem-sucedido em que assinam direção, roteiro, produção e montagem. Chama-se *Toada para José Siqueira*, o longa-metragem selecionado para o 13º In-Edit - Festival Internacional do Documentário

Musical, com início na próxima (dia 16), em formato on-line, cujo objetivo é fomentar a produção e difusão de filmes documentários que tenham a música como elemento integrador.

Em cena aberta – durante duas horas e dez minutos e com narração do ator Fernando Teixeira – está o paraibano José Si-

queira, maestro, compositor, musicólogo, professor e fundador da Orquestra Sinfônica Brasileira, autor de outras tantas iniciativas no Brasil e no exterior, com passagens pela antiga URSS, Europa e Estados Unidos. A peculiaridade, aqui, é o fato de a descoberta do “ilustre desconhecido”, em solo brasileiro, ter

ocorrido no ambiente familiar de um dos diretores.

A seguir, confira esse e outros detalhes da construção do filme, dos feitos históricos do regente José Siqueira e do “apagamento” de sua memória pós-ditadura militar, comparatilhados por Rodrigo T. Marques em entrevista ao Jornal A União.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial do 13º Festival In-Edit

A ENTREVISTA

Esse filme nasceu literalmente no seio do ambiente familiar. Como foi isso?

Há 20 anos minha avó, Aury Siqueira, me deu um livro sobre seu irmão, José Siqueira, que era compositor e maestro. Não sabia nada sobre sua história e depois de lê-la, muitas coisas começaram a mudar sobre a forma como via minha família e minha própria vida. O ano era 2000 e enquanto eu ainda estava na universidade, resolvi conhecer a Paraíba e ir até Conceição, cidade natal de minha avó e do maestro. Levei uma câmera SuperVHS e um gravador de som. Meu contato em João Pessoa era a Vera Teixeira, uma prima que tinha vivido no Rio de Janeiro. Fiquei hospedado na casa dos pais dela, até que um dia conheci o irmão dela, que era um ator e diretor de teatro muito conhecido na Paraíba. Fomos até um almoço no Cabo Branco, onde conheci Fernando Teixeira, meu primo. Conte pra ele por que estava lá. Fernando na hora me disse que havia nascido em Conceição e que me levaria até lá. Fiquei 10 dias no Sertão onde tive contato com o padre da cidade de Conceição, José de Sousa, que me contou como era o pastoril e outras festas. Perguntei a ele se havia algum mestre de banda na região e ele me disse para ir à Bonito de Santa Fé, onde havia um mestre de banda chamado Capitão José Neves, que até hoje mantinha a banda de música que Siqueira havia fundado em 1921. Fui até lá e encontrei o mestre José Neves, que mantinha a banda ativa e, além disso, conhecia toda a história do maestro, tendo também livros de educação musical de Siqueira. José Neves resgatou duas músicas de Siqueira que tinham sido compostas para a banda. Na capital da Paraíba, realizei uma longa entrevista com o musicólogo Domingos de Azevedo Ribeiro e fiz um encontro com o músico Oliveira de Pannels antes de retornar a São Paulo. Ali nascia o embrião de uma pesquisa para a realização de um filme sobre a história do meu tio-avô.

Em que momento você se colocou na obrigação de

fazer esse documentário?

O sonho era fazer cinema e poder levar essa história para a tela grande para que minha avó pudesse assistir no cinema a história do seu irmão. Infelizmente, ela já não está mais entre nós; mas não desisti de levar adiante esse sonho. Em 2006, comecei a fazer documentários junto com meu sócio, Eduardo Consonni, e desde então o projeto de realização do filme sobre o Siqueira sempre esteve na mesa. Realizamos vários curtas-metragens até realizar a primeira longa, *Carregador 1118*. Começamos a rodar os festivais nacionais e internacionais e com o tempo fomos ganhando experiência para começar a tentar avançar com a ideia de levar a cabo o filme de Siqueira. Até que, por acaso, encontramos o músico Pedro Osmar num estúdio do amigo Marcos Alma aqui em São Paulo. Eu tinha conhecido um pouco da obra e da história do Pedro quando fiz aquela primeira viagem à Paraíba no ano 2000. Desse encontro com Pedro, que estava gravando um novo disco produzido por Guegué Medeiros, começamos a acompanhar as gravações e desse encontro nasceu nosso segundo longa: *Pedro Osmar, prá liberdade que se conquista*, que lançamos em 2016. Essa história nos reaproximou da Paraíba e o projeto de Siqueira foi se tornando mais viável.

O maestro ter sido atingido pelo AI-5 determinou o fato de seu nome ter sucumbido ao esquecimento?

Quando iniciamos a pesquisa sobre Siqueira nos acervos, quase não havia imagens dele, tanto fixas quanto em movimento. Ficou claro que havia sido feito um apagamento dessa importante figura. Siqueira foi uma das mais importantes personalidades da música brasileira de todos os tempos, sendo além de maestro, um proficuo compositor com uma obra de mais de 500 composições, fundador de inúmeras orquestras, dentre elas a Orquestra Sinfônica Brasileira, a Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, a Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC (atual Orquestra

Sinfônica Nacional) e a Orquestra de Câmara do Brasil. Além disso, se formou advogado para reconhecer o músico como classe profissional no Brasil, tendo fundado a União dos Músicos do Brasil e a Ordem dos Músicos do Brasil. José Siqueira foi também professor da Escola de Música da UFRJ e do Instituto Villa Lobos. Portanto, ele era uma figura muito conhecida que tinha seus ideais socialistas evidenciados na luta pela defesa dos direitos dos músicos brasileiros, através da popularização da música clássica com os concertos para a juventude e de muitas outras ações que o colocaram na mira dos militares que o aposentaram compulsoriamente, no AI-5 em 1968, da cadeira de professor da Escola de Música da UFRJ e do Instituto Villa-Lobos. Além de o proibirem de reger e de ter sua obra executada. Tudo isso ocorreu no auge da sua carreira, que estava com 61 anos, em plena atividade e certamente essa perseguição colaborou para o apagamento da história e da obra de Siqueira da memória nacional.

A distribuição do filme será pautada por uma campanha de impacto social e circuito de difusão social, para ampliação e formação de público?

O lançamento nos cinemas, televisão e a circulação ampliada pretendem, inicialmente, contemplar os seguintes objetivos: homenagear e fortalecer a memória histórica do maestro, bem como de seu legado na relação entre música, educação, cultura e desenvolvimento social. Articular, em torno do filme, uma rede de jovens músicos que integram projetos de desenvolvimento social por meio da música, usando o cinema para visibilizar essas iniciativas. A distribuição prevê que o filme circule para além das janelas tradicionais – cinema, televisão, plataformas de VOD, drive-in – em uma estratégia integrada com a campanha de impacto. Essa campanha será desenvolvida em parceria com organizações que já atuam na intersecção entre música, educação e desenvolvimento social.

Junto ao lançamento comercial nos cinemas, será articulado um circuito de difusão social, gratuito, em diversos espaços com rodas de conversa e debates com artistas, músicos, lideranças juvenis, jornalistas, formadores de opinião e comunidades escolares e universitárias. Esse circuito será híbrido – composto por sessões presenciais e on-line, seguidas de bate-papo, rodas de conversa e debates – e desenhado oportunamente entre a distribuidora Taturana e as organizações parceiras da campanha.

las, universidades, bibliotecas, espaços culturais e demais locais em que a cultura e a educação estejam presentes. Estamos também preparando um projeto junto com a professora e pianista Josélia Vieira, de realização de uma Caravana Siqueira para 2022 com o intuito de levar cinema, música e educação por todo o Estado através de importantes obras de arte que seguem desconhecidas na Paraíba e no Brasil.



Arte: Divulgação

Sobre o realizador Rodrigo T. Marques

Foto: Divulgação



Diretor, ao lado de Eduardo Consonni, em *Toada para José Siqueira*, Rodrigo T. Marques é documentarista e educador e atua como roteirista, diretor, fotógrafo e montador. Graduado em Comunicação Social pela PUC-SP, iniciou sua carreira no cinema como produtor e em 2005 passou a dirigir e montar documentários. De 2010 a 2016, coordenou o curso ‘Observatório.doc’, no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Cartaz do filme mostrando as várias facetas de José Siqueira: além de maestro, ele tem uma obra com mais de 500 composições e fundou inúmeras orquestras

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Os indígenas iroqueses e a felicidade

O mitólogo norte-americano Joseph Campbell quando perguntado pelo jornalista Bill Moyers sobre “o que diz a mitologia a respeito do que me torna feliz?”, ilustrou sua resposta com uma história dos indígenas iroqueses. O mito, afirma, não daria uma receita de como ser feliz, apenas anteveria as consequências e riscos que corremos quando nos aventuramos na procura da felicidade.

Certo dia, uma jovem bela e autoconfiante recusou um pedido de casamento, surpreendendo todo o povo. Acreditava merecer algo melhor, por isso rejeitou ser desposada pelo rapaz. O que lhe renderia a visita de uma serpente ameaçadora. A consequência imediata da recusa foi a saída de um lugar confortável e relativamente seguro para uma situação de incerteza e perigo. Mas que a permitiria alcançar nível mais elevado, seguir os seus desejos e intuição.

É noutra versão da história, porém, que o perigo comum a essa aventura ficará ainda mais evidente. Conta-se que após recusar vários pretendentes, a garota partiu com a mãe para coletar pedaços de madeira – num lugar ermo e distante da floresta. Durante essa atividade o céu toldou-se, abatendo-se sobre o dia uma escuridão medonha.

Como se operasse um feitiço, mãe e filha caíram no sono. Quando a garota abriu os olhos, viu um jovem atraente surgir do interior da mata com cinto de conchas na mão. Fitaram-se por alguns segundos, sem que se ouvisse nenhum som de palavras; a sensação era que tinham colocado arreios sobre os compassos do tempo, criando assim um novo campo cinestésico. A “retórica do silêncio” seria quebrada por um súbito pedido de casamento que, dessa vez, ela não hesita, não titubeia, mas pondera que precisa consultar a sua mãe.

A mãe cede ao pedido e é presenteadada com o cinto de conchas. Na mesma noite, o rapaz convida a noiva para ir ao acampamento. Ela aceita e assume o risco da aventura de não se submeter às expectativas sociais de seu povo, de ter rejeitado os outros pretendentes. É agora uma desviante.

Trancorridos alguns dias, o jovem deixa a cabana que se encontravam há cerca de três dias para caçar. A garota fica sozinha, trancada lá dentro. Escuta um barulho do lado de fora e volta a ouvir ao cair da noite. Como não esperasse, uma serpente irrompe pelo interior da cabana com sua língua vermelha,

comprida, estranha, em riste. O animal ziguezagueia de cá pra lá, até lançar a cabeça sobre o colo da garota e pedir que lhe cate alguns piolhos.

A serpente, então, sai da cabana. A porta se fecha e abre novamente. O noivo reaparece e, ao cruzar o umbral, revela ser ele a tal cobra: “Você teve medo de me ver na forma de cobra?” A resposta é seca e direta: “Não, não tive”. No outro dia, seu noivo saiu para nova caçada. Ela resolve caminhar à procura de lenha e se depara com várias serpentes. A visão é desconcertante.

Na volta à cabana ela reencontra a serpente que se transforma em homem. É o suficiente para que decida abandonar aquele lugar. No caminho de volta, encontra com um velhinho que a alerta para o fato de seu noivo ser feiticeiro, assim como os seis irmãos dele. Diz ainda que ele não tem coração, ou melhor, que seu coração não está no corpo, mas numa sacola escondida embaixo da cama da cabana. Como os corações estão fora do corpo, os magos não podem ser mortos. Ela precisava pegar a sacola e destruir o coração.

Depois que pega a sacola, a moça sai às pressas, mas é surpreendida pelo mago que pede para ela não correr. Num passe de magia começa a se afogar, e só não morre porque o velhinho a salva antes. Campbell argumenta que a água é um motivo mítico que representaria a saída do domínio racional. Fora d’água, em segurança, ela se depara com outros velhinhos com a mesma fisionomia e tamanho, que representariam poderes superiores da natureza como trovões e o ar. A recusa, isto é, sua coragem em se desviar das expectativas do povo a levou a condição de experimentar o plano transcendente. Teve a sorte de separar os aspectos negativos dos poderes, capturando sua positividade. No final, a garota retorna ao seu povo por meio de uma tempestade. Leva consigo a capacidade mágica de destruir os poderes negativos que se encontram no abismo.

Essa narrativa arquetípica revela a ambiguidade da aventura. O que nela há de recompensa, desafio e perigo. A opção pela liberdade pode acarretar incertezas, insegurança, temores; mas também glória, paixão, poder, alegria e felicidade. Há um preço a pagar quando cortamos o cordão umbilical e saímos do ambiente confortável e benfazejo do útero materno. Nem sempre justo.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

A poesia na identidade e existência

Seu estilo apresentou temas românticos e nostálgicos. No seu pensamento musical, encontra-se temas do cancionário da música e poesia popular da Morávia e da Boêmia, onde ele tinha nascido. Naquela época, era uma região do Império Austro-Húngaro. Mencionei o Antonín Leopold Dvořák (1841-1904). Ele foi compositor tcheco, que priorizou em unir a cultura do seu país com a forte tradição da música erudita daquela região. Nesse contexto, o seu primeiro trabalho conhecido foi a peça ‘Polkapomnenkaem Dó Maior’, escrito em 1854. Depois da estreia da sua cantata ‘Stabat Mater’ (1880), ele visitou o Reino Unido e se tornou conhecido e se immortalizou com a sua ‘Sinfonia nº 7’, que foi escrita para Londres. Depois de um breve período de regência em 1890 na Rússia, Dvořák foi convidado e assumiu a função de professor no Conservatório de Praga, em 1891. No ano seguinte, Dvořák mudou-se para os Estados Unidos e assumiu a direção do Conservatório Nacional de Música da América, em Nova York. No entanto, a saudade da sua terra natal o fez voltar à Boêmia.

Naquela época, a partir de 1895 até a sua morte, ele compôs intensamente e várias peças foram concluídas. Quando ele morou em Estados Unidos, as suas composições que mais se destacaram foram: a ‘Sinfonia do Novo Mundo’; o ‘Quarteto de Cordas Americano’; a ópera ‘Rusalka’ e o ‘Concerto para Violoncelo em Si menor’. Naquele período, ele compôs óperas, música coral, música de câmara, concertos, peças orquestrais, vocais e instrumentais. Todas essas peças representam o nacionalismo e universalismo de Dvořák. Ele incorporou harmonias complexas a fim de projetar o seu nacionalismo ao universalismo. Dvořák não banalizou suas melodias. Ele transferiu uma estética aos temas da própria composição. A sua habilidade é encontrada nas perfeitas transposições entre um tema e outro. Diante dessa complexidade, observa-se que ele dominou com precisão a técnica contrapontista. Ao criar três ou quatro vozes simultaneamente, Dvořák sempre conservou a harmonia com perfeição. Isso também o fez um excelente orquestrador, por criar o brilho e o colorido instrumental as características mais marcantes aos temas, de forma mais destacada aos instrumentos de cordas em suas sinfonias. Geralmente,



Foto: Divulgação

“A poesia constrói a identidade de um país”

nessas sinfonias, as flautas, oboés, clarinetes e fagotes entram como auxiliares às cordas ao transferirem a agradável brisa e leveza da região eslava. Observa-se, nessas sinfonias, que Dvořák usou percussões intensa e forte.

As sinfonias de Dvořák, com exceção da terceira que possui apenas três movimentos, as suas oito sinfonias têm quatro movimentos, geralmente um allegro (alegre), um adagio (calmo), um scherzo (brincante) e outro allegro. Elas seguem com uma pequena diferença da forma-sonata. Por exemplo, nos primeiros e últimos movimentos são formados de três partes: uma exposição de temas, uma reexposição dos mesmos temas nas mesmas sequências de compasso com pequenas alterações orquestrais; e, finalmente, o desenvolvimento dos temas apresentados anteriormente com novos temas. O segundo movimento – geralmente – é um adágio com pontos intensos; e, novamente, apresenta intensidade nas belas melodias e em momentos nos quais a orquestra parece esquecer o tema calmo e tempestivo, e, de repente, explode em acordes fortíssimos. Isso é observado nas sinfonias de número dois, seis, sete e nove. No seu estilo de compor, geralmente, o terceiro movimento é um scherzo, que são movimentos de impacto do ponto de vista contrapontísticos, em que sobressaem os instrumentos de percussão, as madeiras e cordas. Temos uma singularidade sobre o

scherzo na sinfonia nove, na qual o tema de abertura desse movimento faz uma homenagem ao segundo movimento da ‘Nona Sinfonia’ de Beethoven. Todas as nove sinfonias de Dvořák são obras-primas do conjunto sinfônico romântico do século 19. Ele não estabeleceu mudanças formais entre uma obra e outra. Dvořák não foi um inovador da forma sonata. Entretanto, ele se tornou um idealizador da ideia musical em criar – por longas horas – uma peça com “apaixonados” temas românticos e nostálgicos.

Dvořák foi influenciado pelo nacionalismo do filósofo polonês Johann Gottfried Herder (1744-1803), que contribuiu para construir o nacionalismo da República Tcheca. Uma das teses de Herder afirma que a poesia constrói a identidade de um país. Outra influência – em Dvořák – foi o primeiro romantismo alemão. Esse romantismo – na música erudita – é caracterizado pela expansão às estruturas formais de uma composição, que permite técnicas que tornam temas mais expressivas para valorizar a liberdade diante da coletividade. E de priorizar a sensibilidade humana para com o respeito a todos, e evitar o engessamento do racionalismo diante das Leis e da Ética. Esses ideais – através da arte – estimularam a criatividade e a educação estética como forma de preencher o vazio existencial, que estava desgastado pelos ideais da razão do Neoclassicismo e Iluminismo. Os ideais do primeiro romantismo alemão à liberdade e a prioridade de valorizar a poesia, fortaleceram as identidades e massificar a cultura dum país. Esse romantismo foi impulsionado através do movimento ‘Sturm und Drang’ (“Tempestade e Ímpeto”), que se deu entre 1760 a 1830, através dos filósofos e artistas: o poeta e filósofo Johann Wolfgang von Goethe (1749-832); o filósofo, poeta, médico e historiador Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759-1805); e os irmãos filósofos, poetas, tradutores, críticos e filólogos August Wilhelm von Schlegel (1767-1845) e Friedrich Schlegel (1772-1829).

■ Sinta-se convidado a audição do 322º Domingo Sinfônico, deste dia 6, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer peças do compositor tcheco Dvořák.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O viés epistolar de Cícero

Tempo louco, midiático, onde a notícia paralisa, impede qualquer movimento, quando não, acelera, enlouquece. Vivemos uma verdade incógnita e uma mentira idem, que se despedem em passos de crocodilo, mas ainda não é o fim. Cada um com sua loucura.

Somos velados para onde vozes que habitam o lugar de fala, se desarrumam em tempos idos ou se agasalham na livre audácia dos que ainda acreditam serem insuperáveis. Não é fácil. Falta conhecer a correspondência de Cícero 43 a.C.

Um amigo me falou do sociólogo francês Durkheim, de que ele afirmava que se existe uma ciência das sociedades: “é de desejar que ela não consista simplesmente numa paráfrase dos preconceitos tradicionais, mas nos faça ver as coisas de maneira diferente da sua aparência vulgar; de fato, o objeto de qualquer ciência é fazer descobertas, e toda descoberta desconcerta mais ou menos as opiniões herdadas”. Faz sentido? Não sei.

Eu já tinha um pouco do pensamento de Émile Durkheim, considerado o fundador da sociologia. Bom, em tempos de pandemia, eu não estou aqui para falar de sociologia, sequer do pensamento de Durkheim. Prefiro pensar em Cícero, o mais longo.

Li também que Durkheim destacava que o objetivo da educação não é o de transmitir conhecimentos sempre mais numerosos ao aluno, mas o “de criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda vida”. Deixemos Durkheim no seu túmulo.

Eu, longe do sacrilégio, desprovido da caracterização da banalidade, alinhado num silêncio perturbador, detenho-me na alegria de ainda querer buscar novidades. Onde? Não suportos os repetidos gestos, que não trazem ensinamentos. Hoje e amanhã muitos permanecerão armados, com o intuito de eternizar a idiotice. Ou a loucura.

Final, o que estou escrevendo hoje? Fora a melancolia, que me parece tão impiedosa e me faz coabitar as provincianas avenidas, nem acredito mais nessa coisa de primeira vez como plenitude. Talvez, o sexo. Eu posso estar errado, mas o que ouvi de Clóvis de Barros Júnior sobre Cícero, me deixou bem longe de Durkheim.

Uma amiga está assistindo este mês as aulas sobre Cícero, o grande orador romano (com o mestre Clóvis de Barros Júnior) e tem me enviado os áudios, que começam com as cartas que ele trocava com Tito Pompório Ático, mas conhecido por Ático, no sentido amplo do que deve ser a amizade, mesmo que Cícero tenha vivido 44 anos a.C. É algo inovador. Um esplendor.

Mas por que misturar Cícero com Émile Durkheim, um cara que nasceu em 1858, em Épinay, cidade da região da Alsácia que correspondia ao território francês? Ora, Cícero já pensava na correspondência, na coisa da mão dupla, há milênios.

Naquela luz onde ainda digo, tempo, aparo o brilho, para retomar a senda, eu quero mais é aprender com Cícero.

Sá de casa, fui pedalar. Vi um bando de homens circunspectos, rigorosamente vestidos de farda, observando o nada à luz velada do candeeiro público da cidade. Quem paga a conta das luzes acesas de manhã cedo, na praia?

São presumíveis essas criaturas que falam coisas desconexas, figurantes de um filme banal. Cícero amava Ático? Não, eles eram mais profundos.

Enquanto Émile Durkheim fala da velha sociologia, de ver as coisas de maneira diferente da sua aparência e na verdade, lembram opiniões formadas sobre tudo. Cícero costurava a amizade à distância com Ático, tendo como suporte as cartas. O viés epistolar, saca?

Não precisamos tanto dessa coisa de corpo presente. Pensando nos dias de hoje, nem missa de corpo presente: às missas agora são online. Cícero mostra que a eternidade é só um escopo.

Bom, é isso que temos para hoje. Voltarei a falar sobre Cícero, o Marco Túlio.

Kapetadas

1 - Não use a lei do retorno para se igualar a quem você critica. Use para mostrar que você é superior.

2 - Brasil. Ame-o. Deixe-o. Faça o que você quiser, ninguém se importa.

3 - Som na caixa: “Berro pelo aterro, pelo desterro / Berro por seu berro, pelo seu erro”, Caetano Veloso.



Foto: Divulgação

Cícero, filósofo e grande orador romano viveu até o ano de 43 a.C.

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Mundo de Zé Lins, sua visão no cinema e homenagens (I)

Para minha grata surpresa, na semana passada, recebi como encarte no Jornal A União um rico exemplar de *José Lins do Rego - 120 Anos*. Uma publicação singular, que homenageia uma das figuras mais emblemáticas da literatura brasileira, e que li num fôlego só. Um condensado instruído com as imagens do escritor de *Menino de Engenho*, seus familiares, o ambiente cenográfico dos “mundos” do Engenho Corredor, além de fotos, depoimentos de admiradores e pessoas daquela região, que foram entrevistadas sobre Zé Lins pelo jornalista Alexandre Macedo. Tudo ricamente impresso na forma de revista especial, com 90 e poucas páginas.

Dentre os destaques da obra está o cinema (que jamais deveria faltar), o que vem bem representado pela nossa presidente da Academia Paraibana de Cinema, a atriz Zezita Matos. Ela que teve atuação destacada em *Menino de Engenho*, dirigido por Walter Lima Jr em 1965, com a participação de Sávio Rolim vivendo Carlinhos. Filme que valida a “alma vegetalista” de que falava Virgínius da Gama e Melo, dos verdes canaviais e matas que abraçavam os engenhos de cana-de-açúcar do Corredor, Oiteiro, Tapuá, além de casas dos colonos que margeavam o Rio Paraíba. Cenografia que só ganharia a cor no cinema 11 anos depois, com os filmes *Fogo Morto* e *Soledade*.

Houve um tempo em que bafejado pela curiosidade de jornalista, sobre a vinda de cineastas do sul do país para as filmagens dos nossos autores, e motivado pelo desejo de ver no cinema as imagens de romances paraibanos, sobretudo zelinianos e americistas, “ciganeava” eu (aqui, sem o pejorativo da palavra) de câmera super-8 nas mãos pelas trilhas e bagaceiras tão famosas, entre os engenhos Oiteiro e Corredor.



Localizada no município de Pilar, Casa Grande do antigo Engenho Corredor, onde nasceu Zé Lins do Rego

Foto: Divulgação

Naturais cenários dos romances de *Menino de Engenho*, *Fogo Morto*, *A Bagaceira*, além de outros. Andadas que fazia algumas delas em companhia do historiador e amigo José Octávio de Arruda Mello, quando ele estava à frente da diretoria-geral de Cultura do Governo do Estado, depois na direção do IV Centenário da Paraíba.

Essa foi a época em que eu realimentava uma forte simpatia pelas sagas contadas por Zé Lins em seus livros, sobre as várzeas e mundos próximos à “Terra dos canaviais”. Uma Santa Rita que me viu nascer e crescer, portanto, vendo de perto os arroubos daquele mesmo Rio Paraíba quando resolvia se esmerarem suas grandes enchentes, inundando toda Rua do Rio e subindo até próximo à Praça João Pessoa e o Grupo Escolar João Úrsulo, para euforia da garotada,

inclusive a minha, já que eu fazia o primário naquele colégio.

Vendo hoje uma foto no jornal do amigo Damiano Ramos fazendo parte de uma celebração, *in loco*, naquele pátio em frente à Casa Grande do antigo Engenho Corredor, deu uma saudade danada dos tempos idos. Em verdade, mesmo com uma infância não tão parecida àquela de Carlinhos, narrada por Zé Lins, nunca cheguei a ser realmente um menino de engenho; mas, “menino de cinema”, mesmo por questão de ofício parental, vivendo entre a realidade e a fantasia bancada sempre pelo meu saudoso pai, “Severino do Cinema”. Uma arte que soube bem traduzir, em imagens e sonhos, a verve literária do ilustre escritor paraibano. – Mais “coisas de cinema”, em: alexsantos.com.br.



APC une-se às homenagens a Zé Lins do Rego

A Academia Paraibana de Cinema (APC), através de sua diretoria e associados, parabeniza as instituições do Governo do Estado e da iniciativa privada, pela celebração dos 120 anos de nascimento do escritor José Lins do Rego. Mais ainda, pela rica contribuição do autor ao cinema paraibano, a partir de sua obra maior na Sétima Arte, que foi *Menino de Engenho*, filme dirigido em 1965 pelo cineasta carioca Walter Lima Jr.

Presidente da APC e atriz, Zezita Matos relatou para a revista *José Lins do Rego - 120 anos*, publicada recentemente por A União, como foi sua participação pela primeira vez no cinema, em *Menino de Engenho*, explicando da alegria que sente em ser conterrânea do escritor da cidade de Pilar.

Série ‘Loki’ marca a volta do vilão

Mariane Morisawa
Agência Estado

Em dez anos de Universo Cinematográfico Marvel, Loki, interpretado por Tom Hiddleston, apareceu por um total de duas horas, mais ou menos. Ainda assim, tornou-se um dos personagens mais queridos do público, que pode ficar sossegado: o Deus da Trapaça está de volta na série *Loki*, que estreou na última quarta-feira, no Disney+, com seis episódios semanais. “Eu sempre me surpreendo com os fãs”, disse Hiddleston em entrevista coletiva por videoconferência. “A razão pela qual pude continuar a interpretá-lo é que ele significa tanto para tantas pessoas, por razões muito diferentes. E isso é muito gratificante para mim. É uma grande honra.”

Para o ator, o sucesso de Loki, que foi um traidor em *Thor* (2011), um vilão em *Os Vingadores* (2012), um anti-herói em *Thor: O Mundo Sombrio* (2013) e *Thor: Ragnarok* (2017) e uma espécie de mártir em *Vingadores: Guerra Infinita* (2018), são justamente suas múltiplas facetas. “Algumas pessoas gostam porque ele é brincalhão, espontâneo e um tanto travesso. Outros acham que é um bom antagonista. E claro



Foto: Divulgação

Tom Hiddleston retorna na pele do Deus da Trapaça, meio-irmão do Thor, em seriado com mote de linhas do tempo

tem os que não suportam”, disse Hiddleston. “Mas eu acho que muitos são atraídos por sua vulnerabilidade. Por baixo de todas aquelas camadas de charme e carisma há uma vulnerabilidade que faz com que se identifiquem com ele.”

Mas, por falar em *Guerra Infinita*, Loki não tentou salvar o irmão Thor e acabou morto por Thanos por tê-lo traído no filme de 2018? Sim. Por isso, o próprio Tom Hiddleston foi surpreendido ao ser informado da ideia da série. “Foi um misto de deleite e surpresa. Fiquei empolgado, mas ao mesmo tempo coçando a ca-

beça porque aquela cena em *Guerra Infinita* pareceu bem conclusiva para mim”, disse o ator. E isso não vai mudar, tecnicamente. Porque o Loki que encontramos é aquele de 2012, que em *Vingadores: Ultimato* escapou com o Tesseract. O chefe dos estúdios Marvel, Kevin Feige, contou sua coisa favorita de ouvir depois da estreia de *Vingadores: Ultimato*. “As pessoas diziam que não tínhamos atado todas as pontas soltas de Loki, que ele simplesmente desaparecia, que tínhamos nos esquecido de contar o que acontecia com ele.”

Pois é chegada a hora. *Loki*, a série, começa logo de-

pois de Loki, o personagem, roubar o Tesseract. “Para onde ele vai? Para quando ele vai? Há tantas possibilidades”, afirmou Hiddleston. “Acho que encontramos soluções divertidas que vão ser exploradas nesta série.” Imediatamente, ele é capturado pela TVA, a Time Variance Authority – ou Autoridade de Variância do Tempo, em português. Essa organização burocrática é a responsável por garantir que o passado, o presente e o futuro sigam o que foi predeterminado. Qualquer um que altere o curso da história – ou seja, que mude a linha do tempo – é levado a julgamento.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

O leitor ideal

Alberto Manguel, em *Notas para uma definição do leitor ideal*, elenca alguns pontos que considera decisivos na constituição dessa categoria. Tomarei, aqui, a liberdade de glosar algumas delas, na expectativa, quem sabe, de contribuir para o deleite dos que amam o universo dos livros, da leitura e dos leitores.

“O leitor ideal não reconstrói uma história: ele a recria”.

Perfeito. O bom leitor vai além da mera reprodução. Sua recepção, quando movida pela empatia e pela compreensão, tende, sim, a recriar o que foi lido, a partir de sua própria experiência de vida e de leitura. Penso, aqui, no leitor ativo, participante, imaginoso, e por isto mesmo, capaz de preencher as lacunas, os vazios e as indeterminações da história narrada. Até porque, as histórias ditas literárias são sempre marcadas pela plenitude de sua ambiguidade. São incompletas e abertas como a própria existência.

“O leitor ideal gosta de usar o dicionário”.

Sem dúvida. Sem dicionários não dá pra ler nem pra viver. O que é um dicionário senão o mundo traduzido em palavras, um código minucioso dos signos e dos símbolos que rege a nossa travessia na aventura do conhecimento, uma estranha, porém, utilitária geografia, ou, na perfeita e sucinta definição do próprio Manguel: “(...) um talismã contra o esquecimento”.

O dicionário me parece fundamental porque sinaliza não somente para o que os vocábulos dizem, mas também para o que silenciam, numa possibilidade de sentidos que circulam pela esfera de nossa sensibilidade e inteligência. Ler sem dicionário é como comer o doce sem beber a água.

“O leitor ideal julga o livro pela capa”.

Será? A capa talvez seja o primeiro elemento de atração. A sedução pode começar por aí. Design gráfico/visual, tipografia, ilustração, cores, tudo pode promover o primeiro impulso para a leitura ou funcionar como critério carismático para a obsessão do colecionador.

Nesse tópico das capas, existem preciosidades da bibliofilia que martirizam as noites do amante de livros. Capas com desenhos de Poty ou de Santa Rosa, por exemplo, fazem parte de meu fetiche de leitor, sobretudo se integram a amada coleção *Sagarana*, da extinta e nunca esquecida livraria e editora José Olympio. Dou valor a capa, sim. Mas não julgaria o livro em si, na sua componente intrínseca, na sua molécula interior, no seu epicentro, somente pelo luxo e brilho da capa.

“O leitor ideal conhece a infelicidade”.

Conhece a felicidade também. Tais credências da existência me parecem inseparáveis como as espécies de uma planta xifópaga. No livro, a felicidade e a infelicidade vêm de bandeja na sua indumentária substitutiva, vicária, fruto da imaginação ou da memória, outras irmãs gêmeas que se inserem no mundo fantástico da consciência humana.

Ler é uma forma de felicidade, dizia Jorge Luís Borges. Só que esta forma de felicidade se materializa no plano da beleza artística, pois esta tem o dom de transformar a infelicidade (lembro aqui do conto de Tolstói, *A morte de Ivan Ilich*) na felicidade do prazer estético.

“Escrever nas margens é marca de um leitor ideal”.

Não só nas margens. O leitor ideal também grifa palavras, sublinha frases, coloca setas indicativas em passagens que lhe embalam a alma, seja para o bem seja para o mal. O leitor ideal é justamente aquele que, a partir desses grifos, que são como vestígios de sensações olvidadas, sai à procura de outros leitores que fizeram, antes dele, o mesmo percurso, o maravilhoso percurso das páginas que ele lê e guarda.

“O leitor ideal quer chegar ao final do livro e ao mesmo tempo saber que o livro nunca acabará”.

E os livros acabam? Há livros que se leem a vida inteira, e a vida inteira se renova e se refaz na permanente novidade de suas ideias e de suas emoções. Livros que, quando se fecham, abrem o espaço da saudade. E nos prometemos a eles voltar qualquer dia desses. Assino embaixo: os livros, se são bons livros, nunca acabam.

Por exemplo: comecei a ler *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, aos 14 anos, e ainda não terminei. Estou sempre às voltas com o seleiro Zé Amaro, o Coronel Lula de Holanda e o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, o “papa-rabo”. Ontem proseei com Raskolnikov, o agônico personagem de Dostoiévski, em *Crime Castigo*, cheio de espanto e compaixão. Faz 40 anos que leio *O velho e o mar*, de Hemingway. Faz 50, que saboreio os poemas de Fernando Pessoa e seus diversos heterônimos. Amanhã vou reler Baudelaire; depois de amanhã, Manuel Bandeira; mais adiante e de novo, Machado de Assis, Augusto dos Anjos, Julio Cortázar, Ítalo Calvino, Umberto Eco e Alberto Manguel.

Mostra Moã começa amanhã com uma programação virtual e gratuita com 35 filmes, masterclass, oficinas e debates sobre memórias e perspectivas

Festival traz o cinema de negros e indígenas

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

A presença de atrizes, atores e personagens negros e indígenas em produções audiovisuais nem de longe reflete a proporção desse segmento populacional no país. Para estabelecer uma imagem de afirmação positiva da africanidade e dos povos originários brasileiros, a Moã Mostra de Cinemas Negros e Indígenas começa amanhã e vai até o dia 20 com programação totalmente on-line e gratuita. O objetivo do evento é compartilhar memórias e perspectivas de mundos possíveis de realizadores negros e indígenas e suas tecnologias ancestrais, e durante os dias do evento vai trazer 35 filmes, além de oficinas e masterclasses.

“A Mostra Moã parte do desejo de criar um espaço para pensar e exibir o cinema negro e indígena nacional, repensar formas e formatos da produção de imagens”, explica Thiago Costa, artista paraibano que é curador, diretor artístico e idealizador do evento. “A produção negra e indígena cinematográfica está em plena efervescência e é necessário a criação de espaços seguros e potentes para essa ebulição de trocas de saberes”, complementa ele, que divide a curadoria com a produtora cultural e cineasta Graci Guarani, pertencente à nação Guarani Kaiowá, e Ziel Karapotó, que é ator, artista multimídia, produtor cultural e cineasta.

O mercado cinematográfico tenta dar respostas ainda que tardias a pressão social por uma maior representatividade de grupos étnico-raciais marginalizados. Exemplo disso foi o anúncio de que a partir de 2024 a diversidade vai ser obrigatória no Oscar. A Academia de Hollywood tomou medidas para a escolha do Oscar de Melhor Filme, definindo uma cota mínima de representantes de minorias no elenco, na equipe ou na área administrativa. Outro critério cobrado será que os enredos abordem diretamente temas diretamente ligados a esses grupos. No Brasil, iniciativas como o Dogma Feijoada já procurava definir um série de exigências para a produção de um cinema negro, entre eles o de que



Ambientalista, filósofo, escritor e poeta indígena Ailton Krenak vai ministra a masterclass ‘Demarcar a Tela: um cinema de ação’

Através do QR Code acima, acesse o canal oficial da Mostra Moã no YouTube

o filme tem de ser dirigido por realizador negro brasileiro, assim como o seu protagonista deve ser negro, mas sem estereótipos e com relação com a cultura negra brasileira, evitando super-heróis ou bandidos.

“O cinema negro e indígena é aquele feito por tais”, defende Thiago. “Outra coisa importante pontuarmos é que o cinema negro e indígena não está interessado em apenas valorizar identidades étnico-raciais e sim poder ritualizar a própria vida e extrair os campos sensíveis do nosso território”, acrescenta o curador. Para ele, cinemas negros e indígenas são cinemas idealizados, executados e produzidos por seus representantes étnicos, criando uma concepção imagética relacionada às suas temáticas de vivências e ancestralidades, mas não limitadas a elas. “É muito mais do que ter essas subjetividades representadas. É nesse cenário que esses representantes podem expandir e protagonizar suas produções em outros campos de linguagem e imagem”, defende.

Uma das consequências dessa sub-representatividade nas telas abre espaço para o que Thiago Costa atesta como sendo uma apropriação

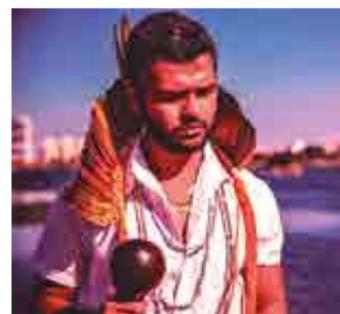
cultural indevida, que acaba por gerar uma folclorização étnica, sobre a estética, vivência cultural e manifestação das tradições negras e indígenas. “Percebemos que há uma manutenção dos mecanismos racistas dentro da sociedade. Isso nos faz perceber a necessidade urgente de diversidade na frente e atrás das telas. A criação do discurso é uma ferramenta importante nas mídias televisivas e digitais e por isso precisamos demarcar a tela, o nosso espaço dentro do audiovisual”, argumenta ele, lembrando ainda que a Paraíba é um território

indígena marcado pela presença dos povos originários e tradicionais.

Entre os filmes a serem exibidos, destaca-se o único longa em exibição, o documentário *Abolição* (1988), de Zózimo Bulbul (1937-2013). Os demais filmes são curtas que podem ser acessados a partir de amanhã através da plataforma Todesplay (todesplay.com.br), após um breve cadastro. Após as exibições, haverá debates mediados pelos curadores.

O evento que tem o apoio da Funjope e do Fundo Municipal de Cultura de João Pessoa através dos recursos

da Lei Aldir Blanc oferece ainda outras formas de participação ao público. Entre as masterclasses, no dia 20, o líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro Ailton Krenak discorre sobre o tema “Demarcar a Tela: um cinema de ação”, a partir das 15h. Antes, já nesta terça-feira, o artista paraibano e professor da UFBA Stênio Soares apresenta sua aula sobre “Encruzilhadas poéticas entre o vídeo e a performance”, igualmente às 15h. Ambas as aulas poderão ser acessadas através do canal do YouTube da Mostra Moã.



Evento que vai até o dia 20 deste mês tem curadoria da cineasta e produtora cultural Graci Guarani (E), do ator, artista multimídia, produtor cultural e cineasta Ziel Karapotó (C) e do artista transdisciplinar Thiago Costa (D), que é o idealizador da mostra

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Gullar, o oportunismo e o conformismo

Criador do neoconcretismo e membro da Academia Brasileira de Letras, o maranhense Ferreira Gullar (1930-2016) foi um dos nomes mais importantes da cultura brasileira, como escritor, poeta, crítico de arte, biógrafo, tradutor, memorialista e ensaísta.

Até novembro de 2016, Ferreira Gullar (foto) escrevia no *Jornal do Brasil* e depois na *Folha de S.Paulo*.

Em meus arquivos, guardo uma de suas principais colunas, sobre “a agonia das vanguardas estereis” – publicada no suplemento *Ideias/Ensaios* do *Jornal do Brasil*. Gullar, então, bateu na tecla de que “os artistas que insistem na ilusão vanguardista não se dão conta de que o que, no passado, era audácia, hoje é oportunismo; o que antes era ruptura, hoje é conformismo”.

Realmente. Lembro que em 1968, antes do AI-5, artistas paraibanos, na abertura de uma exposição na Sorvelanches 36 (não existe mais), derramaram uma lata de tinta vermelha na cabeça de um



Foto: Divulgação

americano do Peace’s Corp enquanto a galera gritava “Go home”. Na mesma época, eu, José Nêumanne e outros montamos o espetáculo *Pindorama, Idolatrina, salve, salve* e varremos a poeira do palco do Teatro Minerva, em Areia, em direção a uma atônita plateia formada por freiras, jovens alunas e algumas das ditas autoridades da cidade.

Na época, Raul Córdula, Guy Joseph e outros tinham propostas e respostas que alteravam profundamente os dados das artes plásticas nordestinas, sem que fossem carbonos.

Preocupa, hoje, é que artistas queiram aparecer como o novo fazendo exatamente o que na época do AI-5 “era audácia” e em noites ridículas à la Yves Falière, no Hotel Tambaú, “era oportunismo”. Que alguns artistas copiem o que era produzido há cerca de 50 anos como “ruptura” e hoje é “conformismo”.

Compreende-se bem o que Ferreira Gullar afirmou no *Ideias/Ensaios*: a ilusão vanguardista. Ela se mantém entre artistas que pensam mais na possibilidade de entrar na mídia, no mercado, no ti-ti-ti do blá-blá-blá, do que em partirem para a grande e nova aventura de (re)inventar o novo numa sociedade absolutamente saturada de informações velhas (mas tão contraditórias que aparecem como modernidade do século 21). Não são nem pós-modernas porque não conseguiram ser pré.

Faço questão de transcrever um trecho do longo texto de Ferreira Gullar: “A renúncia à arte descartável significa trocar a busca interior pelo êxito exterior. Para quem segue esse caminho, a obra não tem importância senão pela repercussão

na mídia. O processo de realização da obra, que deve ser cumulativo e aprofundador, é abandonado e substituído pela atividade aleatória de coletar detritos ou adquirir no comércio elementos prontos que serão arranjados de algum modo para constituir a ‘obra’. Como a cada ‘obra’ o artista muda de meios – hoje são baldes de plástico, amanhã tijolos ou garrafas, depois de amanhã cordas ou pedaços de borrachas – seu trabalho se mantém ocasional e exterior ao material, sem, por isso, organizar-se em linguagem. A obra, então, não resulta da elaboração e aprofundamento da experiência, mas de sacações (“Tive uma boa ideia!”) que visam de fato abrir uma brecha na indiferença da mídia. É inegável que as condições geradas pela sociedade de massa cria para os artistas dificuldades e imposições difíceis de superar. Mas isso não justifica concessões que, no fundo, terminam por destruí-lo, tal como ocorre com os jovens compositores de hoje, que brilham no céu televisivo por um mês, dois, e em seguida desaparecem para sempre”.

Um show de Gal Costa me fez ver, via Wally Salomão, que um quadro de Tarsila do Amaral permanece mais moderno que quase todos os lances da “ilusão vanguardista”.

“Hoje, os governadores da oposição têm que lidar com delicadeza com os PMs, porque já houve motins, e o presidente (Bolsonaro) os estimula. (...) É a desmontagem do estado democrático de direito”, alerta o cientista político Paulo Sérgio Pinheiro (na foto). Página 14

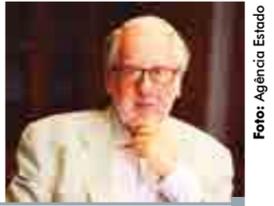


Foto: Agência Estado

Comissão permanente: controle de qualidade dos Legislativos

CMJP tem quatro agrupamentos parlamentares que atuam nas áreas de direitos humanos, políticas públicas, finanças e justiça

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

As comissões permanentes no âmbito das Casas Legislativas têm o papel de revisar as matérias para que elas não tenham vícios de inconstitucionalidade ou mesmo legalidade, além de verificar se a matéria tem eficácia para a população. Atualmente, a Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP), por exemplo, tem quatro comissões permanentes que atuam nas áreas de direitos humanos, políticas públicas, finanças e justiça.

De acordo com o diretor legislativo da CMJP, Rodrigo Paulo Neto, cada comissão tem uma função específica. A Comissão de Constituição, Justiça, Redação e Legislação (CCJ), considerada a principal delas, revisa e verifica cada uma das proposições que chegam a ela. “Ela vai verificar a constitucionalidade, legalidade, a técnica legislativa, das proposições, não apreciando o mérito da

matéria. As demais têm a função de ver e verificar o mérito da matéria, a oportunidade e a sua eficácia para a população em geral”, explicou.

A CCJ, atualmente, é presidida pelo vereador Odon Bezerra (Cidadania), e tem como vice-líder o vereador Tanilson Soares (Avante). Além disso, a comissão é composta por mais cinco membros: os vereadores Tarcísio Jardim (Patriota), Durval Ferreira (PL), Thiago Lucena (PRTB), Bispo José Luiz (Republicanos) e Guga (Pros).

Segundo o diretor legislativo, o regimento interno da CMJP prevê quatro comissões permanentes. A Comissão de Constituição, Justiça, Redação e Legislação é a única com sete membros no total, as demais têm cinco membros, de acordo com o que prevê o regimento.

Após a proposição ser apresentada pelo parlamentar, é o momento de decidir qual é o setor responsável pela tramitação dessas maté-



Foto: Secom-CMJP

O vereador Bruno Farias é o presidente da Comissão de Finanças, Orçamento, Obras e Administração Pública da CMJP

rias. “É encaminhado ao presidente da mesa diretora do Legislativo, sugerindo quais comissões determinada matéria deve percorrer”.

Essas matérias ou proposições podem ser projeto de lei ordinária, comple-

mentar, projeto de resolução, projeto de emenda, matérias orçamentárias do Executivo, entre outras que tramitam pelas comissões. “Encaminhada a proposição ao presidente, ele concorda ou discorda com o que o apoio das

comissões sugeriu”, explicou Rodrigo Paulo Neto.

Enquanto a Comissão de Constituição e Justiça verifica se as matérias estão dentro da legalidade, as demais comissões vão verificar o conteúdo de cada matéria, se

elas são ou não de interesse da população. “Todas elas podem e devem verificar quando a matéria for relevante de interesse social público”.

Esse processo também envolve escutar a população, através de audiências públicas, onde o conteúdo da proposição é discutido. As comissões que desenvolvem esse papel são a Comissão de Cidadania, Direitos Humanos e Defesa do Consumidor (CCDHDC), presidida pelo vereador Marcos Henriques (PT); e Comissão de Finanças, Orçamento, Obras e Administração Pública (CFO), que tem como presidente o vereador Bruno Farias (Cidadania).

Além disso, a CMJP conta ainda com a Comissão de Políticas Públicas (CPP), presidida pelo vereador Marclio do HBE (Patriota). Durante o período de pandemia, a participação da população tem diminuído. No entanto, o trabalho das Comissões Permanentes continua acontecendo, de forma remota.

Suporte para os trabalhos

De acordo com Rodrigo Paulo Neto, diretor legislativo da CMJP, desde o início da pandemia do novo coronavírus, as reuniões têm ocorrido através da plataforma zoom. “Ela é realizada como se fosse presencial. Todas essas comissões têm o apoio e o suporte dos setores envolvidos na transmissão

e assessoramento dos vereadores. Ela é transmitida pela tevê, rádio e YouTube, ao vivo”, disse.

Além disso, é utilizado o Sistema de Apoio ao Processo Legislativo (SAPL) na CMJP e nas Casas Legislativas de todo o país. “É possível acompanhar e visualizar todas as matérias em trami-

tação na Casa Legislativa, podendo ver o texto integral, os pareceres das comissões, ver documentos acessórios, como emendas. Tudo que hoje tramita no processo legislativo, todas as informações e seu andamento. Conseguimos colocar e atualizar todas as informações de nossa responsabilidade”.



Foto: Secom-CMJP



Foto: Reprodução

O vereador Marclio do HBE preside a Comissão de Políticas Públicas e Zezinho Botafogo comanda uma frente parlamentar

As políticas públicas nas frentes parlamentares da Câmara de JP

Foto: Secom-CMJP

As chamadas frentes parlamentares também ocupam uma posição importante junto à CMJP. Cada frente tem o papel de promover políticas públicas de acordo com cada segmento, como educação, empreendedorismo, mobilidade urbana, entre outros assuntos de interesse da população.

A Casa conta com seis: A Frente Parlamentar de Educação; presidida pela vereadora Eliza Virgínia (Progressistas); do Empreendedorismo e do Livre Mercado, que tem como presidente o vereador Thiago Lucena (PRTB); da Assistência Social e Cooperativismo, presidida pelo vereador Marmuthe Cavalcanti (PSL).

E mais: a Frente Parlamentar da Criança e do Adolescente, que tem como presidente o vereador Marcos Henriques (PT); a Frente Parlamentar em Defesa do Esporte, presidida pelo vereador Zezinho Botafogo (Cidadania); e a Frente Parlamentar da Mobilidade Urbana, que tem como presidente o vereador Damásio Franca (Progressistas).

A Frente Parlamentar da Educação, por exemplo, realiza debates e tem a função de ga-



Devido à pandemia do novo coronavírus, as reuniões das comissões permanentes e das frentes parlamentares ocorrem de forma remota, por meio de videoconferências

rantir a realização de políticas públicas em defesa da Educação. De acordo com a presidente Eliza Virgínia, a frente tem como objetivo assistir, amparar, salvaguardar os princípios da

educação municipal, além de contribuir com melhorias e realçar a fiscalização.

Já a Frente Parlamentar do Empreendedorismo e do Livre Mercado assegura a desburo-

cratização para empreender, promovendo o crescimento econômico a partir de segmentos como o livre mercado e economia criativa. A Frente Parlamentar da Assistência

Social e do Cooperativismo, é direcionada à promoção de discussões e aprimoramento da legislação e de políticas públicas referentes à assistência social e ao cooperativismo.

Política de Direitos Humanos completa 25 anos sob ataque

Marcado por um momento de incerteza, o PNDH está ameaçado de desmonte pelo governo Jair Bolsonaro

Vinicius Valfré
Agência Estado

Sob ameaça de desmonte pelo governo de Jair Bolsonaro, a política brasileira de direitos humanos completa 25 anos. Entre maio e junho de 1996, o jurista José Gregori divulgava e implantava o Programa Nacional de Direitos Humanos. As bodas de prata do primeiro PNDH do país ocorrem num momento marcado pela maior crise de imagem do Exército no período democrático, por uma revisão do plano pelo atual governo, pelo avanço das milícias nas cidades e pela operação da Polícia Civil na comunidade do Jacarezinho, no Rio, que resultou em 28 mortos.

O plano foi parte de um conjunto de ações impactantes na relação entre o Estado e a sociedade civil, como a reparação de famílias de vítimas do regime militar (1995), a tipificação do crime de tortura com penas severas (1997), a transferência para a Justiça comum dos crimes dolosos praticados por policiais militares (1996), a proteção de testemunhas de crimes cometidos por policiais (1999) e a criação do Ministério da Defesa sob comando civil (1999).

As medidas tomadas pelo governo Fernando Henrique Cardoso ajudaram a consolidar a transição ao regime democrático e o poder civil na política. A criação da pasta da Defesa, sem militar no comando, em 1999, viria na esteira das mudanças. Agora, mais de duas décadas depois, sobram movimentos contrários.

Na quinta-feira passada, o comandante do Exército, Paulo Sérgio Nogueira, atendeu pedido de Bolsonaro para não punir o general Eduardo Pazuello pela presença em ato político. O fantasma da indisciplina também ronda os quartéis das polícias estaduais, com excesso de violência e ameaças de motins.

“Hoje, os governadores da oposição têm que lidar com delicadeza com os PMs, porque já houve motins, e o presidente os estimula. As Polícias Militares são forças de oposição aos governadores. É a desmontagem do Estado

Democrático de Direito que surgiu com a Constituição de 1988”, afirma o cientista político Paulo Sérgio Pinheiro. “O coroamento do retrocesso das violações dos direitos humanos é justamente esse risco de os militares da ativa se envolverem em manifestações políticas. É um momento gravíssimo”, complementa.

Um dos responsáveis pela concepção do PNDH, Pinheiro aponta uma “imaturidade” democrática. “Confesso que tudo o que estudei não ajudou a prever que o Brasil seria tomado de assalto por um governo de extrema-direita”.

O cientista político experimentou mais recentemente um pouco do autoritarismo que vem ajudando a combater no Brasil e no mundo. Foi incluído em um dossiê elaborado pelo Ministério da Justiça para colocar na mira servidores e professores universitários antifascistas. Ele se orgulha do adjetivo, mas diz que a arapongagem poderia ter o trabalho poupado se buscasse na internet as pesquisas que desenvolve.

Violência

Ativista dos direitos humanos, negra e feminista, a advogada Priscila Pamela dos Santos, 38 anos, avalia que momento é de retrocesso. “Subestimamos um pouco o potencial lesivo dele (do presidente) e não estávamos preparados para lidar com essas avalanches de retrocesso”, afirma.

Na presidência da Comissão de Política Criminal e Penitenciária da OAB de São Paulo, ela observa que muitas das proteções ainda se dão em razão das instituições não governamentais, que veem práticas ilegais e denunciam. “Essas instituições fazem, às vezes, o trabalho do Governo Federal”.

O PNDH foi o primeiro programa para proteção e promoção de direitos humanos da América Latina. No prefácio da primeira edição está expresso o objetivo de servir para resolução de problemas estruturais como os causados por desemprego, fome, dificuldades do acesso à terra, à saúde, à educação e concentração de renda.



Foto: Agência Estado

O cientista político Paulo Sérgio Pinheiro criticou o retrocesso do Programa de Direitos Humanos no atual governo

“Não há lógica para perseguir”

Aos 90 anos, José Gregori define a contribuição dada por ele à formulação do Programa Nacional dos Direitos Humanos como a mais importante que pôde oferecer ao país. Na chefia de gabinete do então ministro da Justiça Nelson Jobim, ele foi designado por Fernando Henrique para essa missão.

O senhor observa que as políticas atuais de direitos humanos estão como o senhor vislumbra 25 anos atrás?

Tínhamos o desejo real de estabelecer para o Brasil uma espécie de liderança latino-americana para os direitos humanos. Mas o atual (presidente) não tem nenhum.

Há risco de retrocessos?

O que fizemos, depois da redemocratização, foi uma coisa apartidária. A gente conseguiu que os direitos humanos resistissem, como tem resistido até agora, a um governo que tem visão totalmente depreciadora. Alguma raiz a gente plantou. Mesmo aqueles que não acreditam não conseguiram fazer com que essa raiz desaparecesse.

A que se deve essa solidão em que o senhor acredita?

O Getúlio só é a maior personagem da política brasileira pela fase democrática em que governou. A história do Brasil é uma história de êxito de governadores que foram a favor dos direitos humanos. Não vejo nenhuma lógica para que um camarada que foi eleito democraticamente perca tanto tempo em querer perseguir, combater o que o Brasil tem de mais inspirador.

Como as questões da política de direitos humanos deveriam ser posicionadas dentro do processo de combate à pandemia?

A questão da saúde depende dos direitos humanos. Ou todos se salvam ou todos se perdem. Não pode ser combatida pela metade.

Revisão com abordagem oposta

No ano em que completam-se 25 anos desde que os direitos humanos foram oficializados como política de Estado, o governo de Jair Bolsonaro prepara uma revisão do plano com uma abordagem oposta àquela que rendeu reconhecimento internacional à iniciativa original implementada em meados de 1996.

Em vez de uma construção coletiva, a análise é feita a portas fechadas, desde fevereiro, por um grupo instituído pelo Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, de Damara Alves. O término do trabalho está previsto para novembro.

Há duas semanas, o Conselho Nacional de Direitos Humanos, com seus representantes da sociedade civil, cobrou da ministra informações sobre o estágio das discussões internas. Não houve resposta.

“A portaria parte da premissa que o PNDH-3 precisa ser refeito, superado. Não concordamos. O plano é bom, com ampla participação popular, e não foi ainda cumprido. Precisamos discutir o que foi cumprido para depois discutir atualização”, afirma Yuri Costa, presidente do conselho.

Para Costa, a revisão é ainda mais esdrúxula porque entre os conselhos extintos pelo governo Bolsonaro ainda em 2019, um era voltado à análise da execução do

último programa, de 2009. “O risco maior é perdermos a participação social para um posicionamento governamental. Quem entende as demandas da população de rua, das mulheres, da população indígena são eles mesmos”, alerta.

À frente da proposta de alterar o plano, a ministra Damara Alves enfrenta pressões das redes bolsonaristas. Ela apagou uma nota oficial em que lamentava o massacre de Jacarezinho.

Questionada pela reportagem do jornal Extra sobre o motivo de ter apagado a mensagem, disse que a pergunta era uma “palhaçada”.

Já o presidente Bolsonaro elogiou numa ‘live’ a operação policial mais letal da história do Rio de Janeiro que resultou na morte de 28 pessoas, dos quais 27 era moradores, no último dia 6 de maio. Dos mortos, três eram alvo de mandados.

O cientista político Paulo Sérgio Pinheiro, um dos responsáveis pela concepção do PNDH, alerta que tortura e pena de morte perdem espaço para a educação na percepção dos brasileiros como solução para a segurança, segundo pesquisas.

Em nota, o ministério de Damara informou que o grupo de trabalho oferecerá “recomendações para o aprimoramento” da política de direitos humanos.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Chiquinho Bezerra e os bares que não voltam mais

O poeta Chiquinho Bezerra canta a sua terra-berço com singelos versos de cordel. No livreto, Chiquinho lembra vultos populares que já foram para o andar de cima, e outros que ainda por aqui vivem. No poema, ele lembra o Bar Ponto Certo, o Teve Jeito e a Gruta Azul, famosos botequins no centro da cidade. O livro se chama “Memórias de Itabaiana”. Chico vai citando desde Barata, o campeão de sinuca, até o mestre Daciano Alves, que foi presidente de quase tudo na velha Itabaiana, desde a banda de música até a União dos Artistas e Operários. Daciano era cunhado de Zé da Luz, o poeta matuto.

Antes da pandemia estive em Itabaiana com o compadre Marcos Veloso, e foi decepcionante constatar que hoje não temos nenhum bar de respeito na cidade. Procurei um bar para tomar um uísque honesto, não encontrei. Fui ao Café Sivuca, na Praça Epitácio Pessoa, e o garçom informou que ali não se vendia bebida alcoólica. Lei seca na terra de Nazário, Bertoldo e outros farristas eméritos.

O que causa tristeza é o caos em que foi transformada a Praça 24 de Maio. Parece uma favela. Deveria ser mais cuidada, para impressionar bem

aos que nos visitam. Lá senti falta do poeta Eliel José Francisco tomando uma brejeira com o professor Luiz Paraíba. Lula não podia me ver que logo declamava um poema de Zé da Luz.

Voltando ao Chiquinho Bezerra, devo informar aos meus seis leitores que Francisco Bezerra de Lima nasceu em 1944. Estudou no Grupo Escolar Professor Maciel, Ginásio Estadual de Itabaiana (atualmente Colégio Estadual Dr. Antonio Santiago) e Colégio Comercial Dom Bosco. Em 1966 ingressou no Banco do Brasil em Itabaiana, transferindo-se em 1981 para João Pessoa, onde se aposentou.

Formado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal da Paraíba, passou a dedicar-se ao mundo das artes, como grande incentivador do Clube do Choro da Paraíba onde se apresentava como intérprete e compositor da MPB. Nesta atividade, ganhou o festival BANCARTE, em 2004, como melhor intérprete.

Como escritor, lançou o livro “Memórias de Itabaiana”, onde narra sua infância, adolescência e juventude na terra do poeta Sander Lee, através da simplicidade da poesia de cordel. Chico Bezerra

será um dos escritores nativos a ocupar uma galeria especial na nossa cordelteca da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, quando tivermos uma sede. Por enquanto, as reuniões têm lugar em qualquer biróscia da Praça 24 de Maio, na presença de meia dúzia de três ou quatro avinhados senhores da velha guarda, devidamente afetados pela gravidade, a lei da gravitação universal que faz seus velhos corpos tombarem um pouco, e a gravidade propriamente dita de circunspectos cidadãos pingüços de outras eras, chapados da adrenalina que só os versos fornecem. Com o vago desconforto de beber em meio a sanduíche de mortadela suspeita, lama, raparigas velhas e cenário de uma praça aviltada, degradada pela incúria dos alcaides.

Mas, é o que temos. A clientela vale o chope mal tirado e pior gelado. A Santa Nossa Senhora da Conceição se destaca na praça viciosa, perante o sacristão Bebê Chorão que não respira nem mais derrama seu pranto de alcoolista neste mundo, ele que foi guardião da Santa, das putas e dos cachaceiros naquele mundo boêmio que vai trocando as pernas até parar.

Evasão escolar na Paraíba reduziu 82,2% desde 2014

Esforços do Governo do Estado para manter os alunos interessados nos estudos proporcionaram a nota mais alta do Brasil

Márcia Dementshuk
Especial para A União

Um dos grandes problemas da educação no Brasil, a evasão escolar na rede pública estadual na Paraíba caiu 82,2% desde 2014 (dados do Inep). No ano em que as escolas implementaram o ensino remoto por causa da pandemia da covid-19, 2020, o índice de abandono escolar foi o menor, 2,7%. Na Paraíba, os esforços para manter o estudante interessado no estudo, a rapidez e a cobertura na implementação das estratégias para o ensino não presencial proporcionaram a nota mais alta do Brasil (6), na avaliação de um estudo publicado pela Fundação Getúlio Vargas que avaliou as ações na educação remota no país em 2020.

A queda na evasão escolar na escola pública estadual na Paraíba começa a se intensificar a partir de 2016, o que coincide com o início da instalação do modelo de ensino para escolas integrais e técnicas, começando com oito escolas. Em 2018 havia um total de 100 escolas nesse sistema. Em 2020 eram 223 ao todo e neste ano saltou para 302 (100 delas são técnicas). Ou seja, 72% das escolas de Ensino Médio na Paraíba são integrais, sendo a Paraíba o estado com maior oferta de vagas nesse modelo no Brasil, (e ainda existem 118 escolas de E. M. regular e cerca de 150 mil estudantes ao todo na rede).

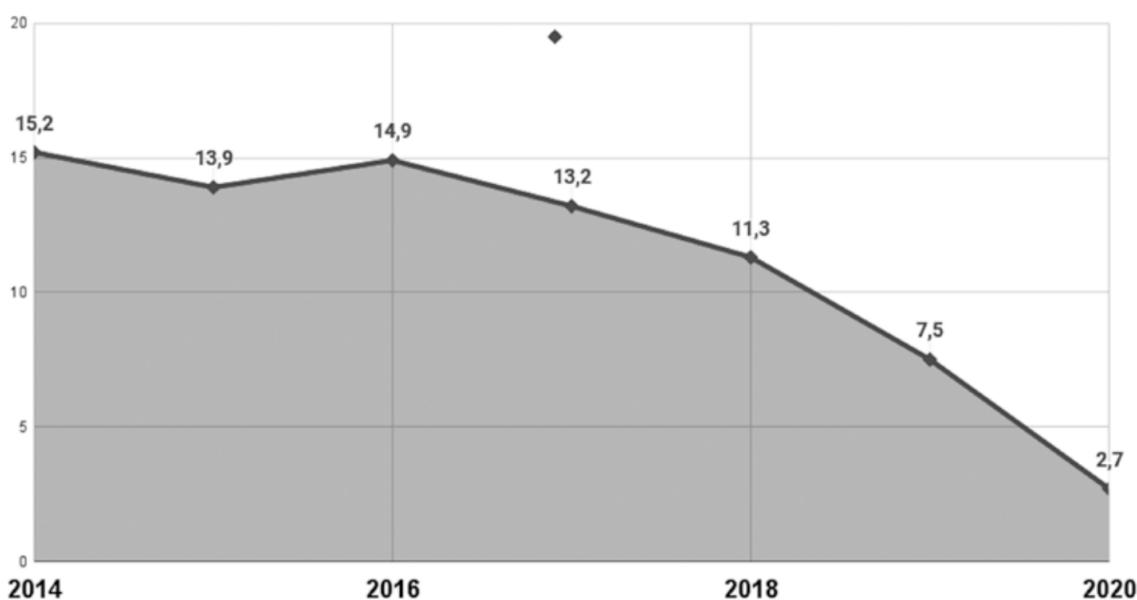
O desempenho da educação pública na Paraíba se dá por diversos fatores. O Secretário de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT) Claudio Furtado destaca a atuação conjunta dos especialistas que integram a secretaria, dos professores, técnicos e trabalhadores nas escolas e o engajamento dos estudantes. Também a união de instituições e associações como a Undime Paraíba, o Sebrae-PB, e a atuação do Conselho Estadual de Educação para a urgente regulamentação das políticas.

Por outro lado, a metodologia do modelo integral tem se mostrado eficiente. O Secretário Executivo de Gestão Pedagógica da SEECT Gabriel dos Santos Souza Gomes, menciona a aplicação no currículo dos programas impulsionadores, elaborados visando a formação básica do estudante para além da escola, após o Ensino Médio: “Esses programas nascem a partir do modelo de escola integral que traz o estudante para o centro do processo de aprendizagem baseado na construção do projeto de vida desse estudante”.

Com a chegada da pandemia e o consequente fechamento das escolas em 2020, o posicionamento dos gestores da Educação refletiu essa metodologia em nível de políticas públicas estaduais. O pensamento disseminado nas escolas agora estava internalizado na secretaria, voltado para a solução inovadora dos problemas que se esquadrihavam pela crise sanitária:

“Foram tomadas ações para manter a rede engajada, alcançando todos os estudantes. Iniciamos com um processo de formação [em ferramentas digitais] pelo qual foi possível atingir 15 mil professores da rede para iniciar no sistema remoto. Depois foi criada a plataforma Paraíba Educa dentro da qual estavam todas as salas de aula virtuais, objetos digitais de aprendizado e materiais didáticos. Mas precisávamos chegar aos alunos que não dispunham de internet. Então foi pensado na TV, em parceria com a TV Assembleia Legislativa, foi criada a TV Paraíba Educa com programação voltada para todos os alunos, ofertadas nos sete dias da semana. Também destacamos um aplicativo de franquia de dados, usado pelos alunos que não tivessem acesso a Internet. E nas localidades onde nada disso alcançava o aluno, foi feito material impresso”, resumiu o secretário Claudio Furtado.

Evasão escolar na Paraíba 2014-2020 (INEP)



Pesquisa

Os integrantes da pesquisa “Uma avaliação dos programas de educação pública remota dos estados e capitais brasileiros durante a pandemia da covid-19”, Lorena Barbieri (coordenadora), Luiz Canterelli e Pedro Henrique De Santana Schmalz, todos do Departamento de Ciência Política da USP, apontaram a demora na implementação das estratégias para a manutenção da educação nos estados e contradições nas metodologias escolhidas. Barbieri e Canterelli ressaltam que “foi contraditório para nós observar que os estados optassem pela internet para o modo prioritário de transmissão do conteúdo escolar, pois não é o meio de acesso mais comum para pessoas de baixa renda ou no meio rural”.

“Do ponto de vista pedagógico seria a melhor opção, por permitir interatividade, mas, em contrapartida, não houve investimento para possibilitar o acesso. Tiveram estados que não cobriam todos os níveis de ensino para os planos, e até estados que não ofereceram ensino remoto em 2020. Houve uma varia-

ção muito grande das estratégias em 2020, o que comprova a ausência de uma diretriz unificada por parte do Governo Federal, pelo MEC (Ministério da Educação)”.

Luiz Canterelli considera que o ano passado proporcionou experiências e neste ano os resultados desses indicadores serão melhores em todos os estados. “A pedagogia ativa, o estreitamento da conexão entre as escolas, os professores e as famílias são uma oportunidade para que isso se perpetue como política pública de uma relação mais próxima para compreender o estudante também fora do ambiente escolar”.

A metodologia ativa aplicada nas escolas da rede estadual na Paraíba a partir do modelo das “Escolas Cidadãs Integrais”, proporcionou esse acompanhamento por meio dos tutores e leva o estudante a trabalhar com situações reais, refletindo nos problemas locais cotidianos da comunidade, ou dentro da própria escola, ou em algum empreendimento, buscando e colocando soluções em prática.

O professor Jessé Júnior, da ECI Orlando Venâncio dos

Santos, até 2020, em Cuité, trabalha em disciplinas diversificadas como a “Colabore Inove”: “Nós planejamos o conteúdo de acordo com os sonhos, os projetos de vida dos estudantes. Eu já trabalhei com foco na sustentabilidade, na economia solidária, em música, técnica vocal, instrumentos, montamos uma banda na escola com vários estilos! Cada professor é responsável direto por uns 20 estudantes e fica atento ao rendimento deles”, explica o professor.

Desde o início da pandemia em 2020 ações in-

ternacionais mapeiam as iniciativas pelos países no mundo inteiro, por exemplo, o que é feito na Universidade de Oxford. Contudo, esse radar global não contabiliza o que é feito em nível subnacional, nos estados e cidades. Por isso, a Rede de Pesquisa Solidária, que reúne 100 pesquisadores e mais de 20 instituições, direcionou o estudo sobre educação-covid para esse viés e segue coletando dados e ampliando indicadores em 2021.

Foto: Divulgação



O secretário Claudio Furtado destaca a atuação conjunta dos especialistas

+ PB manteve investimento no setor de Educação em 2020

O estudo dos programas de educação pública remota publicado pela FGV, coordenado pela professora Lorena Barbieri, detectou que houve um corte muito grande, nos estados em geral, na alocação de recursos para a educação em 2020. O fato está em aprofundamento pelos pesquisadores, para ser contextualizado.

“Nos preocupa constatar o corte que houve na Educação, uma vez que não foram registradas perdas na arrecadação. Estados onde viveram maiores cortes tiveram uma resposta menos ágil em estruturar o ensino remoto”, afirma Lorena Barbieri.

O Boletim Nº 27 da Rede de Pesquisa Solidária conclui que “a ausência de estratégia para combater a pandemia levou à uma queda média de 9% nas despesas com Educação. O surpreendente é que essa queda ocorreu na maioria dos estados,

mesmo naqueles que tiveram ganhos de ICMS. Alguns estados reduziram o dispêndio em educação em mais de 20%” (GO, AL, RJ e PI). Os estados MT, MS, TO e RR tiveram ganho expressivo de ICMS, mas mesmo assim reduziram bastante os gastos em educação.

Na Paraíba, de acordo com informações do Sagres/TCE-PB, a despesa orçamentária executada em Educação se manteve em 2019 e em 2020 em R\$ 2,2 bilhões, em números arredondados, com um aumento de 0,5% em 2020. Segundo o Boletim Nº 27, a receita corrente líquida teve uma variação positiva entre 2019 e 2020 de 5,4%.

Para este ano já foram anunciados para a Educação na Paraíba programas de distribuição de notebooks para professores e distribuição de pacotes de dados por meio de chips, em investimentos que totalizam

cerca de R\$ 73 milhões. Além de programas impulsionadores de incentivo da participação das meninas em disciplinas como matemática, física, química e biologia, o “Progr{ame}-se: Programa Meninas na Ciência e Tecnologia” e a edição de 2021 do Programa de Educação para Inovação e Empreendedorismo Ouse Criar’.

Lorena Barbieri e Luiz Canterelli consideram que o efeito da pandemia trouxe mudanças na educação que se perpetuarão, mesmo quando a presente crise estiver controlada. “As escolas têm novas responsabilidades. Precisam pensar em vigilância digital, que não seria uma responsabilidade direta, mas hoje em dia as escolas estão sendo chamadas para ajudar a identificar casos suspeitos e encaminhar para os órgãos. Os espaços de aulas, de convivência deverão também ser repensados”, ressaltou Barbieri.

Foto: Divulgação



Estudo dos programas de educação pública remota publicado pela FGV foi coordenado pela professora Lorena Barbieri

Foto: Divulgação

Luiz Canterelli acredita em resultados melhores este ano





1



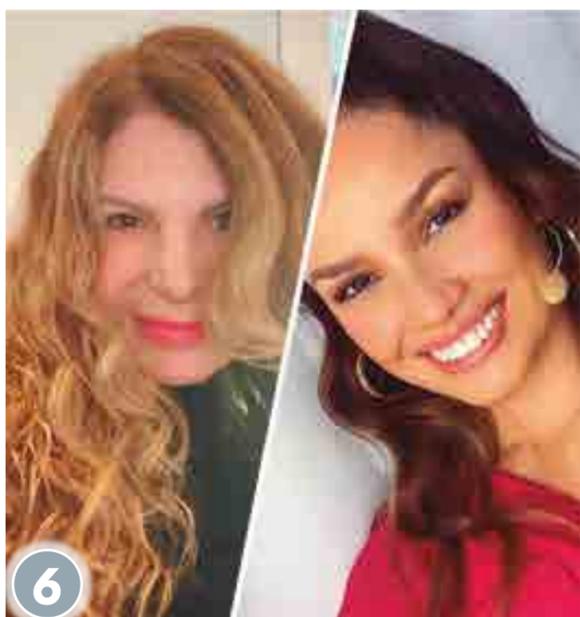
2



3



4



6



8



10

1 A executiva Sandina Lira, que há dezoito anos reside nos EUA, comemorou, ao lado do marido, Thiago Zerlotini, mais uma formatura. Eles se formaram no Carisma, Seminário Teológico da Lagoinha Orlando Church, em Orlando, na Flórida. Claro que sua mãe, Vera Alencar, vibrou com a conquista da querida filha.

2 Rose Silveira, Regina Rodriguez Botto Targino, Yonne Pimenta, Roberto Santiago, Alexina Bezerra, Sandra Moura, Archidy Picado Filho, Samuel Gaudêncio, Cassandra Figueiredo Dias, Antônio Alcântara e Marcos Vinicius Nóbrega são os aniversariantes da semana.

3 A loja O Mundo das Tintas, empresa dirigida pela família da minha amiga Iara de Miranda Freire, vai ganhar o quadro ArtDecor, no É Fashion, programa apresentado pela jornalista Ceres Leão, (na foto, com o empresário Cley Miranda e a designer July Pinheiro), na TV Master.

4 A empresária Auxiliadora Cardoso reuniu um pequeno grupo de amigas em sua loja Baú Chique, para apresentar a nova e bela coleção Inverno 2021. Claro que o evento aconteceu com todos os protocolos de segurança sendo respeitados. Todas as convidadas já se encontravam vacinadas.

5 A advogada e artista plástica Marcella Bisetto (na foto, com a arte feita a partir de foto do casal Miriam (in memoriam) e Odilon Fernandes) se preparando para, em breve, fazer exposição on-line no Centro Cultural Ariano Suassuna, espaço de cultura, dirigido por Flávio Sátiro Filho.

6 Duas paraibanas da melhor qualidade, Elba Ramalho e Juliette Freire, vão fazer uma live, "pra lá de arretada", no dia 23 de junho, em homenagem ao São João de Campina Grande.

7 A paraibana Marcella Aquino, neta do saudoso casal Afonso e Clemilde Pereira, está bombando nas redes sociais, com o seu novo clipe, intitulado, "Ganhar o teu sorriso". Revelação total!

8 A cantora cearense Sâmia Maia, que atualmente mora em João Pessoa, visitou a loja da Casa Brasileira, na capital paraibana, para conhecer as novidades da marca. A cantora ficou encantada com a loja. "Eu amei conhecer um pouco mais da Casa Brasileira, de João Pessoa. Fiquei realmente encantada com o design!", revelou Sâmia. Na foto, Sâmia está entre Márcio Júnior, gerente regional da Casa Brasileira, e Marco Martins, franqueado de João Pessoa.

9 O Troféu Presença Digital 2020, idealizado por Ricardo Castro, da RC Comunicação, e por Andréia Barros, da Vivass Comunicação, e que objetiva premiar empresas e profissionais liberais de João Pessoa que tiveram presenças de destaque nas mídias digitais, será realizado numa live nas redes sociais, no mês de julho próximo.

10 Para esta prolongada fase de pandemia que estamos vivendo, confinados em casa, o Prof. Francelino recomenda a escolha de uma boa leitura. Ele, por exemplo, está se deleitando com os versos do poeta Juca Pontes (foto). O livro, "As Flores do meu Jardim", tem nas ilustrações de Jô Cortez outro ponto alto da edição e encontra-se à venda por delivery, na Livraria do Luiz.



5



7



9



Jovens decidem empreender cada vez mais cedo no Brasil

Procura pela autonomia financeira tem feito crescer o número de pessoas que decidem abrir um negócio antes dos 24 anos

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

O empreendedorismo está mais arraigado na geração jovem do que se poderia observar há 30 anos. E não são poucos os indicativos que comprovam essa realidade. Um levantamento feito pelo Sebrae com 2.132 empresários mostrou que 1 em cada 3 pessoas desse público (32%) já pensava em abrir um negócio antes dos 18 anos. Quando foi avaliado o grupo com até 24 anos, 80% deles havia cogitado tornar-se empreendedor antes da maioridade.

A pesquisa, realizada em 2019, apontou ainda que o jovem até 24 anos é mais inovador: 16% deles implantaram ferramentas tecnológicas com menos de um ano de ativação da empresa. Além disso, esse público se capacita mais (33%) antes da abertura da empresa. Esse percentual para aqueles com mais de 35 anos é de 24%.

Internet é aliada

Uma das explicações para o destaque da presença do jovem no mercado está na popularização da internet que, por sua vez, democratizou o acesso à informação vinda das mais diversas partes do planeta. Esse universo on-line formou a geração Z, ou seja, os nativos digitais (nascidos em meados dos anos 90 até a virada do milênio). Eles não conhecem um mundo diferente daquele "conectado" ao contrário da geração que o antecedeu, a Y (nascidos entre final da década de 70 até 90), que viu a transição para o digital. Estes últimos têm contato com as ferramentas tecnológicas, mas não têm a internet tão impregnada no seu dia a dia.

"A geração Z procura mais propósito na vida e foi educada para realizar seus sonhos. Elas nasceram com o digital empregado nela e, por isso, têm uma visão de mundo diferente das gerações anteriores. Isso explica esse crescimento do empreendedorismo entre os jovens", declarou Morganna Tito, gerente de Inovação da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação de Campina Grande, e representante na Paraíba do programa do Governo Federal InnovAtiva.

Aos 19 anos, Samara Albuquerque dribla a falta de experiência para investir no sonho de comandar a própria empresa na Paraíba



Foto: Arquivo pessoal

+ Ousadia e determinação impulsionam 'geração Z' ao mercado

Um dos exemplos da geração Z é a empresária Samara Albuquerque Matias, 19 anos. Há algumas décadas, se um estudante desistisse do curso de Direito para apostar no próprio negócio traria, certamente, muitos questionamentos e até "desgosto" para a família. Mas foi exatamente o que Samara fez. Ela não só deixou para trás a carreira de advogada, como ainda contou com o apoio do pai para abrir a agência de publicidade D'hype Lab.

"Estava no segundo período de Direito e vi que não era para mim", confessou. Ela contou que pensava em empreender e o pai a ajudou sugerindo que ela trabalhasse com publicidade, pois já atuava nessa área na igreja em que faz parte. A D'hype Labo já é uma realidade que conta com a dedicação de Samara e a instiga a fazer planos

para o futuro. "Tenho muitos planos. Mas acredito que um dos meus maiores desafios será entrar na Forbes under 30", disse.

Sem medo de arriscar, ela explicou que a veia empreendedora sempre esteve presente no seu dia a dia. Quando criança, costumava vender "coisas" para os conhecidos. Eram rifas, pulseirinhas para as amigas da escola e outros objetos. E quem a via em ação já dizia que a menina tinha poder de persuasão e dom para vendas.

Mas para a abertura da D'hype Lab ela deu um passo de cada vez. Samara não tem sócio e primeiro cadastrou-se como Microempreendedora Individual (MEI), fez a divulgação do serviço no Instagram e, como já era conhecida na igreja, contou logo com estes clientes. A agência evoluiu e agora é uma micro empresa.

Atualmente a jovem cursa Publicidade e Propaganda e, com um olhar de empreendedora, já pensa em retomar as aulas de Direito. Apesar de não querer trabalhar neste ramo, ela diz que esse conhecimento vai ajudar nos negócios, porque é "uma área em que é importante todo cidadão saber o básico".

Para Samara uma das vantagens de empreender jovem é saber que terá muito tempo para poder desenvolver a empresa e conseguir mais rápido a tão sonhada liberdade financeira. "A desvantagem é que não sabemos muito sobre administração. Temos que estudar bastante para começar a entender algumas coisas básicas", confessou.

Continua na página 18

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

A Paraíba e os possíveis caminhos para a superação da crise

Tem sido frequente a inserção nas pautas das instituições e pessoas que pensam e contribuem com o desenvolvimento do nosso Estado, os debates sobre o que poderá ser feito para solucionar os problemas causados por esta coronacrise e como se empreender o ritmo cadenciado da superação.

Ontem, no Corecon/PB – Conselho Regional de Economia da Paraíba, realizamos um debate interessante sobre este tema, com a presença da deputada Pollyanna Dutra, presidente da Frente Parlamentar pelo Desenvolvimento do Semiárido paraibano, que se fez acompanhar de assessores. Também presentes o Rômulo Polari e Lourinaldo Nóbrega, presidente e vice, respectivamente, do Fórum Celso Furtado de Desenvolvimento da Paraíba, além do economista Celso Manguieira, ex-presidente do nosso Conselho.

Não existe uma solução única ou uma receita exclusiva sobre as possíveis alternativas a serem adotadas para este enfrentamento. Alinhamos alguns entendimentos que podem nortear um elenco de medidas a serem adotadas, como ponto de partida para formulações de estratégias viáveis

e exequíveis que possam dar respostas imediatas, mas também no médio e longo prazos.

Um entendimento consensual é o de que esta tarefa não será de responsabilidade exclusiva do setor público, incluindo os três poderes, nem da iniciativa privada ou da sociedade civil, isoladamente, mas sim, é uma competência inerente a todos os atores que formam o corpo do nosso estado ou da nação, agindo de maneira conectada com claras definições de papéis.

Para termos respostas rápidas no sentido da geração de ocupações e rendas, precisamos apoiar o soerguimento e o fortalecimento de segmentos produtivos e atividades que já possuem estruturas montadas com capacidade para se firmarem no mercado de forma competitiva e sustentável. Um criterioso e célere mapeamento deve ser feito para identificar onde podemos atuar com os necessários apoios que viabilizem estas revitalizações.

Em um exercício rápido de identificação do que já é explorado como atividades produtivas viáveis, em território paraibano, podemos destacar a agropecuária e o setor têxtil no Sertão; a caprinovinocultura e o artesanato no Cariri; a

mineração e a avicultura no Curimataú e Agreste; a fruticultura no Vale do Mamanguape; o setor sucroalcooleiro na Zona da Mata; além de polos consolidados como, por exemplo, o polo calçadista em Campina Grande e Patos, colocando a Paraíba entre os maiores produtores de calçados do Brasil.

É importante destacar nesta leitura de ambiente, o nosso potencial turístico e todo o impacto que a sua cadeia pode alcançar. No setor da educação, temos uma grande produção de talentos em nossas universidades, com índices que nos asseguram este reconhecimento no seio da comunidade acadêmica brasileira. Vendo isto como uma grande potencialidade, não é demais lembrar a importância que exerce o elevado capital social nos melhores "cases" de prosperidade em todo o mundo.

Atualmente, assistimos a uma rápida consolidação de duas grandes tendências que geram elevados diferenciais competitivos para quem as possui. Falo das energias renováveis e da logística para movimentar os negócios, com localizações estratégicas que permitam rapidez na distribuição, com especial destaque para o

e-commerce e o seu elevado crescimento.

Neste quesito possuímos amplas possibilidades de abrigarmos grandes projetos. No Sertão paraibano nós temos um imenso potencial de geração de energias renováveis, notadamente a fotovoltaica e a eólica. Inclusive esta descoberta já foi feita e podemos ampliá-la de forma a nos proporcionar uma infraestrutura energética que atraia grandes empreendimentos.

Sob o aspecto da logística, possuímos a localização mais estratégica das Américas, com o nosso ponto extremo oriental. Antes, podia valer pouco, mas no mundo do e-commerce isto faz toda a diferença. Também já fomos descobertos neste sentido. Grandes grupos estão chegando para aqui instalarem seus CDs – Centros de Distribuição, mas podemos abrigar muito mais.

Temos potencial, mas precisamos demonstrá-lo, em projetos, com definições de prioridades, para que sejam executados em um horizonte temporal de curto, médio e longo prazos, gerando resultados efetivos. Este poderá ser o caminho que nos conduzirá a novos patamares de desenvolvimento e superação desta crise.



Somente no ano passado, o faturamento de empresas auxiliadas por instituições paraibanas chegou a R\$ 1 milhão

Universidades contribuem com modelos de negócios no Estado

Na Paraíba, existem 500 empresários juniores, distribuídos em 43 cursos de ensino superior privado ou público

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

O empreendedorismo jovem é atual e também está presente nos centros de educação superior do Estado. A presidente da Federação Paraibana de Empresas Juniores, Sabrina Batista da Silva, afirmou que existem na Paraíba 500 empresários juniores, distribuídos em 43 cursos de ensino superior privado ou público, de áreas variadas, seja em bacharelado, tecnólogo ou licenciatura. Somente no ano passado, ela conta que o faturamento dessas empresas foi de R\$ 1 milhão.

De acordo com Sabrina, o empresário júnior é o estudante de graduação que é membro de uma empresa júnior no seu curso, ou seja, que integra um modelo de negócio federado (possui CNPJ), livro diário, tem receita em vendas, projetos em execução, entre outras características). Estes estudantes atuam nas 37

empresas juniores registradas na federação paraibana.

“O dados mostram como têm jovens na graduação abrindo empresas, com o objetivo de inovar, de transformar o Brasil e, no nosso caso, a Paraíba. São pessoas que ainda não se formaram, estão chegando ao mercado de trabalho, mas estão prontos para entregar soluções inovadoras, de qualidade, independentemente da área em que estejam”, afirmou Sabrina.

Ao tentar desenhar o perfil do empresário júnior, ela frisou que existem dois cenários. Um deles é de quem empreende por necessidade, o que é demonstrado por dados como os da Fundação Getúlio Vargas. A presidente da Federação Paraibana de EJs contou que entre o primeiro e o segundo trimestre de 2020, o grupo de jovem entre 15 e 19 anos perdeu, respectivamente, 34,2% e 26% de sua renda, segundo dados do Centro de Políticas Sociais da FGV. “Com isso, temos visto que o jovem é o mais afetado pelo desemprego na crise. E isso se perpetua em 2021”, destacou.

Segundo ela, tem jovem que sai da graduação e não consegue emprego, outros nem chegam ao ensino superior, mas precisam gerar receita para a família. Nos dois casos, eles empreendem por necessidade, fazendo desse problema uma solução.

Há ainda o jovem que empreende pelo desejo de mudança. “Acredito que a universidade é formadora de pessoas que queiram impactar a sociedade diretamente com empresas, geração de recursos e de emprego”.

Sabrina Batista acredita que os estudantes têm aberto empresas com o objetivo de inovar e também de transformar o Estado em um local de oportunidades de trabalho

MODELOS DE EMPREENDEDORISMO

■ A gerente de Inovação da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação de Campina Grande, Morganna Tito, explicou que o empreendedorismo vai mais além do que o desejo de abrir uma empresa, porque existem outros propósitos, ou seja, outras formas de demonstrar essa capacidade. Há, por exemplo, o **intraempreendedor**, ou seja, aquele que empreende dentro da empresa em que trabalha. “Isso é importante porque as empresas só crescem se elas tiverem pessoas que pensam com inovação”.

■ Tem o **empreendedor falcão**, comum nos tempos atuais, onde é preciso se moldar, se adaptar às mudanças de mercado. Esse comportamento já se tornou algo consciente devido à velocidade das mudanças e acessibilidade de informações, consequentemente a mudança de comportamento é voltada para estratégias de visão do futuro a curto, médio e longo prazo. Ainda tem o **empreendedorismo social**, que são as pessoas que trabalham com impacto social, entre outras.



No país, lucro foi de R\$ 49,1 milhões em 2020

No Brasil, existem 29.702 empresários juniores que faturaram mais de R\$ 49,1 milhões no ano passado segundo a Confederação Brasileira de Empresas Juniores. Foram mais de 35.500 projetos desenvolvidos no país. “Isso não era uma realidade vista há três anos. O crescimento trienal do movimento Empresa Júnior foi exponencial e isso se dá pela velocidade com que o pensamento jovem está mudando”, disse Sabrina Batista.

Dentre o conjunto de fatores que favorecem o empreendedorismo jovem, a presidente da Federação Paraibana de Empresas Juniores ainda cita características peculiares da fase juvenil, ou seja, a inquietação, curiosidade e a impetuosidade. Remontando a alguns fatos da humanidade, ela ressaltou que muitos dos grupos que fizeram grandes revoluções na história mundial eram jovens. “Porque eram pessoas inconformadas, iam lá e faziam, tudo estava à flor da pele. Além disso, tinham muita vontade de trazer mudança”, declarou.

Segundo ela, a pandemia de covid-19 trouxe necessidade de transformação rápida e o empreendedor júnior atendeu algumas dessas necessidades. “Temos vários exemplos que mostram o quanto é urgente essa visão inconformada do jovem no nosso mercado”, frisou.

Sobre a geração Z, Sabrina Batista concorda com a gerente de Inovação da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação de Campina

Grande, Morganna Tito, para quem este público está mais disposto a enfrentar desafios, a achar novas vertentes e propósitos.

Sabrina Batista ainda reforça que a democratização da informação, impulsionada sobretudo pelo mundo digital, aliada à formação acadêmica, estimulou as pessoas a desejarem solucionar problemas e desburocratizar processos. “A ascensão do universo de startups é outro estímulo para o jovem vislumbrar uma possível carreira”, acrescentou.

Cases de sucesso

Os casos de sucesso de startups são espelhos para o empreendedor com pouca idade, mas com muita vontade de ser um diferencial no mercado. Esses negócios com viés tecnológico inspiram as pessoas a verem no empreendedorismo uma esperança de futuro promissor.

Um levantamento do Sebrae deste ano mostrou que 39.302 pessoas com idade entre 16 e 30 anos atuam como empreendedores e estão cadastrados como Microempreendedor Individual (MEI). “Isso mostra que os jovens estão com uma visão mais empreendedora, e não apenas com o desejo de abrir um novo negócio, mas resolver problemas da sociedade e executar. Estão na sociedade dispostos a movimentar. Isso traz uma perspectiva que, inclusive na Paraíba, estão mais comprometidos e são capazes de transformar a realidade em que estão vivendo”, afirmou Sabrina Batista.



Telas e redes sociais pioram o sono durante a pandemia

Alterações hormonais provocadas pela luminosidade do aparelho e pelo "prazer" do que se vê atrapalham descanso

Bruna Arimathea
Agência Estado

Desde o começo da pandemia, Milena Neves, de 45 anos, mantém uma jornada dupla no mundo digital. Além do trabalho em home office, como assistente de comunicação na Universidade de São Paulo, ela fica ligada nas aulas remotas do filho Vinícius, de 8 anos. Após o expediente, o celular continua como protagonista e ela passa horas no Instagram e no Facebook. Resultado: quando é hora de dormir, o sono não vem. O impacto da tecnologia na qualidade do sono já era estudado antes da pandemia. Agora, porém, mais gente parece ser vítima das telas de smartphones e do ruído das redes sociais.

Os problemas de sono na pandemia potencializados pela tecnologia foram encontrados no estudo conduzido pelo professor Sergio Brasil Tufik, pesquisador do Instituto do Sono de São Paulo. A pesquisa revelou que, durante a pandemia, o uso de tecnologia fez com que cerca de 64% das pessoas relatassem uma demora de 30 minutos ou mais para adormecer, se comparado à rotina antes da pandemia - no total, 81% dos brasileiros sentem alguma dificuldade para dormir desde que a crise sanitária começou.

Além disso, 55,1% dos brasileiros relataram uma piora na qualidade do sono no último ano e mais de 60% afirmam que o uso de tecnologias como celular e redes sociais tem colaborado para esse índice.

"Eu vejo que a nossa sociedade vem caminhando para a privação de sono, muito por causa dos dispositivos eletrônicos. Com smartphones conectados o tempo inteiro, raramente as pessoas conseguem dormir tanto quanto gostariam. A pandemia veio para intensificar esse processo", explica Tufik em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo.

Na pandemia, o celular e a internet têm sido janelas de escape e de socialização para quem passa boa parte do dia confinado. "Faz seis meses que eu não durmo bem. Tenho usado muito mais o celular na pandemia, até a hora de dormir. O celular à noite não me faz bem, mas, como fico com insônia, fico nele até adormecer", conta Milena.

A falta de atividade fora de casa também serve como combustível para inúmeras consultas ao smartphone - faça um teste: nas configurações dos celulares, em "tempo de tela", as empresas fornecem quantas vezes você pegou no celular.

O efeito é imediato no organismo: o vício em telas atua na diminuição da melatonina, um dos hormônios responsáveis pela manutenção do sono e pela sensação de descanso - a luz é um inibidor do hormônio.

"A iluminação diz para o nosso cérebro que é dia, e nosso organismo não se prepara para dormir. Na pandemia, as pessoas já vivem uma condição de alerta constante, então o uso prolongado desses aparelhos à noite induz a queda ou até mesmo a inibição completa da produção de melatonina", afirma Luiz Gustavo de Almeida Chuffa, pesquisador do Instituto de Biociências da Unesp



Foto: Pixabay

Além da luz, a química que acontece no cérebro da pessoa que está nas redes sociais piora o sono e impossibilita o descanso

Conteúdos desagradáveis e comparações

As redes sociais também desempenham um papel importante na piora do sono. Mais do que a luminosidade, o mecanismo neurológico de "recompensa" por ver uma foto, por exemplo, ou por encontrar um produto desejado, estimula receptores de atenção, afirma Monica Andersen, diretora de ensino do Instituto do Sono. A química que acontece no cérebro deixa os usuários em estado de alerta.

A pesquisadora conta ainda que existe um segundo fator relacionado a redes sociais que pesa contra o sono: a produção de cortisol. Esse hormônio, produzido em situações de estresse, aparece também quando você vê conteúdos

que não são do seu agrado. Sejam notícias sobre a situação do país, fotos de amigos que estão viajando (enquanto você fica em casa), ou sabores focas da firma - tudo isso ajuda o cérebro a mandar o sono embora.

"As redes sociais promovem uma gratificação ao cérebro quando você busca algo no feed e encontra. Mas, quando a resposta não era a que você queria, isso vira um dilema. A gente tem uma situação comparativa nessas plataformas, entre a imagem

O melhor método para voltar a ter noites saudáveis de sono é adotar a higiene do sono, deixando hábitos que prejudicam organismo

do outro e a nossa. Isso gera uma expectativa não necessariamente prazerosa. A comparação aumenta o cortisol, o que causa um estresse associado às redes sociais, promovendo um hiperalerta", explica Monica.

Higiene do sono

Segundo Chuffa, o melhor método para voltar a ter noites saudáveis de sono - sem o uso de medicamentos - é chamado de higiene do sono. Ele só funciona por meio de muito esforço e

busca regular e tirar da rotina hábitos que prejudicam o organismo na diferenciação do dia e da noite.

Ausentar-se das redes sociais algumas horas antes de dormir pode ajudar a diminuir o nível de cortisol, além de poupar a exposição da luz azul. Fazer exercícios físicos durante o dia também é uma das recomendações, já que a produção da serotonina, conhecida como o hormônio do prazer, está associada também aos níveis de melatonina no cérebro.

"O ideal é deixar todos os aparelhos no modo de bloqueio de luz azul e colocar um prazo para terminar as tarefas. É difícil, mas não tem para onde correr", diz Chuffa.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catol. Campina Grande.

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

1º LEILÃO: 24 de junho de 2021, às 08h55min.
2º LEILÃO: 01 de julho de 2021, às 14h15min. (horário de Brasília)
ALEXANDRE TRAVASSOS, Leiloeiro Oficial, JUCESP nº 951, com escritório na Av. Engenheiro Luis Carlos Berrini, nº 105, 4º andar, Edifício Berrini One - Brooklin Paulista - CEP: 04571-010, FAZ SABER a todos quanto o presente EDITAL virem ou dele conhecimento tiver, que levará PÚBLICO LEILÃO de modo PRESENCIAL E ON-LINE, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27º parágrafos, autorizada pelo Credor Fiduciário BANCO SANTANDER (BRASIL) S/A - CNPJ nº 90.400.888/0001-42, nos termos da Cédula de Crédito Bancário nº 00330974300000005140, datado de 20/10/2017, tendo como Fiduciante GUERRIER COMERCIO DO VESTUÁRIO EIRELI ME, inscrita no CNPJ sob nº 26.562.852/0001-66, com endereço na Rua Otacilio Nepomuceno nº 190, Loja, Campina Grande/PB - em PRIMEIRO LEILÃO (data/horário acima), com lance mínimo igual ou superior a R\$ 555.558,84 (Quinhentos e cinquenta e cinco mil e quinhentos e cinquenta e oito reais e oitenta e quatro centavos - atualizado conforme disposições contratuais), o imóvel constituído por: "Apartamento nº 202, situado à Rua João Cabral de Lucena nº 252, Bessa, João Pessoa/PB, com área privativa de 96,64m² e área total de 141,99m²", melhor descrito na matrícula nº 44.966 do 6º Serviço Notarial e 2º Registrat de João Pessoa/PB. Cadastro Municipal: 092956-5. Imóvel ocupado. Venda em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o SEGUNDO LEILÃO (data/horário acima), com lance mínimo igual ou superior a R\$ 439.875,29 (Quatrocentos e trinta e nove mil e oitocentos e setenta e cinco reais e vinte e nove centavos - nos termos do art. 27, §2º da Lei 9.514/97). O leilão presencial ocorrerá no escritório do Leiloeiro. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.sold.com.br, encaminhar a documentação necessária para liberação do cadastro 24 horas do início do leilão. Forma de pagamento e demais condições de venda, VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL NO SITE: www.sold.com.br. Informações pelo tel. 11-3296-7555 (16941 - Dossiê).

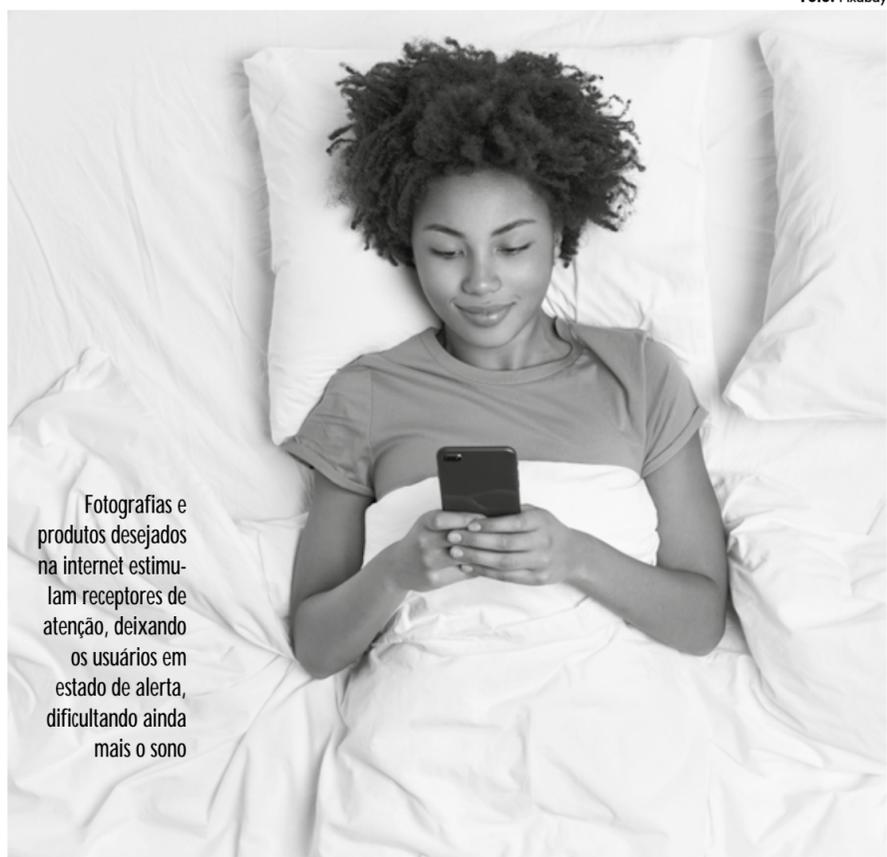


Foto: Pixabay

Fotografias e produtos desejados na internet estimulam receptores de atenção, deixando os usuários em estado de alerta, dificultando ainda mais o sono

+ Aplicativos e até playlists para dormir

Na esteira de quem tenta utilizar a tecnologia para resolver seus problemas de insônia, um grande mercado tem se estabelecido na pandemia para ajudar as pessoas a dormir melhor - ou pelo menos tentar. São os apps e playlists que abordam meditação, histórias, guias de relaxamento e até sons de chuva, para aqueles que não resistem a uma noite de barulhinho na janela.

Esses métodos, espalhados por diversas plataformas, ganharam o público: segundo dados do Spotify, obtidos pelo jornal O Estado de S. Paulo, cerca de 30 milhões de playlists já foram criadas com o tema sono em todo o mundo. No último ano, o aumento na criação e na procura desse recurso foi de 21%. Não é nada tão surpreendente, dado o momento que estamos vivendo.

Essa é a opinião de Emanuelli Kuhnen, que passou a usar um app de meditação depois da recomendação de uma professora. Para a estudante, o sono ficou mais profundo depois que as noites começaram a ser embaçadas pela orientação do app. "Baixei para ver como era e testei algumas meditações. Agora, só durmo ouvindo o app. Sinto que agora durmo muito mais pesado, não acordo nenhuma vez e consigo descansar direto até a manhã seguinte", conta.

No Brasil, o app de meditação Zen, criado por Christian Wolthers, encontrou a fórmula para atrair usuários como Emanuelli. A plataforma, que também está presente fora do país, soma mais de 4,2 milhões de downloads, cerca de 30% deles são usuários em busca de um sono melhor. No conteúdo, 35% das meditações são usadas para driblar a insônia.

"Globalmente falando, aconteceu uma mudança muito grande de comportamento de busca nos apps. Muitas pessoas começaram a procurar recursos tecnológicos para auxiliar na redução da ansiedade e do estresse e na melhora do sono. No primeiro pico da pandemia, no ano passado, a gente teve um aumento de 260% nos downloads", afirma Wolthers.

Projeto pretende recuperar vitalidade do Rio Jaguaribe

Trabalhos incluem desde o desassoreamento até a urbanização das comunidades que ficam no entorno do rio

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

O Rio Jaguaribe, em João Pessoa, passará por intervenção, que inclui desde a realização de diagnóstico, até o desassoreamento, monitoramento e requalificação. A expectativa da coordenadora de Aspectos Ambientais da Unidade Executora do Programa João Pessoa Sustentável (UEP), Thais Gidi Portella, é que o processo de licitação ocorra até o final de 2021.

As comunidades Padre Hildon Bandeira, Cafofo Liberdade, Brasília de Palha, São Rafael, Tito Silva, Miramar, Santa Clara e Vila Tambauzinho compõem o Complexo Beira Rio (CBR) e estão entre os espaços diretamente beneficiados com a intervenção no Rio Jaguaribe.

Segundo Thais, os Termos de Referência para a execução dos estudos iniciais, bem como o diagnóstico do Rio Jaguaribe, ainda estão sendo elaborados. Após essa construção, ainda passarão pelos órgãos de controle, Procuradoria e Controladoria. Por isso, a data para o início da licitação ainda não foi divulgada, pois só é possível após estes primeiros passos.

A proposta, segundo a representante da Unidade Executora, é recuperar o fôlego, a força e a vitalidade do Jaguaribe. Sendo assim, a transformação é composta por quatro etapas. A primeira é o diagnóstico, isto é, um retrato inicial da situação do rio em relação à qualidade de água, sedimentos e pontos de poluição. Esta fase pode durar cerca de quatro meses.

A segunda é o projeto de desassoreamento para verificar o quanto o rio está assoreado e planejar a retirada desse material. Em seguida, ocorre a remediação e o monitoramento. Estas fases visam a diminuição dos níveis de poluição do rio, a redução do direcionamento de esgotos não tratados, a implantação de sistemas de tratamento e a avaliação da qualidade de água e do sedimento.

Com isso, a coordenadora de Aspectos Ambientais explica que a interrupção do lançamento do afluente não tratado já oferece um grande potencial de recuperação do rio. Estas atividades fazem parte de um projeto com uma série de ações na cidade, intervenção que será custeada com

parte dos recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em parceria com a Prefeitura no Programa João Pessoa Sustentável. "As ações de requalificação dependem muito do diagnóstico, do que for trazido pelo estudo. Serão feitos estudos iniciais e relacionados ao monitoramento do rio e a partir dos estudos iniciais serão definidas ações de melhoria da qualidade da água para o Rio Jaguaribe", completou.

Ela cita algumas contratações priorizadas pelo programa no entorno do Jaguaribe como o Plano de Desenvolvimento Comunitário do Com-

plexo Beira Rio (CBR); a urbanização das oito comunidades do CBR; projeto de infraestrutura do CBR; Plano Diretor Municipal; obra do Centro de Cooperação das Cidades (CCC); estudos iniciais do antigo Lixão do Roger; o projeto habitacional do CBR; além da construção de três conjuntos habitacionais e equipamentos públicos.

João Pessoa

A canalização e urbanização do vale do Rio Jaguaribe compõe o Programa João Pessoa Sustentável. Segundo a Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), este plano pre-

tende transformar a capital em uma cidade inteligente, através de 60 projetos de urbanização, tecnologia e preservação do meio ambiente, além de mobilidade urbana.

O objetivo de acordo com a PMJP é promover a sustentabilidade através da melhoria urbana, econômica e de gestão. Para isso, busca diminuir a desigualdade, modernizar os instrumentos de planejamento urbano e a prestação de serviços, modernizar a administração pública e fiscal com modelo de gestão por resultados e reestruturar a área de receita.

Também está sendo retomado o mapeamento das nascentes dos rios, para os planos de ação com limpeza, recuperação das áreas, replantio, além das atividades de educação ambiental.

A unidade executora do Programa João Pessoa Sustentável (UEP) é responsável por executar as ações previstas e gerenciar o cumprimento do contrato de empréstimo com o BID.

As ações de requalificação do rio serão definidas de acordo com os apontamentos do diagnóstico

Foto: Marcus Antonius



Processo de degradação

O rio Jaguaribe é considerado uma fonte de sustento das famílias ribeirinhas, sendo a segunda maior fonte de abastecimento de água potável da cidade. No entanto, ao longo dos anos, tem sofrido o impacto do processo de degradação em sua bacia, além de sentir os efeitos do adensamento urbano (concentração populacional e/ou de edificações nidade), da ocupação desordenada de suas margens, do assoreamento e da poluição. Estudos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) afirmam que o lançamento de esgoto e lixo nas várzeas e nas suas águas são a principal fonte de contaminação.

O processo de degradação teve início nos anos 1960 a partir do derramamento irregular de esgoto com a subestação elevatória na avenida Beira-Rio, que fica na Padre Hildon Bandeira. O desvio sofrido na década de 1920 fez com que o Jaguaribe hoje desaguasse no manguezal do Rio Mandacaru (pertencente ao sistema estuarino do rio Paraíba).

Pesquisa da arquiteta e pesquisadora da UFPB, Paula Dieb, constatou que o trecho de rio que restou, entre a nova foz e a primitiva, passou a chamar-se rio Morto. A obra de engenharia sanitária causou um impacto que fez com que o rio Morto passasse a ser afluente do Jaguaribe.

No final dos anos 1990, a ampliação de um shopping center construído na margem direita do Jaguaribe fez com que o rio Morto voltasse a desaguar no mar, sem força suficiente para fluir, romper os cordões litorâneos e completar o seu caminho. Assim, mantém-se, praticamente, estagnado.

SOBRE O RIO

Desde a sua fundação, João Pessoa é banhada pelas águas doces dos rios Sanhauá, onde a cidade nasceu em 1585, durante a colonização portuguesa; o Gramame, o maior em extensão, com 54 quilômetros; e o Jaguaribe, principal rio urbano da cidade. Este último, com 21 quilômetros, corta metade dos 64 bairros da capital, de oeste a leste. O nome do rio vem do tupi-guarani e significa rio das onças, em referência aos povos que habitavam o Litoral paraibano. "O Rio Jaguaribe tem, aproximadamente, 21 quilômetros de extensão, incluídos os 5,5 quilômetros referentes ao trecho conhecido por Rio Morto. Sua atual nascente situa-se ao sul da malha urbana, nas proximidades da Comunidade Boa Esperança. Dali, o rio segue em direção à planície costeira, permeando a cidade" informa a arquiteta Paula Dieb.

De acordo com a pesquisa, a bacia intraurbana do Rio Jaguaribe é responsável pela drenagem de uma área de, aproximadamente, 4.824,52 hectares, sendo formada pelos rios Jaguaribe (o principal) e Timbó, além de pequenos córregos, fontes, lagoas e insurgências.



Foto: Instagram/BotafogoFB

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

MEMÓRIA

Há 45 anos, o Botafogo estreava na elite nacional

Belo só chegou a disputar a principal competição do país por sete vezes e a última aconteceu no ano de 1986, antes da criação do Clube dos Treze

Imagem: Arquivo



EM PÉ: JOÃO CARLOS, EVANDRO, LULA, BALTAZAR, ZÉ LUIS E VINICIUS
AGACHADOS: LUCAS, KALU, REINALDO, MAURO MADUREIRA E VANDINHO

O Botafogo está lutando para voltar à Série A faz tempo - a sua última participação foi em 1986 -, e desde 2014 busca a Série B para sonhar, então, com o retorno à elite do futebol nacional. Chegou a bater na trave duas vezes para chegar à Série B, mas o sonho acabou adiado. Tem torcedor que até imagina o Belo chegando à uma Série A. Porém, o que parece ser um sonho irrealizável no momento, já aconteceu e foi há 45 anos.

Em 1976, o time da estrela vermelha tinha um timaço e estreava na Série A, junto com os melhores times do país. Foi uma estreia com o pé direito na elite do futebol nacional do qual ainda participou por mais seis vezes em 1977, 1978, 1979, 1980, 1985 e 1986, a última no ano anterior à criação do Clube dos Treze. Portanto já faz 35 anos longe da elite.

O Botafogo da época tinha como presidente José Flávio Pinheiro de Lima, um empresário paulista, que veio instalar uma indústria em João Pessoa. Ele era conselheiro do São Paulo, seu time do coração, e acabou se apaixonando também pelo Belo. Influente no Tricolor Paulista, Zé Flávio trouxe grandes jogadores revelados no clube de São Paulo e formou, para muita gente, o melhor time do Botafogo de todos os tempos.

Ele trouxe o lateral Vinícius, o zagueiro Zé Luís, o meia Roberto Viana, os atacantes Mauro e Muller, entre outros. Além disso, o elenco tinha grandes jogadores da região, como Fantick, considerado o melhor lateral esquerdo do clube em todos os tempos, tinha o volante Baltazar (que a torcida queria na Seleção Brasileira), os atacantes Reinaldo e Vandinho, além de Kalu, que era carioca. Para se ter ideia do nível dos jogadores, Mauro, ex-Seleção Brasileira Olímpica, foi comprado pelo Sport e depois, vendido ao Cruzeiro. Roberto Viana foi campeão pelo time principal do São Paulo, no ano seguinte.

Com esse elenco, o Belo foi campeão invicto do Paraibano e na primeira fase do Campeonato Brasileiro, chegou em quinto lugar, com 3 vitórias (1x0 Vitória, 2x0 Treze, 1x0 Fluminense-BA), 3 empates (0x0 Botafogo-RJ, 0x0 CRB e Botafogo 1x1 CSA) e apenas 2 derrotas (3x0 Fluminense-RJ e 2x1 Bahia). O time ainda seguiu para a

segunda fase, mas não entre os principais que foram os 4 melhores de cada grupo. Na fase seguinte, destaque para a vitória sobre o CSA, dentro de Alagoas, por 5 a 3, num jogo memorável.

O Botafogo era muito superior aos adversários paraibanos da época. O Campinense, por exemplo, que foi o primeiro clube da Paraíba a participar de um Campeonato Brasileiro, em 1975, deu um vexame. A Raposa não venceu ninguém, teve 4 empates e 12 derrotas. Já o Treze, que estreou no Brasileiro da Série A, no mesmo ano do Botafogo, terminou na lanterna do grupo E, com apenas 1 vitória

e 7 derrotas.

Para alguns, o melhor time do Botafogo de todos os tempos foi o de 1980, porque venceu o Flamengo de Zico no Maracanã, e o Internacional. Era conhecido como o matador de tricampeões e que terminou na 20ª posição geral, entre os 44 clubes que participaram da competição. Em seguida, o time desandou e perdeu 2 títulos paraibanos para o Campinense. Apesar da façanha do time de 1980, o time de 1976, que terminou em 25º lugar no Brasileiro, entre os 54 participantes, é o preferido dos que fizeram parte do clube nesta época. Um deles é o conselheiro do

Belo, Raimundo Nóbrega.

“Para mim, o time de 1976 era melhor. Só não ficou entre os 4 primeiros do grupo, porque teve um jogo anulado contra o Bahia, quando o Belo ganhava por 1 a 0 e teve um problema nas torres dos refletores. O jogo foi remarcado e depois o time foi derrotado por 2 a 1. Fui testemunha da melhor partida do Botafogo de todos os tempos, contra o CSA, dentro do Rei Pelé. O CSA tinha um grande time, naquela época, e o Botafogo foi lá e venceu por 5 a 3, em um jogo memorável, emocionante”, disse o conselheiro, assegurando que todas essas informações sobre o time de

1976 constam no seu livro “Memória do Botafogo”, a ser lançado brevemente.

O advogado e escritor, também ex-jogador do Botafogo, Di Lorenzo Marsicano, se lembra perfeitamente do time vencedor de 1976.

“O Botafogo já tinha sido campeão paraibano em 1975 e ficaram alguns jogadores para o ano seguinte, como o goleiro Salvino, Nilton, os zagueiros João Carlos e Celso, além de Evandro e Nelson, vindos do Sport. Eles se juntaram a Reinaldo, Benício, Baltazar e Kalu, além dos prata da casa, Vandinho e Fantick. Aí o presidente José Flávio Pinheiro de Lima trouxe Vinícius, Zé Luís, Roberto

Viana, Lucas e Mauro, todos vindo do São Paulo. Eram jogadores de muita categoria, jovens que tinham estourado a idade e não estavam ainda no time principal.

Di Lorenzo não gosta de comparar equipes de anos diferentes, mas quando perguntamos se o time de 1976 era melhor do que o de 1980, ele deu a entender que o de 1976 era o do seu coração.

“A equipe de 1976 marcou muito, estávamos ingressando, em definitivo, no cenário nacional. A partir daí, enfrentamos grandes equipes valendo pontos, não mais apenas em amistosos. Tínhamos deixado para trás os campos e passamos a jogar em um estádio, o Almeidão. Concluindo, digo que não gosto de comparar equipes em épocas diferentes, mas a de 1976 permanece viva na minha retina, como se fosse eterna”, concluiu.

Recordação

Um dos destaques do time de 1976 era o volante Baltazar, um grande marcador e dono de um chute muito potente nas cobranças de falta. Alguns torcedores até pediam a convocação dele para a Seleção Brasileira.

“Foi uma época de ouro para mim. O Botafogo me deu as maiores alegrias como jogador de futebol. Tínhamos um grande time, unido e fechado para vencer os adversários. Me lembro que passamos, inclusive, alguns jogos no Brasileiro, sem tomar um único gol. Acabamos essa escrita na derrota por 3 a 0 para o Fluminense, no Maracanã. Eu adoro a Paraíba e sou muito grato ao Botafogo”, disse o ex-atleta, que hoje reside em Natal.

O lateral esquerdo Fantick, uma prata da casa e um dos maiores laterais da história do clube, fez parte do time de 1976, mas jogou de zagueiro, depois de um longo período fazendo tratamento de uma contusão, que contraiu no ano anterior. Ele entrou no jogo contra o Fluminense, no Rio de Janeiro, e não saiu mais do time titular.

“Eu me recordo bem. Tinha tido um ano de 1975 muito difícil com uma contusão no púbis. Em 1976, chegou a garotada do São Paulo e dos jogadores da casa só tinha eu e Vandinho. Kalu era carioca e Reinaldo era paulista. Era um grande time, muito unido e enfrentava qualquer clube do Brasil, sem medo. Eu guardo para mim, como uma grande recordação”, disse o ex-atleta.

Foto: Divulgação



Para o cronista e ex-diretor do Botafogo, aqui ao lado de Baltazar, o time de 1976 foi um dos melhores da história do clube



Baltazar, José Flávio Pinheiro Lima, os goleiros Salvino, Pompéia, ao lado de Marinho Chagas, um dos melhores laterais do Brasil

Arquivo: Blog do Zé Duarte

NO BRASIL

Sob protestos, a bola vai rolar na Copa América

Torneio começa hoje com a realização de dois jogos: Brasil x Venezuela e Colômbia x Equador

Foto: Lucas Figueiredo/CBF



Neymar treinando falta em atividade da Seleção Brasileira que, neste domingo, disputa mais uma edição da Copa América e estreia diante da Venezuela, em jogo programado para o Mané Garrincha

Apesar da polêmica criada em função da realização no Brasil, onde a maioria da população se mostrou contrária a sua disputa em função do alto número de pessoas infectadas e de óbitos - Argentina e Colômbia desistiram de sediar por conta da pandemia do coronavírus - a 47ª edição do torneio de seleções mais antigo do mundo será disputada entre 10 países participantes. O torneio não muda de formato e os 10 países sul-americanos membros da Conmebol (Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela) participarão desta competição.

Nove títulos da Copa do Mundo da FIFA e algumas das maiores estrelas do futebol mundial estarão em campo para os 28 jogos desta edição, que começa hoje e vai até o dia 10 de julho.

As seleções estão divididas em dois grupos, sendo o primeiro formado por Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai, e o segundo por Brasil, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela.

Na rodada de abertura, o Brasil enfrenta a Venezuela, às 18 horas deste domingo, no estádio Mané Garrincha, em Brasília. Às 21 horas atuam Colômbia e Equador, na Arena Pantanal, no Mato Grosso.

Amanhã, mais dois jogos: Argentina x Chile, no Nilton Santos, a partir das 18 horas, no Rio de Janeiro; e Paraguai x Bolívia, às 21 horas, no Olímpico, em Goiás. Todos os jogos serão nos estados de Mato Grosso, Rio de Janeiro, Goiás e Brasília.

As equipes jogam entre si no mesmo grupo e os quatro melhores se classificam para as quartas de final, fase de mata-mata, até se conhecer o campeão.

Como nos torneios organizados pela Conmebol em 2020, a Copa América 2021 será realizada sob a estrita observância de um pacote de medidas de segurança que atinge tanto os competidores quanto todos os envolvidos no encontro de seleções nacionais, a ser realizado a partir de 13 de junho em 4 cidades brasileiras que receberão os encontros a serem disputados nas diversas etapas programadas.

Os jogadores das diferentes equipes deverão respeitar o estabelecido no regulamento de concentração ou bolha sanitária, que regula o processo de entrada, permanência e saída das equipes de futebol, equipes de árbitros e staff Conmebol. Esta disposição tem o objetivo de permitir a entrada no país anfitrião e posterior permanência ao mesmo, tendo que cumprir plenamente com a regulamentação de segurança em vigor.

Os testes de Covid-19

Antes de cada viagem, todos os membros da delegação oficial (equipes, staff Conmebol e equipe de árbitros) tiveram que realizar os testes PCR de Covid-19 48 horas antes do dia do jogo, com o consequente isolamento dos casos detectados como positivos.

Empresas patrocinadoras retiram exposição de suas marcas durante as disputas da competição

Paulo Favero e Raphael Ramos
Agência estado

Após a decisão da Mastercard de não ativar suas marcas na Copa América, torneio no qual é patrocinadora, outras empresas estão tomando o mesmo caminho. A Ambev anunciou sua decisão. "Ambev informa que suas marcas não estarão presentes na Copa América. A companhia segue com seu compromisso e apoio ao futebol brasileiro", disse.

O afastamento de importantes patrocinadores ocorre em um momento turbulento da principal competição de seleções na América do Sul Segundo Fábio Wolff, sócio-diretor da Wolff Sports & Marketing, a postura da Mastercard, e agora da Ambev, é inédita. "Achei um posicionamento extremamente estratégico, nunca tinha visto uma situação como esta. A sacada da Mastercard faz com que outras sigam esse caminho. Não me surpreenderei se isso ocorrer", comenta.

A Copa América deveria ter sido disputada em 2020, mas, por causa da pandemia de covid-19, foi adiada. A realização conjunta entre Colômbia e Argentina rompeu quando o primeiro, por problemas sociais no país, abriu mão de receber as partidas.

Depois, a Argentina também optou por pular fora, por causa da dificuldade em lidar com o coronavírus.

A partir daí, o Brasil sinalizou que poderia receber, mas em um momento que a pandemia registra números altíssimos. "O evento vem demonstrando uma insegurança há um certo tempo e o cenário não é favorável à imagem. Quando a gente pensa em evento esportivo, imagina algo alegre, que vai unir os

povos, que terá interação. Mas as polêmicas provocam desgastes e o resultado disso é o posicionamento da Mastercard. Ela (a empresa) continua achando a Copa América um baita evento, mas preferiu não se associar neste momento", explica Wolff.

O especialista em marketing lembra que as marcas estão se posicionando cada vez mais, seja de forma natural ou por pressão dos consumidores. "Uma postura como a da

Mastercard e agora da Ambev mostra que as empresas não estão muito à vontade com o que está acontecendo. Então elas se posicionam de forma estratégica, mas também existe um marketing por trás disso, pois as pessoas enxergam os valores da empresa."

Procuradas pelo Estadão, outras empresas como Kwai, TCL, Betsson e Diageo, que patrocinam ou negociam para apoiar a Copa América, não se manifestaram.

Foto: Reprodução/Twitter/Conmebol



Argentina e Colômbia, que se enfrentaram esta semana pelas Eliminatórias do Mundial de 2022, estão em grupos diferentes

Desfalcado, Flamengo terá o América hoje no Maracanã

Ainda sem Rogério Ceni, que está com covid-19, o time não terá Isla, Everton Ribeiro, Gabigol e Arrascaeta

O domingo marca a volta do Flamengo ao Campeonato Brasileiro da Série A, já que na segunda rodada teve o seu jogo contra o Grêmio adiado, ainda sem data marcada pela CBF. O time carioca vai enfrentar o América Mineiro às 16 horas, no Maracanã, e deve contar com os reforços de Gerson e Pedro, ausentes no jogo de Curitiba, na vitória de 1 a 0, pela terceira fase da Copa do Brasil. Isla, Arrascaeta, Everton e Gabigol seguem de fora servindo as seleções do Chile, Uruguai e do Brasil, que novamente será comandado pelo auxiliar técnico Maurício Souza, uma vez que Rogério Ceni se encontra em quarentena por ter testado positivo para covid-19.

Maurício deve colocar Pedro no lugar de Rodrigo Muniz e Gerson no de João Gomes. Everton Ribeiro não joga. Ele pode recuar Vitorino e colocar Michael. O América vem de uma eliminação na Copa do Brasil para o Criciúma, nas penalidades.

Outro jogo que chama muito atenção é o confronto entre Atlético Mineiro e São Paulo, no Mineirão, a partir das 16 horas. Os dois times tiveram sucesso no meio de semana pela Copa do Brasil e avançaram para as oitavas com destaque para a goleada do São Paulo por 9 a 1 no 4 de Julho e o atacante Hulk, em grande fase no Galo mineiro, marcando o gol da vitória sobre o Remo por 2 a 1.

No Campeonato Brasileiro, as duas equipes oscilaram nas duas rodadas. O Galo perdeu na estreia e o São Paulo na segunda rodada. Ainda estão na parte intermediária da tabela de classificação.

Na Arena da Baixada, o Atlético, com 100 por cento de aproveitamento, recebe o Grêmio, no terceiro jogo das 16 horas. Já às 20h30 teremos mais quatro partidas com destaque para Bahia x Internacional pelo fato do time gaúcho estar bastante pressionado. Um novo revés pode aumentar ainda mais a crise no time gaúcho.

Bragantino x Fluminense, Chapecoense x Ceará e Fortaleza x Sport fecham a terceira rodada.



Foto: Divulgação/Coritiba

Depois de vencer o jogo de ida contra o Coritiba, pela Copa do Brasil, o Flamengo volta as suas atenções para o Campeonato Brasileiro



Foto: Pedro Souza/Atlético

O atacante Hulk vem desequilibrando pelo Atlético Mineiro, que hoje terá um duelo bem mais complicado diante do São Paulo, no Mineirão

JOGOS DE HOJE

■ Série A

16h
Flamengo x América-MG
Atlético-MG x São Paulo
Grêmio x Athletico-PR
20h30
Bahia x Internacional
Fortaleza x Sport
Bragantino x Fluminense
Chapecoense x Ceará

■ Série B

16h
Botafogo x Remo
Avai x Brusque
20h30
Vitória x Operário-PR
Coritiba x Londrina

■ Série C

11h
Tombense x Altos
16h
Botafogo-PB x Volta Redonda

JOGOS DE AMANHÃ

■ Série C

20h30
Ferroviário x Santa Cruz

■ Série D

15h
Madureira x Portuguesa
Campinense x América-RN
Santo André x Boavista
Central x Caucaia
Sergipe x Retrô
Rio Branco x Boa Esporte
16h
Goianésia x União Rondonópolis
Nova Mutum x Jaraguá-GO
Porto Velho x Brasiliense
Penarol-AM x Castanhal
ABC x Sousa
Caldense x Ferroviária
Juazeirense x ASA
Paragominas x Tocantinópolis
Cianorte x Inter de Limeira
Caxias x Rio Branco-PR
Marcílio Dias x FC Cascavel
18h
Ypiranga-AP x Atlético-AC
Galvez x GAS

João Pessoa pode promover prova da Stock em 2022

Foto: Secom/IP



O prefeito Cícero Lucena se reúne com representantes da Federação de Automobilismo com o objetivo de garantir o evento

João Pessoa pode comemorar seu aniversário em agosto de 2022 - 437 anos - com uma corrida da categoria Stock Car. Essa é a intenção da Prefeitura da capital, que já desenvolve projeto para viabilizar a realização da prova na cidade. A questão foi debatida na manhã da última sexta-feira, durante reunião entre o prefeito Cícero Lucena e representantes do automobilismo da Paraíba.

"Este é o primeiro passo que temos junto à Federação com o objetivo da cidade entrar no circuito da Stock Car. Os primeiros estudos foram aprovados pela Prefeitura e agora vamos nos aprofundar no projeto para que em 2022 possamos ter esta prova, que será muito importante para o nosso turismo e para o esporte", declarou o prefeito Cícero Lucena.

O presidente da Federação de Automobilismo do Estado da Paraíba (Faep), Otávio Sobrinho, falou sobre o crescimento da categoria no Nordeste. "A Federação Nacional trabalha nesse sentido para que o automobilismo não se restrinja ao Sul e Sudeste. Com esse evento em João Pessoa vamos desenvolver muito este esporte em nível local", afirmou.

A promoção de João Pessoa como destino turístico é um dos benefícios da realização da prova na cidade. "Isso vai ser muito importante porque será possível levar a imagem de João Pessoa para o país inteiro e mesmo para outros países, com transmissão ao vivo. E mesmo no período da prova a cidade ganha ao receber fãs do esporte e as equipes. Queremos que a cidade seja reconhecida como ponto de eventos, lazer e negócios para todo o país", explicou o secretário municipal do Turismo, Daniel Rodrigues.

Quem mora na cidade também vai sair ganhando. A população vai poder desfrutar do evento presencialmente e ganha com a promoção do esporte. "Os estudantes da Rede Municipal vão poder fazer visitas, conhecer a estrutura, os pilotos, o circuito. Este vai ser um projeto pioneiro e que tem tudo para virar referência", destacou o secretário municipal do Esporte, Kaio Márcio.

Ainda participaram da reunião o secretário municipal da Comunicação, Marcos Vinicius, o secretário executivo do Turismo, Ferdinando Lucena e o presidente do Tribunal de Justiça Desportiva da Faep, Francisco Eugênio Neiva.

Botafogo defende liderança hoje contra o Volta Redonda

Belo precisa fazer o dever de casa para seguir na sua caminhada em busca do acesso para a Série B do Brasileiro

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

O Botafogo voltará a campo, neste domingo, muito motivado após a grande vitória sobre o Paysandu, por 2 a 0, dentro de Belém. O Belo enfrenta o Volta Redonda-RJ, que também vem embalado, após uma goleada por 5 a 0 no Manaus. A partida está programada para às 16h, no estádio Almeidão, em João Pessoa. O trio de arbitragem para esta partida será de Sergipe, comandado pela árbitra Fifa, Thayslane de Melo Costa, auxiliada por Renner Lisboa dos Santos e Tâmara Nayara Muhlstedt.

Após a vitória sobre o Paysandu, o Belo assumiu a liderança do grupo A, ao lado do Floresta do Ceará, e hoje tem a oportunidade de se manter na ponta, caso vença o Volta Redonda. Para esta partida, o técnico Gerson Gusmão não poderá contar com dois titulares, o meia-atacante Clayton, que foi expulso e vai cumprir suspensão automática, e o zagueiro Fred, que teve uma distensão no ligamento colateral medial do joelho. Em contrapartida, ele já poderá escalar os dois novos reforços, o atacante Itamar e o zagueiro Jam Pieter. Os dois chegaram esta semana e já foram regularizados.

Tudo indica que ele deverá manter na zaga, ao lado de William Machado, Daniel Felipe, que substituiu muito bem Fred no jogo passado.



Foto: Instagram/Botafogopb

O meia Marcos Aurélio é um dos pilares da equipe botafoguense que busca fazer uma excelente campanha na Série C

Já para o lugar de Clayton, ele tem a opção de deixar o time mais ofensivo, colocando Itamar no comando de ataque, ao lado de Welton e Luã, ou começar o jogo com Marcos Aurélio, que entrou no segundo tempo contra o Paysandu e foi decisivo, marcando inclusive um dos gols. Essas dúvidas o treinador só vai dirimir momentos antes de iniciar a partida.

Volta Redonda

Pelo lado do Volta Redonda, a semana foi de muita tranquilidade e otimismo, depois da goleada de 5 a 0 no Manaus, que nunca havia tido uma derrota em sua história por uma diferença superior a 3 gols e vinha de uma vitória na estreia sobre o Santa Cruz, por 2 a 0. O técnico Neto Colucci gostou muito do rendimento da equipe, mas não quer saber de clima de já ganhou contra o Botafogo.

Segundo o treinador, mais importante do que a goleada foi a forma que o time jogou e espera esta mesma determinação em João Pessoa. Ele quer o time jogando da mesma forma, tanto dentro como fora de casa. A equipe tem dois jogadores retornando de suspensão: são eles Oliveira, lateral direito, e o zagueiro Gabriel Pereira. A equipe fez um excelente Campeonato Carioca, chegando às semifinais à frente de Vasco e Botafogo e tem o objetivo de disputar a Série B no próximo ano.

Campinense recebe América buscando a primeira vitória

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

O Campinense vai em busca neste domingo da sua primeira vitória na Série D do Campeonato Brasileiro. A Raposa estreou na semana passada, com um empate em 3 a 3 contra o Caucaia, no interior do Ceará, quando a equipe foi muito prejudicada pela arbitragem. O adversário do Rubro-negro agora é o América-RN, que estreou na competição com uma vitória de 1 a 0 sobre o Central. O jogo está programado para as 15h, no estádio Amigão, em Campina Grande. O árbitro central da partida será o paraense Olivaldo José Alves Moraes, auxiliado pelos paraibanos Schumacher Marques Gomes e Luís Filipe Gonçalves Correa.

Apesar da necessidade de vitória, para poder ficar na zona de classificação, é possível que o técnico Ranielle Ribeiro poupe alguns jogadores do Campinense, para a primeira partida das finais do Campeonato Paraibano, contra o Sousa, quinta-feira, em Campina Grande. A possível novidade da Raposa para esta partida é a estreia dos três reforços contratados esta semana: o volante Serginho Paulista, o



Foto: Samir Oliveira/Campinense

O técnico Ranielle Ribeiro ainda está invicto no comando do Campinense

atacante Pedro Gabriel e o zagueiro Weverton. A princípio, se quiser manter o time titular que vem jogando, Ranielle não poderá contar com o lateral Felipinho, que foi expulso no jogo contra o Caucaia e cumprirá suspensão automática. Por outro lado, quem está à disposição do treinador é o volante Cleidson Pink, que foi liberado pelo departamento médico.

América

Pelo lado do América-RN, a grande novidade é para a estreia do meia Mazinho. O

jogador é um ídolo da torcida, e foi fundamental no acesso da equipe para a Série B, em 2011. Agora, ele está de volta, mais experiente, com 33 anos, após passar por equipes paulistas e até de fora do país. Ele deverá entrar no lugar de Geovani ou Elvinho.

O técnico português, Daniel Neri (campeão PE pelo Salgueiro em 2020 e campeão maranhense 2021, pelo Sampaio Corrêa), acha que a equipe está em crescimento e agora com a chegada de Mazinho, tem tudo para fazer uma grande campanha.

No Frasqueirão

Sousa enfrenta o ABC, mas de olho na decisão estadual

Iago Sarinho

iagosarinho@gmail.com

Vindo de vitória na estreia do Campeonato Brasileiro da Série D, diante do Atlético Cearense no último fim de semana, o Sousa agora volta a suas atenções para um confronto que vale o topo da tabela no grupo 3 da quarta divisão. O embate será hoje, diante do ABC de Natal, no estádio Frasqueirão, às 16h, na capital potiguar. No entanto, o time sertanejo também vive a expectativa da final do estadual e, por conta disso, pode poupar atletas para o desafio de hoje.

O jogo contra o ABC, mesmo ainda na segunda rodada da Série D, já surge como um embate que pode ser decisivo para as pretensões do Sousa na competição, pois a partida será contra umas das equipes favoritas dentro do grupo 3, chave considerada como "grupo da morte" da quarta divisão, por contar com outras equipes tradicionais como o América de Natal, Campinense e Treze, além dos dois representantes do Ceará, o

Atlético, semifinalista do seu estadual e o Caucaia.

No entanto, o Sousa não esconde que a prioridade, nesse momento, é a disputa do estadual, onde a equipe poderá, em caso de título, conquistar uma vaga para a Copa do Nordeste e também o seu terceiro título paraibano. Diante dessa situação, o clube realizou testes de prevenção a lesões visando identificar o grau de desgaste físico e muscular de seus atletas para definir quem poderá ir para o jogo contra o ABC sem riscos de desfalcar a equipe para a decisão contra o Campinense, cujo primeiro embate será na pró-

xima quinta-feira (17), em Campina Grande. "Realmente, a cabeça do Sousa está nas finais do Campeonato Paraibano, mas temos esse confronto pela Série D, antes disso. Para definir a equipe, foi feito, ao longo da semana o exame para a detecção da condição muscular dos atletas e, praticamente metade do nosso elenco se encontra com risco elevado de contusão, por isso, é provável que joguemos com uma equipe mista, nessa partida em Natal, pois a prioridade é a decisão do Estadual que vale uma Copa do Nordeste", afirmou Aldeone Abantes, presidente do clube.

Foto: Jeffersonemmanuel/Sousa



O técnico Índio Ferreira deve poupar alguns titulares contra o ABC



Pelas ruas da capital paraibana, bancas de revista diversificam produtos para se adaptar às novas demandas dos consumidores. Comerciantes contam que jornais e publicações impressas hoje dividem espaço com souvenirs e tabacaria

Da efervescência cultural ao declínio

Parte da paisagem urbana até décadas atrás, as bancas de jornal praticamente desapareceram em tempos digitais

Carol Cassoli
Especial para A União

Eram prateleiras nas paredes cobertas de revistas e encartes repletos de cores, histórias e vida. Já na entrada, convidativas capas de jornais trazendo as mais diversas notícias dos mais variados lugares do mundo. Poucos metros quadrados que pareciam enormes. Amontoados em seus pequenos balcões, lápis e canetas, guloseimas, petiscos, maços de cigarro, isqueiros e as tão procuradas figurinhas colecionáveis. As bancas de jornais traziam a missão, quase mística, de abrir as janelas do mundo na mente de quem as visitava. Mas, hoje, este mundo mágico já é mundo antigo.

Atualmente, as bancas seriam algo como um “museu de novidades”. Espaços cheios de retalhos de um passado não tão distante, mas que não é mais possível perceber, nem nos tradicionais pontos da capital paraibana. Foram os tempos áureos, ficaram as lembranças de tantas histórias que passaram por aquelas caixas de metal, com pouco mais de um metro quadrado. Em João Pessoa, por exemplo, restou às bancas o brilho das memórias e a árdua tarefa de reinventar sua atuação para, quem sabe assim, sobreviver em meio a um mundo hiper conectado, que se eximiu do prazer de visitas às bancas de jornal.

A família Tavares é uma das que teve parte de sua história tangenciada por bancas de jornais e seus produtos. Nalim é filha única e conta que, em meados de 2006,

“Eu compro em bancas praticamente a minha vida inteira, é um passatempo desde criança”, comenta o professor Edwendell Lima

sua mãe a presenteou com um álbum de figurinhas, inserindo a jovem (que à época não passava de uma criança) em um novo mundo de cores e entretenimento. “Era um álbum das princesas. Eu lembro que, na escola, várias pessoas também tinham e aí a gente se reunia no intervalo para trocar figurinhas”, lembra. Hoje, aos 21 anos, Nalim não se esquece dos círculos de crianças que aumentavam a cada intervalo e a cada novo álbum também.

“Meus pais me levavam nas bancas para comprar gibis e as figurinhas para meus álbuns”, a universitária conta que o álbum das princesas deu início à sua coleção e à tradição de completar álbuns junto de seus primos; costume que perdurou até a última Copa do Mundo, em 2018. “Minha tia comprou um álbum pra Bella também e a gente sempre dava as figurinhas repetidas uma pra outra”, a jovem explica que o hábito surgiu em parceria com sua prima, Isabella Borba, e se expandiu para os irmãos dela, Igor e Isis.

O professor de línguas Edwendell Lima frequenta estes espaços desde criança e também guarda nas bancas algumas de suas melhores recordações: “Eu compro em bancas praticamente a minha vida inteira, é um passatempo desde criança. Sempre que minha mãe me levava ao centro eu pedia para que ela me levasse em todas as bancas das imediações.”

Edwendell lembra carinhosamente dos tempos áureos desses espaços. “A quantidade delas nos últimos anos decresceu vertiginosamente e bancas que eram tradicionais, como a Viña Del Mar, estão vendendo outros produtos em vez de revistas por causa desses eventos que o Brasil tem passado. E isso me dá uma tristeza especial, porque ela, possivelmente, é a primeira banca em que entrei”, lamenta.

+ Vidas entre negócios, folhas e histórias

Destacam-se entre tantas memórias, as tradicionais Viña Del Mar e Banca Central, responsáveis por movimentar os produtos da imprensa paraibana, sem titubear, por anos a fio até levarem uma rasteira do tempo e outra da tecnologia.

Em João Pessoa, a banca Viña Del Mar comandou, por mais de 40 anos, o mercado das apostilas para concursos públicos. Especializada no material preparatório, a banca se distinguiu pela venda dos mais variados encartes para estudos e, ainda hoje, mesmo com a queda da demanda, é procurada pelos concurseiros. “Nos anos 2000, isso aqui fervia toda vez que saía a publicação de um novo edital para concurso”, conta Anne Marie, que cresceu vendo o pai, Assis, oferecer os mais diversos conteúdos aos pessoenses. A atual responsável pela derradeira das quatro bancas que compunham o conjunto Viña Del Mar relata que assumiu o legado do pai e pretende levar o negócio até quando puder.

“O segmento de revistaria vem caindo consideravelmente desde 2019 e a pandemia agravou a situação, infelizmente”, Anne explica que a queda do movimento foi consequência da falta de produtos; porque, com o advento dos recursos tecnológicos, parte das distribuidoras de impressos migraram para o digital.

Aos 29 anos, Anne Marie gerencia a Viña Del Mar e reconhece que, mesmo ainda tendo procura, a banca sobrevive com base na venda de outros produtos: “Alguns leitores ainda vêm atrás de revistas, mas a verdade é que eles já estão acostumados com o ‘não’ e hoje a banca se sustenta da venda de produtos de tabacaria e conveniência”, lamenta.

Há 25 anos Reginaldo Araújo, comanda a Banca Central (que é especializada na venda de histórias em quadrinhos e miniaturas) e, durante este período, não

pôde ignorar as mudanças no perfil de seus clientes e, consequentemente, de seu negócio também. “A gente tenta se manter financeiramente, mas, hoje, é um negócio difícil de manter. Sinceramente, somos sobreviventes”, lamenta.

Cliente fiel, Edwendell percebe que o desaparecimento das bancas está relacionado, dentre outros fatores, à internet. “Eu compro pela internet também, mas ainda assim, continuo comprando em bancas. É uma tradição que eu não gostaria de perder, porque eu realmente gosto da sensação de olhar as revistas disponíveis à minha frente; pegar, folhear e isso a internet não concede. Enquanto as bancas não morrerem de vez, eu estarei lá”, relata o professor.

Ele que se refere ao conjunto de lojas da internet como “o grande dragão que a tudo consome e tudo domina”.

O futuro das bancas

Hoje, o conteúdo das bancas já não está mais restrito à pequena caixa de metal que costumava guardar mundos e expandir os horizontes de quem buscava, ali, conhecimentos diversos. É por isso que, com leitores recebendo conteúdos nas pontas dos dedos, as bancas precisaram se transformar em estantes, vitrines e prateleiras de colecionadores; oferecendo o que pode atrair os transeuntes. “Hoje, nosso carro forte são os artesanatos e os produtos de tabacaria”, observa Anne Marie, apontando as bolsas artesanais e panos de prato expostos na entrada da banca.

Além disso, é possível encontrar aquelas que, antes, ofereciam “de tudo e mais um pouco” e, atualmente, resistem oferecendo apenas “mais um pouco”. Este é o caso da Banca Maia, que oferece uma infinidade de itens de conveniência. Entre balas, pirulitos e afins, a atendente da banca, Vitória Ribeiro, explica que a história da Maia é semelhante à da Viña Del Mar e de tantas outras: “O pessoal ainda procura revistas de vez em quando, mas a verdade é que a gente sobrevive das vendas de conveniência”.



Reginaldo Araújo, comanda a Banca Central e se considera um “sobrevivente”, frente às mudanças do consumo de publicações impressas

CURIOSIDADE

■ Por que “banca de revista”?

Ainda no século XIX, os jornais eram entregues por garotos - conhecidos como jornaleiros - que ofereciam os periódicos porta a porta e, em seguida, vendiam o que sobrava para aqueles que circulavam pelas ruas.

Registros históricos dão conta de que os jornaleiros do Rio de Janeiro, cansados de carregar os pesados fardos de jornal, passaram a armar uma bancada - composta por uma tábua sobre dois caixotes de frutas - e oferecer os jornais ali. Com o tempo,

os jovens perceberam que vender em um ponto fixo permitia reunir uma clientela permanente e ainda possibilitava que os garotos oferecessem um número maior de opções, com exemplares variados.

Desta forma, os pontos de venda passaram a ser chamados de “bancas de jornais” e, futuramente, se tornariam os espaços físicos permanentes como se conhece atualmente. Por conta disso, as bancas também se tornaram pontos de encontro e referência nas cidades e, hoje, recebem mais curiosos em busca de localizações que à procura de conhecimento.

Fernando Silveira

Campinense por adoção fez rádio e o hino da cidade

Hilton Gouvêa
 hiltongouvearaujo@gmail.com

O jornalista, dramaturgo, radialista, poeta, e educador Fernando Silveira, nasceu em Fortaleza (CE) no dia 01 de janeiro de 1920. Mas adotou a Paraíba como sua terra em 8 de dezembro de 1949, quando chegou a Campina Grande para a inauguração da Rádio Borborema e dirigiu-a utilizando sua rara versatilidade, por determinação de Assis Chateaubriand, o todo poderoso dono da rede Emissoras de Diários Associados. Assim, os campinenses também tornariam esta data inesquecível, pois essa rádio de ondas curtas e tropicais, surgia como a terceira fundada na Paraíba, criando inovações nunca transmitidas por aquelas bandas, por ser um dos prefixos mais importantes do país, relata o escritor e jornalista Gilson Souto Maior.

"Ele morreu aos 70 anos de idade, acometido pelo mal de Parkinson, doença que o atormentou por mais de uma década", lembra a professora pública Domênica Silveira, filha de Fernando. "Minha mãe, Otacília Silveira, teve 10 filhos com meu pai e toda a família sempre foi unida". Segundo ela, Fernando era um profissional de mil instrumentos e estava em permanente alerta para descobrir novidades que servissem para enriquecer seu trabalho como teatrólogo, jornalista, escritor, educador e jornalista.

Na Rádio Borborema, alguns dos sucessos eram os programas ao vivo – entre eles Serapião e Faustina -, dois personagens

que se tornaram populares para os ouvintes campinenses. "Já pisando firme em solo serrano, Fernando Silveira providenciou outros nomes competentes, para auxiliá-lo na tarefa de propagar, com bom gosto, as ondas hertzianas da Rádio Borborema, naquela época ouvida em Campina Grande, na Capital, no Brejo, Cariri e Sertão Paraibano, além de boa parte do agreste de Pernambuco", explica Gilson Souto, que pesquisou a vida profissional de Silveira durante cinco anos.

Junto com Fernando, chegaram à Rádio Borborema, inicialmente, Hilton Motta, José Jathá, Gil Gonçalves, Cristóvão Barros de Alencar, Leonel Medeiros, Palmeira Guimarães, Epitácio Soares, Ramalho Filho, Genésio de Sousa, Félix Araújo, Rosil Cavalcanti e Eraldo César. À medida em que a Rádio Borborema ganhava popularidade entre os ouvintes e patrocinadores, ele comandou novas programações

ao lado Juracy Palhano, Deodato Borges, Amaury Capiba, Ari Rodrigues, Luismar Resende, José Rodrigues, Luis Pereira, Joel Carlos, Nelson Amaral, Severino Quirino, Ariosto Sales, Josusmá Viana, José Tavares, Ary Ribeiro, Mário Eugênio, Cirilo Rodrigues e Marilda Ferreira.

Na década 1949-59, Silveira foi responsável por uma vasta programação, com considerável aceitação pública, dentre elas se destacando: a novela O Anjo Negro – esta e outras foram levadas também ao ar, pela rede Tupy de Rádio e Televisão -, a encenação da Paixão de Cristo, com radioatores da Rádio Borborema e alguns programas humorísticos como O Primo Rico e o Primo Pobre.



Foto: Acervo da família

Fernando Silveira criou programas de sucesso como o dos personagens Serapião e Faustina. E outros de projeção que foram até veiculados pela Rede Tupi

Ao vivo

Jornalista foi o primeiro diretor da Rádio Borborema, convidado por Assis Chateaubriand

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

De férias, mas ainda por aqui

Depois de tantas luas passadas, chega a hora de tirar férias. Por isso, o textão a que vocês estão acostumados vai se transformar em pílulas informativas.

Medalha

A Assembleia Legislativa da Paraíba aprovou, no dia 7 de junho, a concessão de uma comenda para o jornalista Daniel Motta, que atua hoje em São Paulo na Record TV (após passar um tempo na CNN Brasil) Daniel foi agraciado com a Medalha do Mérito Jornalístico. Honraria merecidíssima!

Premiação

Os jornalistas paraibanos Hermes de Luna e Richelle Bezerra (na foto ao lado) tiveram trabalhos reconhecidos pela edição 2020 do Prêmio Banco do Nordeste de Jornalismo em Desenvolvimento Regional. Richelle (portal Ideia Positiva Online) venceu o Grande Prêmio Nacional com a matéria "Resilientes: empresários revelam alternativas que os fizeram se readaptar e seguir em frente mesmo com a pandemia". Já Hermes (TV Correio) conquistou a premiação na categoria Regional-Paraíba com a reportagem "Energia de sol à sola". Meus parabéns aos colegas!

Olho na telinha

O administrador Mário Tourinho, leitor fiel desta coluna e conhecido pela maioria dos jornalistas paraibanos pela atuação à frente do Sintur-JP (de 1993 a 2016), elogiou recentemente a performance do apresentador Pedro Canísio (Bom dia Paraíba). Conforme relato de Mário, após ler a reclamação de um telespectador sobre o fato de os motoristas nada fazerem em relação às pessoas que viajam sem máscara nos ônibus, Pedro Canísio comentou que o "coitado do motorista não tem culpa nenhuma nisso". E enfatizou: "Se ele, o motorista, for pedir para alguém usar a máscara, pode até sofrer uma agressão, uma reação intempestiva, pois, hoje em dia as pessoas estão muito reativas".

Foco na equipe

Nos dias 28 e 29 de junho, será realizado o "Fórum Empresas que Melhor se Comunicam com Colaboradores". O evento é organizado pelas Plataformas Melhor RH e Negócios da Comunicação e ocorrerá de forma on-line, das 14h às 19h45, via YouTube. Foram reunidos os maiores especialistas de comunicação interna em uma programação que inclui debates, cases e reflexões sobre as melhores práticas na formação da nova comunicação com os colaborado-

res. As inscrições são gratuitas.

Conteúdo digital

A Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) lançou o curso gratuito "Monitoramento e investigação de conteúdos digitais". O programa de treinamento é voltado a jornalistas e estudantes de jornalismo com o objetivo de monitorar temas, personagens e plataformas digitais. Com o apoio do Google News Initiative, o curso também vai tratar da investigação de conteúdos produzidos pela audiência e conteúdos suspeitos que disseminam desinformação no ambiente virtual. As inscrições vão até 30 de junho, e a capacitação ocorrerá entre os dias 5 e 23 de julho.

Audiência

A jornalista Tay Alexandre, que atua com consultoria em redes sociais para médicos, trouxe uma informação muito interessante em seu perfil no LinkedIn: "Sete segundos. Este é o tempo que você tem para despertar a atenção da sua audiência, segundo Susan



Foto: Reprodução/Arquivo pessoal

Weinschenk, autora do livro 'Apresentações brilhantes'. Ao abordar o tema da "atenção", citando um caso ocorrido em um salão de beleza, Tay Alexandre coloca em cena uma pergunta necessária: "Será que o paciente vai ao consultório 'só' para se consultar ou quer ser ouvido?". E finaliza: "A verdade é todos querem ser ouvidos".

Uma trajetória ligada às artes, à comunicação e à vida pública

"Na esteira de aceitação desses programas, o público também gostava de Balança, Mas Não Cai, Uma Pulga na Camisola (de Max Nunes) e outros. O amor de Fernando Silveira por Campina Grande é retratado nos versos que ele escreveu para o hino oficial da cidade, com música do maestro Antônio Guimarães," completa Gilson Souto. Ele bacharelou-se em línguas neolatinas (Letras) pela Faculdade Católica de Filosofia de Olinda-PE e, em Direito, pela Faculdade de Direito de João Pessoa, PB.

Domenica Silveira abriu o álbum da família, para contar a trajetória profissional de seu pai: em 1939, funda, em Fortaleza, um Conjunto de Cultura Teatral e a Revista Ilustrada. Torna-se Sócio-fundador da Associação Cearense de Cinema.

Incicia no Rádio Teatro como ator. Começa no teatro com as peças O Único Defeito e Ou Tudo ou Nada. Representou em mais de 100 novelas, muitas elogiadas pela crítica. Percorre o país com uma trupe de teatro mambembe, fazendo apresentações no Rio, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Norte, Paraíba e outros estados.

Em 1943, casa com a potiguar Otacília Silveira. Ela com 18 anos, ele com 23. No ano seguinte, retorna a

Fortaleza e escreve seu primeiro livro, A Lenda da Aldeia Perdida. É um romance em forma de novela. Em 1947 começa a trabalhar no Rádio Teatro, apresentando sua obra na Rádio Clube Ceará, como redator e produtor.

Dois anos depois, assume a direção da Rádio Borborema, em Campina Grande. Aqui, as novelas criadas por Silveira foram disponibilizadas para as rádios coirmãs Tupi (RJ) e Rádio Clube de Pernambuco (Recife). Em 1956 é condecorado com a medalha La Fontaine (versão bronze). Foi oferta do governo francês, por sua contribuição ao rádio e teatro. Transferiu-se para a Rádio Clube de Pernambuco pouco depois. E inicia o Curso de Pedagogia, na Faculdade Católica de Olinda (PE).

Em pouco tempo volta à Campina Grande e Ingressa na Faculdade Católica de Filosofia. Entre as línguas neolatinas que estudou, aprimorou o português e o espanhol. No quadriênio 1959-63, cumpriu mandato de vereador, em Campina Grande. Fixou-se no objetivo de transformar Campina Grande num modelo de cidade cultural.

Em seguida, faz requerimento dirigido ao então senador Assis Chateaubriand, para a instalação de uma retransmissora de TV em Campina Grande. Criou projeto para editar, em



Foto: Acervo da família

Foto do professor Silveira no dia em que recebeu do prefeito Evaldo Cruz o certificado do hino de Campina Grande

Campina Grande, uma revista trilingue (português, inglês espanhol). A meta era divulgar o centenário de Campina Grande. Lecionou nos colégios Estadual da Prata, Das Damas, Diocesano e Pio X. Foi Diretor da Escola Normal. Diretor e professor do Ginásio Moderno Carmem Silveira, educandário de sua propriedade, batizado com o nome da mãe. Outro educandário próprio, tinha o nome de seu pai, Instituto José Silveira.

Em 1970, retorna a João Pessoa para assumir a Assessoria da Casa

Civil, no Governo Ernani Sátiro. E, em 1972, assume a direção do Núcleo Artístico da Rádio Correio da Paraíba (na capital), onde também cria o Programa Bandeira 2, de grande audiência, destinado aos taxistas que pernoitavam nas praças do aeroporto, do Terminal Rodoviário e do Centro de João Pessoa. No ano de 1975, vence o concurso para a criação da letra-poema do hino oficial de Campina Grande. Também publica os livros O Chamado da Terra e A Cabeça de João Batista.

Tocando em frente

Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

A(s) Lista(s) (Oswaldo Montenegro)

Como memorialista contumaz ou até mesmo como um saudosista inveterado, sempre me emociono quando ouço a música "A Lista" (2001), composição do menestrel carioca Oswaldo Montenegro (1956), aquele que nos legou a bela e saudosista canção "Bandolins" (1980), em parceria com Zé Alexandre.

Num momento em que estamos perdendo tantos amigos, em época tão negra como se nos apresenta esta tal de covid-19, não há como não "parar pra pensar" no tema: "Faça uma lista de grandes amigos / Quantos você mais via há dez anos atrás (sic) / Quantos você ainda vê todo dia / Quantos você já não encontra mais".

Numa realidade transposta para a vida de cada um de nós, é pertinente uma reflexão, sobretudo ao ouvirmos "A Lista". Ou seria somente eu que me emociono? Mas, vamos "tocando em frente", sensibilizando-nos com mais duas músicas/textos que nos levam a essas reminiscências.

Paulinho da Viola, em 1996, gravou um álbum antológico, a partir do nome que ele escolheu "Bebadosamba" – escrito assim mesmo –, mas bem que poderia ser "Beba do Samba" ou "Bêbado samba" ou até mesmo "Bebo do samba". Falei "antológico", até no nome... (Chico César também gosta

de fazer esse jogo semântico, como o fez, incluindo uma vírgula do seu álbum "Respeitem meus cabelos, brancos", de 2002, numa clara e feliz referência à música de Herivelto Martins, "Cabelos Brancos" – Carnaval de 1949).

Mas, voltando a Paulinho. No mesmo álbum, especificamente na faixa "Memórias Conjugais", ele faz bela dedicatória ao amigo e parceiro musical Aldir Blanc (1946-2020), cruz-maltino, como ele. Em declamação, na gravação de "Bebadosamba", ele profere uma invocação, chamando alguns que fizeram a velha guarda. Diz ele: "Chama que o samba semeia a luz de sua chama". Ele, então, chama, entre outros, Cartola, Ismael, Paulo da Portela, Ventura, João da Gente, Claudionor, Ismael, Noel, Pixinguinha, Donga, João de Barro, Cyro Monteiro, Geraldo Pereira, Wilson, Zé com Fome, Monsueto, Néelson Cavaquinho, Arnold, Mano Duarte, Manassés, Raul...

Enquanto Paulinho, em 1996, "chama", Vinícius, já em 1967, o fazia no "Samba da

Bênção", quando "pedia a bênção", a Pixinguinha, Sinhô, Cartola, Ismael Silva, Heitor dos Prazeres, Néelson Cavaquinho, Geraldo Pereira, Cyro Monteiro, Nonô, Noel, Ary (Barroso), Antônio Carlos Jobim, Baden Powel, Moacir Santos, velhos amigos e parceiros musicais, e até a Carlinhos Lyra, contemporâneo nosso.

Com um bom arremate, o Poetinha justifica-se: "Porque o samba é a tristeza que balança / E a tristeza tem sempre uma esperança / De um dia não ser mais

triste não / Feito essa gente que anda por aí brincando com a vida. / Cuidado, companheiro!"

Por fim, um (Paulinho) chama, nos caminhos do outro (Vinícius) que, respeitosamente, pede a bênção.

Mas, "qualquer semelhança com a realidade não terá sido mera coincidência". Compositores e amigos, apenas externaram o mesmo sentimento de falta dos nossos autênticos sambistas e de respeito à nossa música popular brasileira.



COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Instagram: @walterulysses
 E-mail: chefwalterulysses@hotmail.es

Se eu pudesse mudar esse momento que estamos vivendo...

Amanhã é um dia muito especial para mim, pois é o dia do meu aniversário. Nesta segunda-feira, 14 de junho, estou completando meus singelos 47 anos de vida, de muita vida.

E como vejo o tanto de colegas e amigos que se foram por conta dessa pandemia, hoje passei a viver muito mais interessante do que antes vivia, só que com todas as medidas de segurança.

Já passei por muitos altos e baixos que nem imaginava que iria sair daquele momento. Com toda certeza daria um bom filme com um grande roteiro de muitas risadas e também de muitas lágrimas. Afinal, a vida não é só feita de momentos felizes. Talvez muitos não saibam o que seja a dor da alma, eu sei o que ela significa na vida! Não que eu seja, nem queira mostrar nada de diferente do que fui e sou, mas a vida é vida o tempo todo, cada milésimo de segundo.

Este momento que estamos vivendo de pandemia, em mais um ano, é uma coisa estranha, pois não sei se só eu vivo com pensamentos de muitas interrogações. Sei que amanhã é meu aniversário, um momento que deveria ser só meu e vivido com pessoas ao meu redor que amo, pois como eu mesmo falo, essa data nunca teremos novamente, e seria um momento de estar muito feliz. Mas faltam muitas coisas, até porque eu me padeço de situações de colegas e amigos pelo qual estão passando nesta pandemia, alguns doentes com covid e suas empresas fechadas. A outra é a redução de falta de convívio mais próximo de quem amamos, os nossos familiares mais idosos, um silêncio muitas vezes gerado na alma e tantos porquês e ao mesmo tempo situações que não podemos ajudar como eu queria!

A igreja somos nós, pois somos templos do Espírito Santo de Deus, então essa conversa

peço ter com o criador do Universo e se por acaso ele me perguntasse qual seria meu desejo para meu dia ser mais especial amanhã, eu não pensaria duas vezes em pedir a cura dessa doença, que tanto vem destruindo famílias, acabando empregos, fazendo uma verdadeira destruição em muitos lares.



Vejo que não só a doença tem feito estragos no mundo, mas o mundo está ficando doente de outras formas com a pandemia. Quando falo isso não estou falando só no financeiro, mas espiritual, solidão, depressão, falando diretamente é um momento desesperador onde não se tem cura, nem uma saída.

Histórias que vão aumentando, de amigos,

colegas, conhecidos, de conhecidos de conhecidos, de pessoas que não conhecemos, as histórias de falecimento da doença, falências, fechamentos dos negócios, desemprego, dívidas, como vão pagar suas contas e assim por diante. Quando isso chegar a um novo, novamente novo normal, pode ser de muitos choros e rangeres de dentes.

Meus 47 anos amanhã, tenho mais uma história para contar e essa é bem diferente de muitas para colocar neste filme ou mesmo livro. Quem nunca ouviu essa frase antes?

Pode parecer que escrever um livro, plantar uma árvore e ter um filho sejam apenas atos, mas te digo que não.

São muito mais do que apenas atitudes que podem se esvaír no tempo. Eu só peço a Deus vida longa e saúde para correr atrás do que amo em meu trabalho, que é cozinhar, pois neste momento inseguro ficamos todos com uma pulga atrás da orelha.

São atos que deixarão um legado, uma memória, uma reputação. E assim sigo minha vida desejando o melhor neste meu momento para que todos nós sejamos renovados de um momento diferente pelo qual vivemos hoje, que saíamos livres de um mal pior, que o Deus todo poderoso cuide de todos nós.

Parabéns a todos assim como eu, que têm essa mesma energia positiva de um desejo de felicidade para todos.

Obrigado a minha família por tudo e gratidão a todos por sempre estarem ao meu lado em todos os momentos, e a todos da família A União, por todo carinho e respeito de sempre com esse cozinheiro (um chef é um eterno cozinheiro) colunista que tanto amo o que faço.

Viva la vida.

E a minha também!

PRATO DO DIA **Risoto do amor**

Ingredientes

- 1kg de filé de camarão
- Noz moscada
- 500g arroz arbóreo
- 300 ml de espumante
- 2 bandeijas de morango cortada ao 1/2
- Alho poró cortado em rodela finas
- Geleia de frutas vermelhas
- Hortelã 20 folhas
- Manteiga 02 colheres de sopa
- Sal e pimenta do reino a gosto
- 250g queijo brie
- 250g queijo parmesão
- 1lt de caldo de legumes para regar o risoto

Modo de preparo:

- Acrescente uma colher de manteiga na panela, em seguida acrescente o alho poró e a metade dos morangos, refogue rápido e acrescente o arroz arbóreo.
- Quando sentir que o arroz está colando na panela acrescente o caldo até cobrir e vá administrando até o ponto correto que queira o cozimento. Em uma frigideira tempere os camarões com sal, pimenta do reino e noz moscada com manteiga coloque em uma frigideira para assar e reserve.
- Na panela do risoto acrescente as folhas de hortelã, corrija com sal, pimenta do reino a gosto e noz moscada, acrescente o espumante e os camarões que já foram refogados e misture tudo. Sirva como está na fotografia.

PITADAS A GOSTO

O brie é nada menos que o rei dos queijos. Essa coroa foi cedida por realezas autênticas – reis e rainhas no Congresso de Viena em 1814, que o escolheram como um dos queijos mais macios e saborosos da França. Inclusive, seu nome presta homenagem ao seu local de origem: a província francesa de Brie.

A característica marcante no brie é sua maturação de “dentro para fora”, resultando num queijo super cremoso. É classificado como semi gordo (até 27% de gordura), rico em triglicérides e proteínas. Em geral, é produzido em formato cilíndrico com 30 a 35 cm de diâmetro e uma altura média de 3 cm, num peso de até 2 quilos. É fácil identificá-lo, pois é encoberto por uma fina camada de mofo branco.



QUENTINHAS

Uma cesta deliciosa da Sublime Dolci junina na sua casa com: Bolo de Pé de Moleque 300g, Bolo de Pamonha de forno 300g, Bolo de Macaxeira 300g, Bolo de Rolo de Paçoca 300g, Bolo de Rolo de Milho 300g, Torradinha de Bolo de Rolo 100g, Canjica 400g, 04 palhas italianas amendoim crocante, 04 bem casados personalizado de bolo de rolo de goiabada. Com entrega inclusa para toda João Pessoa por apenas R\$ 150. Tá esperando o que? Chama no direct do meu Instagram @sublimedolci ou no telefone 99801-6096.

A Gorlami Pizzaria Delivery está com uma super novidade que é a pizza de frango aos quatro queijos e muitas promoções que dão direito até a entrega grátis. Seu Instagram é @gorlami.JP ou no telefone 2178-8140.

A Feijoada e Fava Sabor de Casa está a todo vapor, com entrega para toda João Pessoa, e com um valor incrível. Para duas pessoas o valor é de R\$ 20 e para uma pessoa o valor é de R\$ 15. Chama no telefone 98612-9230.